

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

**GIOVANA BERTOLDO VIVEIROS
ROBERTA SALLES MOURÃO
VÍCTOR GABRIEL DE FREITAS**

RELATÓRIO TÉCNICO

**A ESCOLA DO NEM:
OS IMPACTOS DO NOVO ENSINO MÉDIO NA
EDUCAÇÃO DOS JOVENS NO ESTADO DE SÃO PAULO**

**CAMPINAS
2023**

**GIOVANA BERTOLDO VIVEIROS
ROBERTA SALLES MOURÃO
VÍCTOR GABRIEL DE FREITAS**

**A ESCOLA DO NEM:
OS IMPACTOS DO NOVO ENSINO MÉDIO NA
EDUCAÇÃO DOS JOVENS NO ESTADO DE SÃO PAULO**

Relatório de Produção Jornalística apresentado à disciplina ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO DE PROJETO EXPERIMENTAL da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência final para aprovação na referida disciplina, sob orientação da Profa. Dra. Rosemary Bars Mendez.

**PUC-CAMPINAS
2023**

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana A Bracchi CRB 8/10221
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

V836e

Viveiros , Giovana Bertoldo

A escola do NEM: os impactos do novo ensino médio na educação dos jovens no estado de São Paulo / Giovana Bertoldo Viveiros , Roberta Salles Mourão, Víctor Gabriel de Freitas . - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

112 f.

Orientador: Rosemary Bars Mendez.

TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Educação . 2. Jovens . 3. Novo ensino médio. I. Mourão, Roberta Salles . II. Freitas , Víctor Gabriel de . III. Mendez, Rosemary Bars . IV. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. V. Título

CDD

Sumário

INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO 1.....	5
1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico.....	5
1.2 Modalidade.....	7
1.3 Justificativa.....	9
1.4 Processo de apuração.....	10
1.5 Seleção de fontes.....	15
CAPÍTULO 2.....	18
2.1 Desenvolvimento da produção.....	18
2.2 Processo de edição.....	21
2.3 Projeto/proposta de divulgação.....	24
2.4 Custos e gastos.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
ANEXOS.....	30
ANEXO I. ROTEIRO - EPISÓDIO 1.....	30
ANEXO II. ROTEIRO - EPISÓDIO 2.....	39
ANEXO III. ENTREVISTAS.....	49
ANEXO IV. AUTORIZAÇÕES DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM.....	76

INTRODUÇÃO

O Novo Ensino Médio (NEM) foi instituído no Brasil em 2016, durante o governo do ex-presidente Michel Temer, por meio da Medida Provisória 746¹. A política governamental alterou por completo o ensino médio, a etapa final da educação básica no país. Segundo Ferreira e Ramos (2018), os motivos apresentados para justificar a mudança foram a evasão escolar, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) estagnado em 3,7 pontos desde 2011, a ausência de preparação para inserção dos jovens no mercado de trabalho, a falta de diversificação da grade curricular e o fomento às escolas de tempo integral.

Em 2017, a MP foi aprovada pelo Congresso Nacional e foi sancionada a lei 13.415/2017², que alterou a lei 9.394/1996, relacionada às Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Após a alteração, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) passou a ser composta por quatro áreas do conhecimento: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e ciências humanas e sociais aplicadas.

São Paulo foi o primeiro estado a implementar o Novo Ensino Médio nas escolas da rede pública³. A implementação do NEM foi iniciada no ano letivo de 2021, durante a pandemia, para os mais de 450 mil alunos matriculados na 1ª série do ensino médio, em mais de 3,6 mil escolas estaduais.

Para investigar e debater os problemas relacionados à implementação do Novo Ensino Médio nas escolas públicas do Estado de São Paulo, a qualidade do ensino e as projeções para o futuro dos estudantes, o grupo optou por desenvolver o podcast seriado A Escola do NEM como projeto experimental. O podcast é uma mídia sonora que tem como meio de difusão a internet. As principais características são a divisão em episódios, linguagem simples, liberdade de temas e abordagens e o baixo custo de produção (Falcão; Temer, 2019).

Dentro do podcast existem várias categorias narrativas, como os episódios seriados, categoria escolhida pelo grupo. A serialização do produto permite que os personagens inseridos na temática do podcast tenham espaço para contar suas

¹ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/mpv/mpv746.htm>. Acesso em: 28 set. 2023.

² Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em: 28 set. 2023.

³ Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/educacao-sp-apresenta-itinerarios-formativos-para-o-novo-ensino-medio/>> Acesso em: 20 out. 2023.

histórias com começo, meio e fim e, principalmente, estabelecer um debate com os outros entrevistados. Além disso, essa categoria permite que o ouvinte tenha autonomia em relação aos demais episódios, sejam anteriores ou posteriores, sem que seja necessário seguir uma ordem correta de episódios (Alves e Lopez, 2019 apud Machado, 2000).

Para promover essa narrativa no podcast A Escola do NEM, o grupo ouviu alunos do segundo e terceiro ano do Novo Ensino Médio, um professor da rede pública de ensino, uma mãe de estudantes da rede estadual paulista, uma presidente de entidade estudantil, um presidente de cursinho popular, uma pesquisadora especialista em educação e a Diretoria de Ensino Campinas Oeste, da Secretaria Estadual de Educação. O objetivo com as entrevistas foi promover um debate acerca da implementação do Novo Ensino Médio no estado de São Paulo, as consequências da reforma educacional e as projeções para o NEM paulista em 2024.

O público-alvo do podcast A Escola do Nem foi traçado pelo grupo a partir do objetivo do podcast. O projeto experimental é direcionado para alunos a partir dos 14 anos, idade em que geralmente iniciam a última etapa da educação básica, professores, pesquisadores e pais de estudantes.

Este relatório apresenta o processo de produção do grupo ao longo do segundo semestre de 2023 para a realização do podcast seriado A Escola do NEM. O projeto experimental tem o principal objetivo de contribuir para as discussões atuais e futuras sobre o Novo Ensino Médio no Brasil e, principalmente, no estado de São Paulo. O podcast A Escola do NEM e o relatório técnico foram produzidos durante o ano letivo de 2023, em que a primeira turma paulista concluiu os estudos com base no modelo instituído em 2021. A edição do projeto foi realizada durante a aplicação da avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e das primeiras fases de vestibulares de ingresso da Unicamp, Unesp e USP.

CAPÍTULO 1

1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico

Instituído em 2016 durante o governo do ex-presidente Michel Temer, por meio da medida provisória (MP) 746/2016⁴, o Novo Ensino Médio (NEM) é uma política governamental que alterou o formato do ensino médio brasileiro, a etapa final da educação básica. “Trata-se da maior mudança ocorrida na educação brasileira nos últimos anos, desde a Lei das Diretrizes e Bases da Educação”, segundo o Ministério da Educação⁵. A MP, que diz respeito à decisão da Presidência da República, tem força de lei, sendo editada sem a participação do Poder Legislativo.

De acordo com Ferreira e Ramos (2018), a MP 746 apoiou-se em diversos motivos para justificar seu caráter de urgência, como a quantidade de jovens fora da escola, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) estagnado em 3,7 pontos desde 2011, o despreparo para inserção dos jovens no mercado de trabalho, a falta de diversificação da grade curricular e o fomento à implementação de escolas de tempo integral.

Após aprovação da MP, em 2017, pelo Congresso Nacional, foi sancionada a lei 13.415/2017⁶, que alterou a lei 9.394/1996, relacionada às Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Com a atualização, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) passou a ser composta por quatro áreas do conhecimento: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e ciências humanas e sociais aplicadas.

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino [...] § 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino (Brasil. Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, Art. 4º).

Para Cássio e Goulart (2022), sem investimentos na estrutura física das escolas e na contratação e valorização de profissionais da educação, não há

⁴ Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm>. Acesso em 28 set. 2023.

⁵ Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/39621-publicada-a-medida-provisoria-que-re-formula-o-ensino-medio>>. Acesso em 28 set. 2023.

⁶ Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em 28 set. 2023.

possibilidade de a flexibilização do currículo do ensino médio beneficiar os estudantes de escola pública. Os autores ainda afirmam que a reforma educacional oferece menos escola justamente para os que mais precisam da educação.

O NEM aprofunda a fragmentação do ensino médio, expulsa setores da população jovem da educação básica, superficializa a formação escolar, intensifica drasticamente o trabalho docente, barateia a qualificação profissional da juventude, cria novas barreiras para o acesso ao ensino superior público – prejudicando especialmente estudantes que sempre tiveram as piores condições de escolarização –, e estabelece estruturas articuladas de privatização da educação, sobretudo com a ampliação do ensino a distância. (Cássio; Goulart, 2022, p. 290).

Com base na discussão sobre a implementação do Novo Ensino Médio nas escolas públicas do país e as consequências para o ensino, infraestrutura e o desenvolvimento do aluno dentro da escola estadual, o grupo optou pelo podcast como produto jornalístico para o projeto experimental. O objetivo deste trabalho é explanar um olhar crítico sobre a implementação do Novo Ensino Médio (NEM) nas escolas públicas estaduais de São Paulo e debater se a maneira como essa política governamental foi executada pode prejudicar o aprendizado dos estudantes e a preparação e aprovação nos vestibulares para ingresso no ensino superior.

A partir de depoimentos de especialistas em educação, professores e estudantes inseridos no Novo Ensino Médio e da participação de um representante da educação estadual, estabeleceu-se uma discussão sobre a implementação e funcionamento do NEM no Estado de São Paulo, pontos positivos e negativos do novo formato de ensino e se a grade curricular atende às necessidades dos estudantes diante do vestibular e do objetivo de ingressar no ensino superior.

O podcast conta com dois episódios com duração de 15 minutos cada, que buscam apresentar a origem e implementação do Novo Ensino Médio no estado de São Paulo, o desenvolvimento e aprendizado dos alunos diante dos novos componentes curriculares e a preparação desses estudantes para os vestibulares. A premissa deste produto é fornecer conteúdo à discussão acerca do NEM e ampliar o espaço de debate sobre essa política educacional.

1.2 Modalidade

O gênero escolhido para o produto do projeto experimental é o audiovisual e o formato é o podcast seriado. O grupo optou pelo audiovisual, pois permite abordar diversos tópicos sobre o Novo Ensino Médio, o que possibilita o aprofundamento das histórias dos personagens e análises das fontes especialistas.

Para Falcão e Temer (2019), o podcast é uma mídia sonora cuja difusão ocorre por meio da internet, pelas plataformas digitais. Entre as características estão a divisão em episódios temáticos, a linguagem mais simples, liberdade de temas e formas de abordagem e baixo custo de produção.

A pesquisa *The Infinite Dial 2023* da *Edison Research* com *Amazon Music*, *Wondery* e *ART19*⁷, da empresa norte-americana *Edison Research*, de 2023, mostrou que 42% dos americanos com mais de 12 anos ouviram um podcast no último mês, um novo recorde histórico, acima dos 38% em 2022. A maioria dos americanos com idade entre 12 e 54 anos (53%) ouviu um podcast no último mês.

A pesquisa *Podcast Consumer 2017*, também realizada pela *Edison Research*, entre 2016 e 2017, revelou que 24% dos entrevistados afirmaram ter ouvido pelo menos um podcast entre janeiro e fevereiro, e 15% tinham ouvido na última semana, o equivalente a 64 e 42 milhões, respectivamente. Outro dado levantado na pesquisa evidenciou que o percentual de indivíduos daquele país que tinha familiaridade com o termo *podcasting* subiu de 22% para 60%⁸.

Já um levantamento feito em 2020 pela PodPesquisa, que realizou análises de audiência na pandemia de covid-19, com base em diversos estudos lançados nesse período, estimou que só no Brasil, em 2020, teriam cerca de 34,6 milhões de ouvintes⁹.

Uma das explicações para essa ascensão e adesão do público à nova mídia é a mudança de comportamento dos usuários em relação a tecnologia. Com a popularização dos *smartphones* e de outros recursos de acesso à internet, associados principalmente ao aumento da velocidade de navegação, os usuários passaram a preferir o streaming ao invés do *download* (Vicente, 2018).

⁷ Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/infinite-dial-2023-from-edison-research-with-amazon-music-wonderly-and-art19/>> Acesso em: 13 nov. 2023.

⁸ Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>> Acesso em: 30 set. 2023.

⁹ Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/the-podcast-consumer-2017/>> Acesso em: 29 mai. 2023.

Com isso, de um modo geral, a prática do download dos arquivos de mídia e posterior reprodução foi substituída pela audição online do episódio de um determinado podcast, seja com a utilização de um computador ou smartphone – diretamente do site de seus realizadores –, ou de um dos muitos agregadores de podcasts hoje existentes (Vicente, 2018, p 3).

Vicente (2018) ressalta que outro elemento que levou à ascensão do podcast nos últimos anos foi a periodicidade da produção e transmissão de episódios de um único programa. No podcast, o ouvinte estabelece-se na periodicidade de produção de novos episódios, podendo ser diária, semanal, mensal etc., ou seja, o ouvinte acompanha determinado podcast baseado na periodicidade que aquele produto é disponibilizado nas plataformas de áudio. Ainda é possível ouvir o podcast na periodicidade que encaixe na rotina de cada um, o que permite ao ouvinte a liberdade de escolher o tempo ideal para escutar o episódio sem comprometer qualquer informação ou cronologia do programa.

Nesses termos, a prática do podcasting tem proximidade com um serviço de streaming, como o Netflix, que fornece séries, documentários e filmes – originais ou não – para exibição sob demanda e desvinculados da grade de programação de uma emissora (Vicente, 2018, p.10).

Além da periodicidade da produção e transmissão, os podcasts podem ser acessados na web de maneira simples a qualquer hora e de qualquer dispositivo, como *smartphones*, computadores ou *tablets*. Essa possibilidade de acesso cria uma interação do ouvinte com o áudio disponibilizado. O usuário escolhe um programa e pode ouvir a hora que quiser, tendo a possibilidade de repetir trechos, voltar ao início, ir para o final e controlar a emissão da mensagem sem perder a informação. Isso permite que o usuário exerça uma autonomia em relação àquela mídia, já que o controle de tempo e conteúdo fica à sua escolha.

Para os autores Alves e Lopez (2019 apud Machado, 2000) existem três categorias de narrativas serializadas com base na experiência do autor com produtos televisivos: capítulos, episódios seriados e episódios unitários.

Nos episódios seriados, categoria escolhida pelo grupo, a narrativa possui personagens que vivenciam histórias com começo, meio e fim e com autonomia em relação aos demais episódios, sejam anteriores ou posteriores.

Realizado em 2020, o levantamento do PodPesquisa¹⁰ mostrou que 23,6% do público entrevistado prefere podcasts que tenham duração de 10 a 30 minutos. A pesquisa também levantou dados sobre a preferência do público por plataformas digitais para ouvir podcasts, e o *Spotify* foi a opção de 87,1% dos entrevistados.

A partir de todos os pontos levantados sobre a ascensão e categorias do podcast, duração dos episódios e plataformas digitais disponíveis para divulgação, o grupo optou pela produção de um podcast seriado com dois episódios de 15 minutos cada. Essa escolha foi para que o ouvinte pudesse acompanhar o desdobramento do debate e os diversos pontos abordados pelas fontes, sem que a escuta se tornasse muito densa ou desinteressante. Outro ponto levado em consideração foi permitir que o ouvinte pudesse escutar os episódios sem ficar preso a uma ordem e nem regras temporais.

Com base nas pesquisas, o grupo optou pelo *Spotify* como plataforma digital para a publicação do produto, possibilitando que o ouvinte acompanhe direto pelo celular e computador o lançamento de cada episódio. Além disso, é possível fazer *download* para escutar *offline*, curtir, compartilhar em outras redes sociais e salvar o conteúdo em uma biblioteca personalizada pelo próprio usuário. A escolha por essa plataforma atinge tanto o público que paga para utilizar o *Spotify*, como o usuário dono de uma conta gratuita. Após conversa com a orientadora, o grupo também decidiu publicar o produto na plataforma *SoundCloud*, por conta da facilidade para realizar a postagem do material e para atingir ouvintes que não estão no *Spotify*.

1.3 Justificativa

O produto jornalístico se justifica pelo interesse do grupo em abordar o debate sobre a implementação do Novo Ensino Médio (NEM) nas escolas públicas brasileiras, principalmente após o crescimento da discussão acerca do tema, impulsionado pelas manifestações pedindo a revogação da reforma educacional. Em março de 2023, a União Brasileira dos Estudantes Secundarista (UBES) organizou um ato pela revogação do Novo Ensino Médio na Avenida Paulista, em São Paulo¹¹. A manifestação também ocorreu em outros estados do país.

¹⁰ Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>> Acesso em: 30 de set de 2023.

¹¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/15/estudantes-fazem-ato-na-av-paulista-pela-revo-gacao-do-novo-ensino-medio.ghtml>> Acesso em: 30 set. 2023.

Em Campinas, no mês seguinte, a União Campineira dos Estudantes Secundaristas (UCES) realizou uma manifestação pela revogação do Novo Ensino Médio¹². O ato contou com a presença de partidos políticos, entidades sindicais e vereadores de Campinas.

Portanto, o podcast A Escola do NEM surge da necessidade de entender a realidade dos estudantes das escolas públicas do Estado de São Paulo após a implementação do NEM. O objetivo do projeto experimental é ampliar o debate entre estudantes, professores e estudiosos da área da educação sobre a maneira como o Novo Ensino Médio paulista foi executado e debater se a política governamental pode ser prejudicial ao aprendizado e ao futuro profissional e pessoal dos estudantes.

A decisão do formato podcast seriado para o desenvolvimento do projeto foi baseada na proposta do grupo para organização do produto: divisão em episódios, aprofundamento das histórias e pontos de vista dos personagens, compreensão, análises e discussão sobre o tema e a busca por respostas para o futuro do ensino público estadual.

1.4 Processo de apuração

O processo de apuração deste projeto começou pela decisão de abordar um tema relacionado à educação. Inicialmente, a ideia era tratar dos obstáculos enfrentados por alunos de escola pública e cursinhos populares em busca de uma vaga no ensino superior. No entanto, após a banca de qualificação com orientações dos professores Artur Vasconcellos Araújo e Juliana Doretto, ficou evidenciado que o Novo Ensino Médio (NEM), um dos tópicos que seriam abordados na ideia inicial, é um assunto atual, extenso e com ampla gama de possibilidades para se tornar o protagonista do projeto. A partir disso, o grupo reformulou a temática para abordar a implementação do Novo Ensino Médio na rede estadual de ensino e discutir se a estrutura da nova política educacional atende as necessidades pedagógicas para os estudantes se prepararem para os vestibulares.

Depois de definir o NEM como tema do projeto, o grupo começou a se aprofundar no assunto, por meio de notícias, artigos de especialistas e análises

¹²

Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/04/19/estudantes-protestam-no-centro-de-campinas-contr-a-o-novo-ensino-medio.ghtml> > Acesso em: 30 set. 2023.

sobre a medida provisória (MP) 746/2016, que instituiu o Novo Ensino Médio, e a conversão para a lei 13.415/2017. As buscas para a pesquisa foram feitas na internet, em sites de jornais, de entidades de educação, do Governo do Estado de São Paulo e diretorias de ensino, e os trabalhos acadêmicos consultados foram acessados pelas plataformas Google Acadêmico e SciELO.

Após as pesquisas, o grupo pôde constatar que o principal debate em torno do Novo Ensino Médio, de acordo com Cássio e Goulart (2022), é que a divisão da etapa final da educação básica em áreas do conhecimento e a criação de itinerários formativos, que acabam por substituir matérias antes obrigatórias, com mais espaço na grade curricular, como física, química, história, geografia e outras, está relacionada ao interesse de instituições privadas em convencer e preparar os jovens para o mercado de trabalho, o que conseqüentemente acaba por afastar deles a possibilidade de ingresso no ensino superior.

[...] as escolas de estudantes mais pobres estão sendo submetidas a um esvaziamento curricular muito mais profundo do que aquelas que atendem jovens mais privilegiados. Falta infraestrutura, faltam professores/as e faltam políticas de permanência estudantil para permitir que jovens trabalhadores/as possam frequentar as tão comemoradas escolas de tempo integral (Cássio; Goulart, 2022, p. 289).

Segundo Cássio e Goulart (2022), a maneira como o NEM foi implementado impediu que estudiosos da área da educação, professores, alunos e comunidades escolares fizessem suas contribuições para elaboração da nova política educacional. Essa limitação da participação contrariou “as promessas de protagonismo e livre escolha que deram o tom dos discursos em prol da reforma nos últimos anos” (Cássio; Goulart, 2022, p. 287).

Em carta aberta publicada em junho de 2022, assinada por mais de 300 entidades, a Rede Escola Pública Universidade (REPU) afirmou que:

A implementação da Reforma do Ensino Médio pelos estados durante a pandemia revela mais uma de suas facetas perversas, impossibilitando o debate democrático, dificultando o controle social e aprofundando processos de precarização e privatização da educação pública (REPU, 2022, p. 2).

Essa, inclusive, é a principal queixa de professores¹³ que lecionam na rede estadual de ensino: o Novo Ensino Médio foi aprovado sem que houvesse um amplo debate sobre o tema. Esses professores, agora divididos por áreas de conhecimento, dão aulas que não necessariamente têm relação direta com sua área de formação, mas são agrupadas nas áreas de linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e ciências humanas e sociais aplicadas. Isso significa que uma mesma disciplina pode ser lecionada por um professor de história, geografia, sociologia ou filosofia, mesmo que cada área de formação tenha suas particularidades.

Ainda segundo a REPU, o NEM “induz jovens de escolas públicas a cursarem itinerários de qualificação profissional de baixa complexidade e ofertados de maneira precária em escolas sem infraestrutura” (REPU, 2022, p. 4). Tendo em vista todas as falhas encontradas na implementação do Novo Ensino Médio, desde a aprovação autoritária da MP 746/2016 até a execução da política educacional nas escolas públicas, a carta aberta pede a revogação do NEM e a instauração de um amplo processo de discussão amparado na democracia.

Como explicado até aqui, com objetivo de abordar a implementação do NEM nas escolas estaduais paulistas, a vivência de alunos e professores e as perspectivas para o futuro diante da reforma educacional, o grupo aprofundou as pesquisas e optou pelo podcast seriado como produto jornalístico, o que possibilitou a promoção de um debate entre os estudantes, professores e fontes oficiais entrevistadas. A intenção do grupo foi explorar ao máximo as falas dos entrevistados, principalmente os que estão sendo diretamente afetados pelo Novo Ensino Médio, como alunos e professores. Por isso, o conteúdo do podcast foi dividido em dois episódios, para que o ouvinte pudesse entender as histórias sem que a narrativa se tornasse maçante.

Para colocar em prática a proposta do podcast seriado, foram realizadas entrevistas com as fontes selecionadas. Durante a apuração, o grupo percebeu que professores e alunos inseridos no Novo Ensino Médio (NEM) têm uma série de críticas em relação ao modelo. Andreza Barbosa¹⁴, doutora em educação e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas, tem

¹³ Informação obtida em entrevista com o professor de história Samuel Nogueira. A transcrição consta na página 64.

¹⁴ Entrevista realizada presencialmente no dia 11 de out. 2023. Transcrição na página 52.

várias ressalvas quanto ao NEM. A estudiosa apontou que, apesar de o NEM se tratar de uma lei federal, cada estado implementou a sua própria política educacional. Na rede pública estadual paulista, foram criados 12 itinerários formativos e a escolha do estudante por um deles faz com que ele deixe de ter as disciplinas dos outros itinerários. Segundo a educadora, a aprovação do Novo Ensino Médio foi equivocada e os interesses nessa reforma vão além dos educacionais, com intervenção de empresas e instituições privadas.

A estudante Jacqueline Ferreira¹⁵, de 17 anos, está no terceiro ano do ensino médio e decidiu assistir às aulas do Cursinho Popular Professor Chico Poço. A jovem passa o dia inteiro na escola e à noite vai para o cursinho, onde tem aulas de matérias tradicionais como física, química, história etc. Apesar de ter algumas disciplinas que considera interessantes no itinerário formativo da escola, a estudante afirmou que gostaria de assistir às aulas das disciplinas tradicionais também durante o dia, como fez enquanto cursava o primeiro ano do ensino médio.

Durante entrevista, o professor de história Samuel Nogueira¹⁶ afirmou que o itinerário formativo das escolas estaduais é reducionista. Para o educador, é desconfortável dar aulas que não são de sua área de formação e a interdisciplinaridade, entre todas as áreas do conhecimento, faz com que as aulas sejam rasas e superficiais. Samuel também afirmou que a grade curricular do NEM nas escolas públicas é desfavorável diante dos vestibulares para ingresso no ensino superior e que os próprios alunos se sentem em desvantagem em comparação à rede particular de ensino.

Uma mãe de dois estudantes do NEM¹⁷ da rede estadual de ensino em Campinas foi ouvida e trouxe apontamentos relevantes para o trabalho. A fonte preferiu não se identificar por motivos particulares e o grupo respeitou a decisão, adaptando inclusive a autorização de cessão de imagem para o projeto experimental, que autoriza o uso da entrevista, mas não a divulgação do nome da entrevistada no podcast. Em entrevista, a mãe afirmou estar preocupada com o desempenho dos filhos diante do vestibular, considerando que os jovens não têm aulas sobre conteúdos comumente cobrados nas avaliações.

¹⁵ Entrevista realizada remotamente no dia 23 de set. 2023. Transcrição na página 69.

¹⁶ Entrevista realizada remotamente no dia 25 de set. 2023. Transcrição na página 64.

¹⁷ Entrevista realizada remotamente no dia 10 de out. 2023. Transcrição na página 60.

Em entrevista, Matheus Naville Gutierrez¹⁸, presidente do Cursinho Popular Professor Chico Poço de Jundiaí, afirmou que o cursinho recebe muitos estudantes que frequentam o NEM durante o dia e à noite percebe grande interesse dos alunos em ter disciplinas e aprender conteúdos que não estão sendo vistos na escola. O educador afirmou que, enquanto os itinerários formativos fazem com que o estudante precise escolher entre determinadas disciplinas, as universidades continuam exigindo os mesmos conteúdos de todas as matérias e não pretendem se adequar ao Novo Ensino Médio. Para o professor, o pior problema do NEM é a forma como foi implementado, sem consulta pública.

Fábio Daniel Martins Júnior¹⁹, de 18 anos, mora no bairro São José, em Campinas, e estuda no segundo ano do Ensino Médio na Escola Estadual Vitor Meirelles, no bairro São Bernardo. Fábio começou a cursar o novo currículo em 2023. A matéria de artes foi retirada da grade curricular do estudante e as cargas horária das disciplinas de matemática e português foram reduzidas. Fábio afirmou que enfrenta uma grande defasagem no conteúdo dessas matérias, visto que os professores não conseguem aprofundar o conteúdo estudado e seguem com o cronograma mesmo que metade da classe não tenha entendido o assunto.

Em entrevista, Ana Karollina da Silva²⁰, de 19 anos, presidente da União Campineira de Estudantes Secundaristas (UCES), afirmou que o Novo Ensino Médio é um projeto de sucateamento da educação e que não prepara os jovens para prestar vestibular. Durante a entrevista, Ana também disse que escuta relatos de estudantes desistindo dos vestibulares e do sonho de frequentar uma universidade.

Patrícia Adolf Lutz²¹, dirigente de ensino Campinas Oeste, disse que o Novo Ensino Médio foi desenvolvido para potencializar o viés profissional da formação oferecida pelas escolas. Na entrevista, Patrícia também afirmou que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo ouve as pontuações que os alunos fazem sobre o NEM e que, inclusive, isso levou a pasta a propor uma reestruturação para 2024.

Para dar andamento no projeto experimental, o grupo se reuniu semanalmente às terças-feiras com a professora orientadora, Rosemary Bars Mendez, e manteve contato nos outros dias para alinhar demandas do trabalho. Para manter a organização, foram criados um grupo no *WhatsApp* e uma pasta no

¹⁸ Entrevista realizada remotamente no dia 29 de set. 2023. Transcrição na página 67.

¹⁹ Entrevista realizada remotamente no dia 21 de out. 2023. Transcrição na página 72.

²⁰ Entrevista realizada remotamente no dia 13 de out. 2023. Transcrição na página 56.

²¹ Entrevista realizada remotamente no dia 23 de out. 2023. Transcrição na página 49.

Google Drive com todos os artigos científicos consultados durante a pesquisa, documentos e entrevistas com as fontes, para que todos tivessem igual acesso a todo o projeto.

O agendamento das entrevistas gravadas foi feito à medida que as entrevistas iniciais eram realizadas. Ao todo, as oito entrevistas foram divididas de forma que dois integrantes conversassem com três fontes e um integrante ouvisse outros dois entrevistados. A maioria das entrevistas foi realizada e gravada remotamente e, no geral, cada uma durou entre 30 e 40 minutos. Com todos os áudios disponíveis no *Google Drive*, foram feitas as decupagens para montagem do roteiro do podcast.

A escolha do nome do podcast foi difícil, por envolver o uso da sigla NEM, abreviação de Novo Ensino Médio. Todos os nomes que o grupo pensava não davam pistas sobre o assunto do podcast e isso era um problema, já que um dos objetivos do nome, além de identificar o trabalho, é atrair os ouvintes. Após algumas conversas e listas de nomes, os integrantes chegaram à opção A Escola do NEM, resultado de um *brainstorming* durante uma aula de orientação. O grupo concluiu que o nome, simples e direto, identifica que o assunto a ser tratado é o Novo Ensino Médio e como ele funciona dentro das escolas.

1.5 Seleção de fontes

A seleção das fontes do presente trabalho foi iniciada após o grupo definir o enfoque do podcast. Com o objetivo principal de explicar as visões dos envolvidos no processo de implementação do Novo Ensino Médio, a equipe procurou estudantes às vésperas de prestar vestibular, professores que atuam na rede pública de educação e especialistas em pedagogia com uma visão crítica ao modelo.

Pelo fato de São Paulo ter se antecipado ao restante do país e ter colocado o NEM em prática nas escolas ainda em 2021, o grupo escolheu apenas alunos desse estado, uma vez que, em 2023, serão os primeiros e únicos do Brasil que participarão de processos de seleção ao ensino superior, formados pelo novo currículo. Para compreender como foi traçado cada detalhe do Novo Ensino Médio e as razões pelas quais o estado aderiu aos itinerários antes de todas as outras unidades da federação, também foi contatada uma representante da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Inicialmente, o grupo partiu em busca das fontes que poderiam colaborar com o projeto através da visão acadêmica em relação ao NEM. Foram escolhidas duas

pesquisadoras em educação. A primeira foi Maria Auxiliadora Bueno Andrade Megid, com extenso currículo na área da pedagogia, mestrado e doutorado em educação, e 46 anos de atuação como professora, sendo 25 no ensino básico (educação infantil e ensino fundamental) e 21 no ensino superior, onde trabalhou com a formação de professores. No contato inicial estabelecido com a especialista, a respeito do Novo Ensino Médio, ela revelou ser contrária ao modelo e considerou que ele “amplia o abismo existente entre aqueles que estudam na rede pública e os que podem ser mantidos na rede privada de ensino”²².

Já a segunda pesquisadora foi Andreza Barbosa, também mestre e doutora em pedagogia e ainda ativa na profissão de docente. Ela, inclusive, estuda atualmente políticas educacionais. Também trabalhou por décadas na educação básica e é professora no ensino superior desde 2004, sendo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas e com passagens por outras instituições desde 2013. Na entrevista com o grupo, Andreza afirmou que o NEM tem potencial para aumentar significativamente a desigualdade entre estudantes de escolas públicas e particulares, um dos pontos explorados no podcast.

Após as escolhas dessas fontes, a equipe partiu em busca de personagens que pudessem compartilhar suas experiências iniciais com o NEM em sala de aula. A proposta foi a de expor as opiniões de professores que estão trabalhando com o modelo. Por isso, o grupo ouviu o presidente do Cursinho Popular Professor Chico Poço, de Jundiaí, Matheus Naville Gutierrez, doutorando e mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Unicamp, com mais de dez anos lecionando em escolas e, principalmente, em cursos populares. Em primeiro contato, ele afirmou que alunos do terceiro ano do Ensino Médio que estudam na instituição estão tendo uma defasagem na preparação para o vestibular. Além dele, também foi contatado o professor Samuel Nogueira, formado em História pela PUC-Campinas e que atua na rede pública estadual de ensino há quatro anos, tendo passado por três escolas. Ele compartilhou as questões estruturais que dificultam a plena execução do Novo Ensino Médio nas escolas e o desgaste sofrido pelos professores.

As principais vozes entre os personagens afetados pelo NEM no podcast são as dos estudantes. Na seleção, foram priorizados alunos que estudam em instituições públicas e que sonham com o esperado momento do vestibular e a

²² Pré-entrevista realizada no dia 3 de jun. 2023. O grupo optou por seguir apenas com a participação da especialista Andreza Barbosa, indicada pela própria Maria Auxiliadora Bueno Andrade Megid.

conquista de uma vaga no ensino superior. É o caso de Jacqueline Ferreira, de 17 anos. Sua rotina é dedicada aos estudos quase que integralmente - ela fica na escola das 7h30 às 16h30 e vai ao cursinho preparatório no turno da noite. O sonho da jovem é cursar jornalismo na USP.

Fábio Daniel Martins Júnior, de 18 anos, é o segundo estudante ouvido no podcast. Diferente de Jacqueline, ele não está no último ano do Novo Ensino Médio, mas sim no segundo, prestes a avançar de série. Também é coordenador-geral do grêmio estudantil. O jovem prestará vestibulares como treineiro este ano e também está preocupado com a escassez de conteúdos ministrados em sala de aula. O sonho de Fábio é cursar história na Unicamp.

O grupo julgou relevante o posicionamento de entidades estudantis em relação ao NEM. A União Campineira dos Estudantes Secundaristas (UCES) foi representada no podcast pela presidente da entidade, Ana Karollina da Silva, de 19 anos. Ela revelou que a UCES irá lutar pela revogação completa do Novo Ensino Médio, pois considera que a política é prejudicial aos alunos de escolas públicas.

O grupo também entrevistou uma mãe de dois alunos que cursam o Novo Ensino Médio na rede estadual em Campinas, que dias antes da entrega do projeto experimental, pediu para que tivesse a identidade preservada por motivos particulares. A mãe considera que as escolas estaduais e municipais não têm a estrutura adequada para que a proposta do Novo Ensino Médio seja implementada com êxito.

Por fim, o grupo entrou em contato com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, para obter o posicionamento do poder público sobre o Novo Ensino Médio. A entrevistada foi Patrícia Adolf Lutz, Dirigente de Ensino de Campinas Oeste. Durante a conversa, ela afirmou que o NEM foi benéfico para os alunos paulistas e adiantou algumas alterações previstas para 2024, como a redução no número de itinerários formativos.

CAPÍTULO 2

2.1 Desenvolvimento da produção

De fevereiro a agosto de 2023, o tema deste projeto experimental foi alterado três vezes até que fosse tomada a decisão final de abordar o Novo Ensino Médio (NEM) no Estado de São Paulo. Inicialmente, a primeira ideia tinha como objetivo retratar a vida e os desafios de diferentes tipos de vestibulandos, como os de escolas públicas e cursinhos populares, escolas particulares e estudantes com mais de 30 anos, todos enfrentando diferentes realidades em busca de uma vaga no ensino superior. Após orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto Roldão durante o primeiro semestre, o grupo percebeu que tinha em mãos muitas temáticas extensas para aprofundar em um único projeto experimental, por isso redefiniu a rota e optou por abordar os desafios enfrentados por estudantes de escolas públicas e cursinhos populares para ingresso no ensino superior. Ainda assim, o trabalho não tinha um escopo bem definido e trazia muitas temáticas para serem abordadas.

Somente após a banca de qualificação em agosto, com orientação do Prof. Me. Artur Vasconcellos Araujo e da Profa. Dra. Juliana Doretto, e supervisão da Profa. Dra. Rosemary Bars Mendez, o grupo decidiu que o tema do projeto experimental seria a realidade dos estudantes do Novo Ensino Médio (NEM) do Estado de São Paulo, os desafios e a busca pelo ingresso no ensino superior. Com a temática definida tardiamente, o grupo teve certa dificuldade em realizar a gravação das entrevistas, por conta do pouco tempo restante para desenvolver a produção.

Apesar de o tema ter sido definido apenas em agosto, o grupo tinha pré-entrevistas realizadas no primeiro semestre do ano com fontes consultadas para produção do projeto experimental. No entanto, algumas fontes só puderam ser entrevistadas entre os meses de setembro e outubro, já que houve a reformulação de tema no segundo semestre e boa parte do trabalho precisou ser refeita e reestruturada.

Com objetivo de abordar a implementação e o desenvolvimento do Novo Ensino Médio (NEM) no estado de São Paulo e os desafios dos estudantes da rede estadual diante dos vestibulares, as fontes selecionadas foram estudiosos da área da educação, professores, alunos e uma porta-voz da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC) Campinas. Os entrevistados foram abordados pelo grupo por meio de contato telefônico, redes sociais e e-mail.

Na busca de um pesquisador da área da educação, o grupo recorreu ao corpo docente da PUC-Campinas e entrou em contato com a Profa. Dra. Maria Auxiliadora Bueno Andrade Megid no primeiro semestre de 2023. Durante o contato, a pesquisadora indicou a também Profa. Dra. Andreza Barbosa, do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas. Após a pré-entrevista com as duas especialistas, o grupo optou por seguir apenas com a participação de Andreza Barbosa, que fez colocações importantes para o projeto experimental.

O professor de história Samuel Nogueira foi contatado após a indicação de uma amiga dos integrantes do grupo. A fonte prontamente aceitou o convite para participar do podcast e, após pré-entrevista, foi selecionada por ter feito colocações pertinentes ao projeto sobre a rotina em sala de aula após a implementação do Novo Ensino Médio (NEM). O grupo também considerou que a idade do professor, de 24 anos, seria uma forma de aproximar ouvintes mais jovens para o podcast, como os próprios estudantes da rede estadual de ensino, com idades entre 14 e 17 anos.

Por meio do contato com o Cursinho Popular Professor Chico Poço, de Jundiaí, já conhecido por uma integrante do grupo, foi possível chegar até o professor e presidente do cursinho Matheus Naville Gutierrez e a estudante Jacqueline Ferreira, que estuda em escola da rede estadual durante o dia e à noite assiste às aulas do cursinho. Após as pré-entrevistas, o grupo considerou importantes apontamentos feitos pelas fontes e deu continuidade ao projeto.

A mãe de dois alunos que estudam no Novo Ensino Médio na rede estadual de ensino em Campinas foi indicada por um dos integrantes do grupo que já tinha conversado com a fonte para outra pauta. Após fazer a pré-entrevista e conversar com a orientadora sobre a pertinência da fonte para o podcast, o grupo marcou a entrevista. O grupo considerou que a fonte seria relevante para o trabalho, visto que a mãe trouxe uma visão de como os pais estão lidando com a mudança no currículo escolar e o que esperam para o futuro dos filhos. É importante ressaltar que, por motivos pessoais, a fonte preferiu não ter o nome e profissão divulgados no podcast. Mesmo sem a identificação, o grupo optou por seguir com a participação da mãe no projeto. Em conjunto com a orientadora, o grupo chegou à conclusão de que a entrevista e o ponto de vista da mãe são válidos para o projeto, mesmo sem a identificação da fonte.

Para representar os estudantes secundaristas como um todo, o grupo procurou a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Inicialmente, foi

enviado um e-mail para a presidente da entidade, Jade Beatriz. Não houve retorno. Algum tempo depois, após contato via Instagram, o grupo obteve êxito na resposta. Jade Beatriz indicou a assessoria de imprensa da UBES, que informou ser difícil marcar uma entrevista por indisponibilidade de agenda da presidente da entidade. Entretanto, como forma de ajudar o grupo, a assessora indicou o contato da presidente da União Paulista dos Estudantes Secundaristas (UPES), Luiza Martins. O grupo enviou uma mensagem para o *WhatsApp* da fonte, que aceitou a conversa. Porém, no dia marcado, Luiza Martins deixou de atender aos chamados do grupo, que insistiu em outros dias, mas sem sucesso. Os integrantes decidiram recorrer à União Campineira dos Estudantes Secundaristas (UCES). Ana Karollina da Silva, presidente da entidade, atendeu prontamente e aceitou dar entrevista. A gravação foi realizada remotamente.

Por sugestão da orientadora, o grupo buscou mais um aluno do Novo Ensino Médio (NEM). O objetivo era encontrar um menino negro, morador da periferia de Campinas, que estivesse no último ano da escola. O grupo teve dificuldades para encontrar uma pessoa nesse perfil que aceitasse dar entrevista. Diante da dificuldade, a presidente da UCES Ana Karollina da Silva indicou dois contatos com características semelhantes ao perfil procurado. Foi realizada uma entrevista com o primeiro nome, porém, as declarações do estudante da primeira série foram superficiais e demonstraram pouco conhecimento sobre o Novo Ensino Médio. O grupo optou por não seguir com a participação do aluno no podcast.

Posteriormente, os integrantes conversaram com Fábio Daniel Martins Júnior, a segunda indicação recebida. De início, a fonte informou que estava na segunda série, mas que poderia ajudar o grupo a encontrar alunos do terceiro ano. Entretanto, pela falta de tempo hábil, os integrantes questionaram a orientadora sobre a possibilidade de entrevistar o próprio Fábio, mesmo a fonte não estando no último ano do NEM. Rosemary Bars acenou positivamente para o questionamento. Desta forma, após uma breve pré-entrevista, o grupo realizou a entrevista e encerrou a captação de sonoras com estudantes. Por ser coordenador-geral do grêmio da escola em que estuda, o aluno fez apontamentos importantes sobre o movimento estudantil e a insatisfação dos estudantes.

É importante ressaltar que, durante as gravações com os estudantes Jacqueline Ferreira e Fábio Daniel Martins Júnior, os alunos ainda estavam cursando o ano letivo em suas respectivas escolas e estavam em preparação para o

Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e demais vestibulares das universidades públicas paulistas USP, Unicamp e Unesp. Como as notas dos vestibulares serão divulgadas após a entrega deste relatório técnico e do projeto experimental, não é possível mensurar com resultados concretos os possíveis prejuízos causados pelo Novo Ensino Médio (NEM) aos estudantes.

A fonte mais difícil para ser contatada foi a dirigente de Ensino Campinas Oeste Patrícia Adolf Lutz. O grupo foi orientado pelo Departamento de Ensino Campinas Oeste a procurar a assessoria de imprensa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP). Após tentativas por *e-mail* sem sucesso, os integrantes contaram com a ajuda da jornalista Valéria Nani, que encaminhou a solicitação diretamente ao Núcleo de Atendimento à Imprensa da SEDUC. Dias depois, a assessora Mariana Teles entrou em contato para dar andamento à solicitação. Por conta das dificuldades de acesso e falta de tempo hábil, não foi feita pré-entrevista com a fonte, apenas a entrevista oficial para o podcast.

Cada entrevista teve perguntas diferentes de acordo com o perfil do entrevistado e o papel dele no podcast, mas algumas seguiram um padrão, como “O que você pensa sobre a implementação do NEM no estado de São Paulo?”, “A grade curricular do NEM atende às necessidades dos estudantes diante do vestibular?” e “O que você imagina para o futuro da educação com o NEM?”. As gravações iniciaram em setembro e foram feitas de maneira presencial com auxílio de microfone de lapela e de forma remota pela plataforma *Skype*.

Após as gravações, foram feitas a transcrição e decupagem das entrevistas. Em seguida, foi feita a gravação da vinheta no Laboratório de Imagem e Som (LabIS) da PUC-Campinas. Os episódios foram gravados nos encontros seguintes. Todos os áudios brutos e documentos foram armazenados em uma pasta do *Google Drive* para facilitar o acesso de todos os integrantes do grupo e do editor de áudio.

2.2 Processo de edição

O primeiro passo da organização do grupo para o processo de edição foi a criação de uma pasta no *Google Drive* para armazenar todos os materiais relacionados ao projeto e as entrevistas realizadas com as fontes. Por orientação prévia dos editores do LabIS, foram convertidos todos os áudios em formato MP3, para agilizar o trabalho de edição. Nesta mesma pasta, também foram feitas as transcrições das entrevistas, processo que auxiliou a equipe a selecionar os trechos

mais relevantes das falas e adiantou a etapa da decupagem, que é necessária anexar no presente relatório.

Durante a etapa da transcrição das entrevistas, os integrantes do grupo marcaram as falas de impacto que convergiam com a ideia principal do trabalho, que é analisar a opinião de estudantes e especialistas sobre o Novo Ensino Médio e se ele atende as necessidades pedagógicas para os estudantes se prepararem para os vestibulares. Juntamente com o destaque das declarações, foram inseridas as minutas de cada um dos trechos que poderiam ser utilizados, de forma que a equipe pudesse saber previamente o tempo total do podcast, uma vez que o compromisso era entregar dois episódios de 15 minutos cada.

Tão logo as transcrições das entrevistas foram concluídas, iniciou-se a elaboração do roteiro do primeiro episódio do produto. Após discussões entre os integrantes do grupo e sugestões da orientadora, foi definido que o capítulo número um do podcast apresentaria, com especial destaque, os relatos de estudantes acerca do que vivenciam em sala de aula com o Novo Ensino Médio. Por essa razão, as falas que abrem o podcast são justamente declarações de alunos preocupados com o déficit que o NEM está causando em seus aprendizados. Além das declarações, a equipe também enxergou a necessidade de contextualizar aos ouvintes a reforma educacional. Com base nas pesquisas feitas em endereços eletrônicos oficiais de órgãos que gerem a educação no Brasil, foram construídos *offs* a serem lidos pelos apresentadores que explicam, de maneira objetiva, o que é o Novo Ensino Médio e quantos estudantes foram atingidos no estado de São Paulo.

Por se tratar do passo inicial de um trabalho tão importante, o primeiro episódio passou por uma série de modificações até chegar à versão final. A riqueza dos depoimentos captados com as fontes fez com que fosse um desafio aos integrantes do grupo editar as falas de maneira em que mantivessem as ideias explanadas, mas sem ultrapassar o limite de tempo estipulado para o podcast. Foi preciso cortar alguns trechos dos áudios para respeitar essa delimitação, mas o objetivo inicial do grupo de roteirizar o trabalho de maneira que uma declaração complementasse a outra foi cumprido.

Enquanto o roteiro do primeiro episódio era finalizado, a equipe gravou a vinheta do podcast no Laboratório de Imagem e Som (LabIS) da PUC-Campinas. Uma breve locução que fala o nome do projeto foi capturada no estúdio de áudio. Após isso, a gravação foi editada juntamente com uma trilha sonora escolhida

através da Coleção de Sons do *Facebook*. O grupo escolheu essa plataforma após orientação de Guilherme William, editor do LabIS, que apresentou o site como uma alternativa para buscar efeitos sonoros e músicas isentos de *royalties*.

Quando o grupo deu início ao processo de edição do podcast, os estudantes do estado de São Paulo, incluindo os entrevistados para o projeto experimental, já estavam prestando os vestibulares. A edição dos dois episódios foi concluída no dia 23 de novembro, enquanto a primeira fase do vestibular da Unicamp foi realizada no dia 29 de outubro, o ENEM foi aplicado nos dias 5 e 12 de novembro, o vestibular da Unesp foi realizado no dia 15 de novembro e o vestibular da USP foi aplicado no dia 19 de novembro.

A gravação dos *offs* do primeiro episódio e a edição foi feita integralmente em um único dia. O trabalho levou cerca de três horas. Após os apresentadores do podcast concluírem a locução, o editor iniciou o processo de junção das falas com as declarações das fontes - essas, inclusive, foram levadas já cortadas pelos integrantes da equipe, maneira encontrada para agilizar o processo. Após a finalização da edição, o grupo ouviu o trabalho por completo e sentiu satisfação pelo resultado obtido. Porém, o tempo total ultrapassou em cerca de um minuto e meio o limite de 15 minutos. Dessa forma, após sugestões da orientadora, no agendamento seguinte com o LabIS, foram reduzidas algumas falas, até chegar ao tempo final de 15 minutos e 27 segundos. Neste mesmo dia, a ficha técnica com os devidos créditos do podcast foi gravada.

Após a conclusão do primeiro episódio, o grupo partiu para a roteirização do segundo. Neste, o tema central proposto era discutir o que estudantes e especialistas imaginavam para o futuro da educação com o Novo Ensino Médio. Em todo momento, os integrantes da equipe se preocuparam em selecionar falas que trouxessem ideias diferentes das apresentadas no capítulo inicial, sem que houvesse repetição.

Assim que o roteiro número dois foi finalizado, o documento foi encaminhado para a orientadora Profa. Dra. Rosemary Bars Mendez, que aprovou o início do processo de edição. Assim como no primeiro episódio, a gravação das locuções dos apresentadores, a junção com as sonoras e a colocação da trilha sonora foi feita em um único dia. Nesta mesma data, foi gravada uma correção na ficha técnica, sugerida pela orientadora. Em 16 de novembro, foram feitos alguns ajustes no segundo episódio no Laboratório de Imagem e Som (LabIS) da PUC-Campinas.

Um desafio enfrentado pelo grupo que alterou o processo de edição foi que, dias antes da entrega do projeto experimental, uma das fontes pediu para que não fosse identificada no podcast. Após conversa com a orientadora, o grupo optou por seguir com a participação da mãe dos estudantes e precisou fazer modificações nos dois episódios no dia 23 de novembro. Após as alterações, foi finalizada por completo a edição do podcast, que foi disponibilizado via *upload* pelos integrantes do grupo nas plataformas digitais de áudio *Spotify* e *SoundCloud*.

Quanto à identidade visual do podcast, que também faz parte do processo de edição do projeto experimental, o logotipo foi elaborado com auxílio do *Canva Pro*. O grupo optou pelo uso de cores neutras como tons de preto, cinza e branco, para dar seriedade ao projeto e ao tema tratado, enquanto o vermelho simboliza a atenção aos assuntos abordados relacionados ao Novo Ensino Médio. A composição entre as cores escolhidas contribui para uma estética mais séria e de alerta ao podcast.

A fonte utilizada em “A Escola do NEM”, chamada ITC Motter Corpus Semico, foi escolhida por ser impactante e ter um design moderno, enquanto a folha de caderno ao fundo e o clipe simbolizam o material escolar. As texturas de rasgos na logo contribuem para a representação da fragilidade das escolas públicas paulistas e do ensino ofertado aos estudantes. A imagem dos estudantes de costas tem o objetivo de representar os estudantes da rede estadual de ensino.

2.3 Projeto/proposta de divulgação

Com objetivo de aumentar o alcance de público do podcast A Escola do NEM, os episódios foram publicados no *Spotify* ([link de acesso](#)), serviço de *streaming* de música mais popular do mundo, e *SoundCloud* ([link de acesso](#)). Para atingir o público-alvo composto predominantemente por estudantes entre 14 e 17 anos, além de pais e professores, foi criada a página [@aescoladonem](#) no Instagram, rede social escolhida para ampliar a divulgação do projeto experimental e atrair ouvintes. Foram compartilhados *posts* no *feed* e *stories* com mais informações sobre o projeto e os integrantes do grupo, bem como a apresentação dos entrevistados e trechos do podcast para instigar curiosidade nos visitantes da página, fazendo com que acessem os episódios disponíveis na plataforma de música. No link da bio do Instagram, foram inseridos os links de acesso ao projeto no *Spotify* e *SoundCloud*.

Além de realizar publicações no perfil do Instagram criado para a divulgação do projeto experimental, os integrantes do grupo também compartilharam postagens

relacionadas ao podcast nos próprios perfis pessoais, que juntos somam mais de 1.700 seguidores. Outra forma que o grupo encontrou de divulgar o projeto experimental foi pelas próprias fontes entrevistadas, que compartilharam o podcast nos perfis pessoais nas redes sociais.

O grupo também contou com a colaboração da divulgação do podcast por meio das redes sociais do Cursinho Popular Professor Chico Poço, de Jundiaí, entidade essencial para a produção do projeto experimental por conta da participação do presidente da ONG, Matheus Naville Gutierrez, e da estudante Jacqueline Ferreira; essa última também compartilhou a produção com colegas da escola estadual onde estuda. O estudante Fábio Daniel Martins Júnior, coordenador-geral do grêmio estudantil na escola que frequenta, também compartilhou o podcast com colegas e contribuiu para a divulgação do projeto.

2.4 Custos e gastos

O grupo não teve grandes gastos para produção do projeto experimental. Os principais custos foram a assinatura do *Canva Pro* no valor de R\$ 34,90 por mês, de outubro a dezembro, com primeiro mês gratuito como cortesia, e o deslocamento para realização de uma entrevista presencial em Campinas, realizada de carro por um dos integrantes do grupo.

A assinatura do *Canva Pro*, realizada em setembro e com a primeira mensalidade gratuita como cortesia, custou R\$ 34,90 nos meses de novembro e dezembro. O investimento foi necessário para elaboração dos conteúdos publicados nas redes sociais do projeto. O valor total gasto com esse item foi de R\$ 69,80.

Outro investimento realizado foi o deslocamento para realização de entrevista presencial no Campus I da PUC-Campinas fora do horário das aulas. O integrante do grupo gastou R\$ 30,00 de combustível para percorrer o trajeto. Não foi adquirido microfone de lapela pois esse integrante responsável pela entrevista já tinha o próprio microfone disponível para uso. As demais entrevistas foram realizadas gratuitamente pela plataforma *Skype*. Para os ajustes finais do podcast, uma das integrantes precisou usar carro de aplicativo para se deslocar até a PUC-Campinas, e o custo foi de R\$38,00.

O grupo não teve gastos com direitos autorais ou pedidos de licença para o uso de trilhas para o episódio, já que fez uso da Coleção de Sons do *Facebook*, uma biblioteca de efeitos sonoros e músicas gratuitas. Também não houve gastos com a

edição do produto, já que os integrantes fizeram toda a edição do projeto experimental no Laboratório de Imagem e Som (LabIS) da PUC-Campinas.

Os custos totais para produção do projeto experimental A Escola do NEM foram de R\$ 137,80 e foram divididos igualmente entre os três integrantes do grupo, totalizando R\$ 45,93 para cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Novo Ensino Médio, principal objeto de análise deste projeto experimental, é uma das mais impactantes reformas educacionais testemunhadas pelo Brasil neste século. Como de costume em grandes transformações, o debate público acerca desta medida trouxe argumentos relevantes de todas as partes envolvidas no processo, sejam estudantes, professores, especialistas em educação ou membros do poder público.

O podcast “A Escola do NEM” foi desenvolvido durante um momento crucial do Novo Ensino Médio no estado de São Paulo: a preparação dos estudantes para os vestibulares. A equipe compreende que o produto prestou um importante serviço à comunidade, pelo fato de ter sido produzido exatamente no ano em que as primeiras turmas paulistas estão se formando com o novo currículo. Com objetivo de ampliar o espaço para debate acerca do tema, este projeto experimental consiste em um podcast de apenas dois episódios, sem sequência, que desempenha o papel de documentação histórica sobre o que foi o início do Novo Ensino Médio no estado mais populoso do Brasil, sendo um importante documento para consultas futuras e desdobramentos de novas pesquisas.

Toda a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso proporcionou aos integrantes do grupo uma série de aprendizados em relação ao jornalismo. Técnicas compreendidas ao longo do curso foram aprofundadas de maneira prática, como apuração, seleção de fontes de informação, processo de entrevista, edição de texto e locução. Além disso, foi possível somar novos conhecimentos, como a capacidade de construir narrativas por meio da sensibilidade, por exemplo. No processo de estruturação do roteiro do podcast, a equipe analisou de maneira profunda cada depoimento dado pelos entrevistados, de maneira que fossem encontrados desabafos que traduzissem fidedignamente o sentimento de todos os envolvidos nos primeiros passos do Novo Ensino Médio no estado de São Paulo.

O grupo conclui o trabalho satisfeito com o resultado final, tanto no produto, quanto no relatório técnico, e considera que o processo de desenvolvimento de ambos compreendeu todas as habilidades e competências desenvolvidas ao longo da graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J; LOPEZ, C. D. Apontamentos metodológicos para análise de podcasts seriados. **Intercom - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belém, 1-15, 2019.

BARBOSA, A. **Depoimento oral**. Entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 11 out. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT. **Diário Oficial da União**, Edição Extra, Brasília, 16 fev. 2017.

BRASIL. Medida provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Edição Extra, Brasília, 23 set. 2016.

CARTA aberta pela revogação da Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017). **Rede Escola Pública e Universidade**, 8 jun. 2022. Disponível em: <https://www.repu.com.br/_files/ugd/9cce30_836003de46594b23bc367db85fcc7130.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CÁSSIO, F.; GOULART, D. A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem. **Retratos da Escola**, [S. l.], v.16, n.35, 285-293, 2022. Disponível em <<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1620>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ESTUDANTES, Mãe de dois. **Depoimento oral**. Entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 10 out. 2023.

ESTUDANTES fazem ato na Av. Paulista pela revogação do Novo Ensino Médio. **G1**, 15 mar. 2023. São Paulo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/15/estudantes-fazem-ato-na-av-paulista-pela-revogacao-do-novo-ensino-medio.ghtml>>. Acesso em: 30 set. 2023.

ESTUDANTES protestam no centro de Campinas contra o Novo Ensino Médio. **G1**, 19 abr. 2023. Campinas e Região. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/04/19/estudantes-protestam-no-centro-de-campinas-contr-o-novo-ensino-medio.ghtml>>. Acesso em: 30 set. 2023.

FALCÃO, B.; TEMER, A. O podcast como gênero jornalístico. **Intercom - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belém, 1-14, 2019.

FERREIRA, J. **Depoimento oral**. Entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 23 set. 2023.

FERREIRA, R.; RAMOS, L. O projeto da MP nº 746: entre o discurso e o percurso de um novo ensino médio. **Ensaio: aval. pol. públ. educ. [online]**, Rio de Janeiro, v.26, n.101, 1176-1196, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/tPGH7pYhJz8FGn9ZCNzKsCq/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GUTIERREZ, M. **Depoimento oral**. Entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 29 set. 2023.

JÚNIOR, F. **Depoimento oral**. Entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 21 out. 2023.

LUTZ, P. **Depoimento oral**. Entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 23 out. 2023.

MEGID, M. **Depoimento oral**. Pré-entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 3 jun. 2023.

NOGUEIRA, S. **Depoimento oral**. Entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 25 set. 2023.

PODPESQUISA PRODUTOR 2020-2021. Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>>. Acesso em: 30 set. 2023

PUBLICADA a medida provisória que cria o Novo Ensino Médio. **Ministério da Educação**, 23 set. 2016. Notícias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/39621-publicada-a-medida-provisoria-que-reformula-o-ensino-medio>>. Acesso em: 28 set. 2023.

SILVA, A. **Depoimento oral**. Entrevista concedida aos autores deste relatório no dia 13 out. 2023.

THE INFINITE Dial 2019. Disponível em: <<https://www.edisonresearch.com/infinitedial-2019/>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

THE PODCAST CONSUMER 2017. Disponível em: <<https://www.edisonresearch.com/the-podcast-consumer-2017>>. Acesso em: 29 mai. 2023.

VICENTE, E. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **Emergências periféricas em práticas midiáticas**. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002906541.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

ANEXOS

ANEXO I. ROTEIRO - EPISÓDIO 1

(TRILHA DE FUNDO)

FÁBIO: ELES DIZEM QUE O NOVO ENSINO MÉDIO É UMA COISA BOA PARA A GENTE, MAS NÃO TÁ AJUDANDO, SÓ TÁ ATRAPALHANDO, SÓ TÁ CEIFANDO OS NOSSOS SONHOS.

ANA KAROLLINA (UCES): QUEM É DA PERIFERIA, TEM VÁRIOS SONHOS, NÉ? TIPO ASSIM, MAS O PRINCIPAL SONHO NOSSO É CHEGAR NO DIA SEGUINTE, É PODER LEVANTAR, É PODER IR PARA A ESCOLA, É PODER TER UM ENSINO DE QUALIDADE.

(VINHETA)

ROBERTA: OLÁ!!! SEJA BEM-VINDO AO PODCAST A ESCOLA DO NEM!!! EU SOU ROBERTA MOURÃO/

VÍCTOR: E EU SOU VÍCTOR FREITAS,/ E HOJE NÓS VAMOS FALAR SOBRE O NOVO ENSINO MÉDIO NO ESTADO DE SÃO PAULO,/ OUVIR ESTUDANTES,/ PROFESSORES E PESQUISADORES E ENTENDER O QUE OS ALUNOS PENSAM SOBRE A PREPARAÇÃO PARA O VESTIBULAR E O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR.//

(TRILHA)

ROBERTA: O NOVO ENSINO MÉDIO,/ MAIS CONHECIDO COMO NEM,/ FOI INSTITUÍDO NO BRASIL POR MEIO DA MEDIDA PROVISÓRIA SETECENTOS E QUARENTA E SEIS,/ DE DOIS MIL E DEZESSEIS.//

VÍCTOR: TAMBÉM CHAMADA DE MP,/ A MEDIDA PROVISÓRIA TEM FORÇA DE LEI,/ APESAR DE NÃO SER.// AS MP'S SÃO NORMAS EDITADAS APENAS PELO

PRESIDENTE,/ SEM NENHUMA PARTICIPAÇÃO DO PODER LEGISLATIVO,/ AQUELE QUE CUIDA DAS LEIS NO BRASIL.//

ROBERTA: EM DOIS MIL E DEZESSETE,/ O NOVO ENSINO MÉDIO DEIXOU DE SER UMA MP E PASSOU A SER A LEI TREZE MIL QUATROCENTOS E QUINZE,/ VÁLIDA PARA TODO PAÍS.// NO ENTANTO,/ CADA ESTADO IMPLEMENTOU O SEU PRÓPRIO NEM.//

VÍCTOR: O ESTADO DE SÃO PAULO FOI O PRIMEIRO A IMPLEMENTAR O NOVO ENSINO MÉDIO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO// NO INÍCIO DO ANO LETIVO DE 2021,/ MAIS DE QUATROCENTOS E CINQUENTA MIL ALUNOS MATRICULADOS NA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO NAS ESCOLAS ESTADUAIS FORAM AFETADOS//

ROBERTA: A PROPOSTA DO NEM É APROXIMAR OS ESTUDANTES DAS TRANSFORMAÇÕES DA SOCIEDADE E DO MERCADO DE TRABALHO,/ POR MEIO DE UM CURRÍCULO MAIS FLEXÍVEL DIVIDIDO EM DUAS PARTES,/ A FORMAÇÃO BÁSICA E OS ITINERÁRIOS FORMATIVOS//

VÍCTOR: JACQUELINNE FERREIRA É ESTUDANTE E ESTÁ NO TERCEIRO ANO DO NOVO ENSINO MÉDIO CURSANDO O ITINERÁRIO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS// JACQUELINNE,/ CONTA PRA GENTE,/ COMO SÃO AS SUAS AULAS NO NEM?//

JACQUELINNE: ENTÃO, EM ALGUMAS MATÉRIAS COMO O NÚCLEO DE ESTUDOS E O MUNDO CONTEMPORÂNEO ESTÃO COM UM PROFESSOR ESPECÍFICO E AO INVÉS DE ELE ESTAR FOCANDO NO QUE DEVERIA SER UM ITINERÁRIO, ELE ESTÁ PASSANDO BASTANTE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A GENTE COMPLEMENTAR. ENTÃO ELE VAI FALANDO SOBRE LITERATURA, VAI FALANDO SOBRE AS ESCOLAS LITERÁRIAS PRA GENTE, ASSIM COMO, ALGUNS OUTROS DE HUMANAS, É COM OUTRO PROFESSOR QUE DÁ GEOGRAFIA PARA AS OUTRAS SÉRIES E ELE PASSA QUESTÕES DE GEOGRAFIA PARA A GENTE QUE CAI NO ENEM.

ROBERTA: FÁBIO DANIEL MARTINS JÚNIOR É ESTUDANTE DO SEGUNDO ANO DO NOVO ENSINO MÉDIO E TAMBÉM CURSA O ITINERÁRIO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS.// FÁBIO,/ PODE NOS CONTAR UM POUCO COMO É TER APENAS TRÊS AULAS DE PORTUGUÊS E MATEMÁTICA E DUAS AULAS DE OUTRAS DISCIPLINAS DURANTE A SEMANA?

FÁBIO: É MUITO COMPLICADO PRA GENTE QUE TÁ NO ITINERÁRIO DE HUMANAS, PORQUE SE A GENTE TÁ NO ITINERÁRIO DE HUMANAS LINGUAGENS, É PORQUE OBVIAMENTE A GENTE NÃO TEM TANTA FACILIDADE COM ESSAS DISCIPLINAS DE EXATAS E NATUREZA. ENTÃO PREJUDICOU DEMAIS A GENTE PERDER ESSAS CINCO AULAS E TER DIMINUÍDO, SABE? ANO PASSADO EU TAVA BEM ASSUSTADO MESMO, PORQUE EU OUVIA A GALERA MAIS VELHA FALANDO, COMO QUE ERA, COMO ERA ESTAR VIVENDO NAQUILO E EU FICAVA COM MEDO MESMO, PORQUE A ESCOLA ALÉM DE PREPARAR A GENTE PRA VIDA, PREPARA A GENTE PRO VESTIBULAR, PREPARA A GENTE PRA ENTRAR NAS UNIVERSIDADES. E COMO EU VOU ENTRAR NUMA UNIVERSIDADE PÚBLICA? COMO QUE EU VOU FAZER O VESTIBULAR DA UNICAMP, POR EXEMPLO, SEM SABER O QUE É EXIGIDO NO VESTIBULAR, SABE? COMO QUE EU VOU USAR O MEU CONHECIMENTO DE ITINERÁRIO NO ENEM, POR EXEMPLO?

VÍCTOR: APESAR DAS RECLAMAÇÕES DE MUITOS ESTUDANTES COMO A JACQUELINNE E O FÁBIO,/ A DIRIGENTE DE ENSINO CAMPINAS OESTE,/ PATRÍCIA ADOLF LUTZ,/ VÊ O NEM COM BONS OLHOS.//

PATRÍCIA: A IDEIA DO NOVO ENSINO MÉDIO É DEIXAR A ESCOLA MAIS ATRATIVA PARA O JOVEM DO ENSINO MÉDIO PARA QUE ELE, DE FATO, CONSIGA JÁ CONSTRUIR OU COMEÇAR A CONSTRUIR O SEU PROJETO DE VIDA JÁ MESMO NO ENSINO MÉDIO, A QUESTÃO PROFISSIONAL MESMO. ENTÃO AO INVÉS DELE FAZER TODOS FAZEREM A MESMA COISA, CADA UM FAZ A SUA ESCOLHA DE ACORDO COM AQUELA HABILIDADE, DE ACORDO COM O QUE ELE QUER PARA A VIDA DELE E ELE OPTA.

VÍCTOR: PARA A DOUTORA EM EDUCAÇÃO E PROFESSORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA PUC-CAMPINAS,/ ANDREZA BARBOSA,/ O NOVO ENSINO MÉDIO NA VERDADE AUMENTA A DESIGUALDADE ENTRE ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA E DA REDE PRIVADA.//

ANDREZA: A GENTE NÃO TEVE NENHUMA OUTRA POLÍTICA QUE PROMOVESSE UMA ALTERAÇÃO TÃO GRANDE NO FUNCIONAMENTO, NA ESTRUTURA CURRICULAR DE UMA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA TANTO QUANTO ESSA. ENTÃO, É UMA REFORMA QUE MUDA DRASTICAMENTE O FUNCIONAMENTO E A ESTRUTURA DO ENSINO MÉDIO, E QUE TENDE A AMPLIAR SIGNIFICATIVAMENTE AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS.

ROBERTA: PARA ANA KAROLLINA DA SILVA,/ PRESIDENTE DA UNIÃO CAMPINEIRA DOS ESTUDANTES,/ O NEM PRECISA SER REESTRUTURADO.//

ANA KAROLLINA (UCES): ENTÃO QUANDO A GENTE FALA DE REVOGAR O NOVO ENSINO MÉDIO, NÃO É PARA VOLTAR AO QUE ERA ANTES. É PARA QUE A GENTE CONSIGA CONSTRUIR, JUNTOS, COM OS ESTUDANTES E COM OS PROFESSORES QUE TAMBÉM SÃO A LINHA DE FRENTE DESSE PROJETO, PRA QUE A GENTE CONSIGA CONSTRUIR UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA DE FATO.

ANDREZA: A LEI FEDERAL PREVÊ QUE O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO SEJA FLEXIBILIZADO DE FORMA QUE CADA ESTUDANTE, SUPOSTAMENTE, PODERIA ESCOLHER O ITINERÁRIO FORMATIVO DA ÁREA DE CONHECIMENTO QUE ELE, EM TESE, MAIS TERIA AFINIDADE. SÓ QUE A LEI TAMBÉM PREVÊ QUE CADA SISTEMA DE ENSINO, ENTÃO NO CASO DAS REDES PÚBLICAS, CADA REDE ESTADUAL, PODERIA IMPLEMENTAR OS SEUS ARRANJOS PARA DAR CONTA DO NOVO ENSINO MÉDIO. ENTÃO, MESMO NO ITINERÁRIO, QUE É SÓ DE CIÊNCIAS HUMANAS, OS COMPONENTES CURRICULARES NÃO SÃO HISTÓRIA, GEOGRAFIA, SOCIOLOGIA E FILOSOFIA. OS COMPONENTES CURRICULARES SÃO OUTRAS COISAS. ENTÃO VOCÊ IMAGINA, ÁREA DE LINGUAGENS VAI TER AULA DE INGLÊS, DE ARTES, DE

LÍNGUA PORTUGUESA E EDUCAÇÃO FÍSICA? NÃO, VAI TER AULA DO LABORATÓRIO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA, ENTENDEU? ENTÃO O ESTADO DE SÃO PAULO CRIOU COMPONENTES CURRICULARES NOVOS, OUTROS ESTADOS FIZERAM OUTROS ARRANJOS.

VÍCTOR: FORMADO EM HISTÓRIA E PROFESSOR DO NEM,/ SAMUEL NOGUEIRA AFIRMA QUE OS ITINERÁRIOS FORMATIVOS SÃO REDUCIONISTAS.//

SAMUEL: O ITINERÁRIO FORMATIVO SIMPLEMENTE REDUZ UM PROFESSOR DE HISTÓRIA A UM PROFESSOR DE HUMANAS. DÁ UMA CERTA AGONIA DE VOCÊ NÃO ESTAR DANDO UMA AULA BOA, MUITO PORQUE VOCÊ NÃO ESTÁ NA SUA ÁREA DO CONHECIMENTO EM SI. VOCÊ É OBRIGADO A TER A INTERDISCIPLINARIDADE DE TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO E AO FUNDO ESSAS INTERDISCIPLINARIDADES NÃO APROFUNDAM O ASSUNTO.

ROBERTA: SAMUEL,/ E COMO OS ALUNOS LIDAM COM ISSO,/ DIANTE DA CHEGADA DO VESTIBULAR?//

SAMUEL: QUERENDO OU NÃO A MOLECADA SABE QUE ELES VÃO SAIR EM DESVANTAGEM DO CONTEÚDO PORQUE É UM CONTEÚDO BEM RASO, ELES MESMOS COMPREENDEM QUE É ALGO MUITO RASO E QUE A GENTE NÃO DÁ CONTA DE LIDAR COM ISSO EM 45 MINUTOS OU DUAS AULAS, DARIA UMA HORA E MEIA.

ROBERTA: UMA MÃE DE DOIS ESTUDANTES DO NOVO ENSINO MÉDIO EM CAMPINAS,/ QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR POR MOTIVOS PESSOAIS,/ EXPLICA QUE NA ESCOLA DOS FILHOS,/ O NOVO ENSINO MÉDIO NUNCA ACONTECEU NA PRÁTICA.//

MÃE DE DOIS ESTUDANTES: HOUE O MOMENTO DE INÍCIO DE AULAS, DE UM IDEAL, DO VAMOS FAZER ISSO, E HOUE UMA ROTINA ESCOLAR. E A ROTINA ESCOLAR NÃO CUMPRIU AQUELE LUGAR QUE O NOVO ENSINO

MÉDIO ESTAVA SE PROPONDO A FAZER. ENTÃO VAMOS COLOCAR UM EXEMPLO BEM ALEATÓRIO. ENTÃO O PROFESSOR ESTAVA DESTINADO A DAR AULA A, MAS ELE PASSOU A VIDA INTEIRA ESTUDANDO PARA B. E ELE CHEGAVA EM SALA DE AULA, COMEÇAVA A DAR A AULA DO A. DE REPENTE O ALUNO SE INTERESSAVA PELO ASSUNTO DO B, O PROFESSOR NÃO IA DEIXAR DE DAR O CONTEÚDO, ELE DAVA O CONTEÚDO, ENTENDEU? ENTÃO, ESSE ENSINO MÉDIO NA PRÁTICA NUNCA ACONTECEU.

FÁBIO: OS PROFESSORES NÃO GOSTAM, ELES SÃO OBRIGADOS A DAR AULAS SOBRE O QUE ELES NEM TÊM ACESSO, SABE? ENTÃO, POR EXEMPLO, EU TENHO O ITINERÁRIO, QUE É SOBRE CINEMA, E QUEM PASSA ESSE ITINERÁRIO É A MINHA PROFESSORA DE GEOGRAFIA, COMO A MINHA PROFESSORA DE GEOGRAFIA VAI DAR AULA SOBRE CINEMA PARA A GENTE?

MÃE DE DOIS ESTUDANTES: NUMA ESCOLA COMO A DELES, NÃO HOUVE ESTRUTURA SUFICIENTE DE PREPARAÇÃO DE AULA E PROFESSOR PARA QUE SE CUMPRISSEM TODAS AS DEMANDAS. ENTÃO, FOI UMA COISA QUE ESTÁ ESCRITO NO SISTEMA E OUTRA QUE ACONTECEU. TEVE MUITO PROFESSOR QUE CANSOU DE ESPERAR A ESTRUTURA E FEZ O QUE PÔDE, TEVE MUITO PROFESSOR QUE PEDIU TRANSFERÊNCIA, TEVE MUITO ALUNO QUE COMEÇOU A ESTUDAR POR CONTA, TEVE ALUNO QUE ABANDONOU, TEVE ALUNO QUE APROVEITOU AS MATÉRIAS QUE ERAM POSSÍVEIS SER RECOLOCADAS, ENTÃO NÃO TEVE ESCOLHA.

ANDREZA: NO ESTADO DE SÃO PAULO ESSE ANO É O ANO QUE A PRIMEIRA TURMA CONCLUI. A PRIMEIRA TURMA ESTÁ AGORA NA TERCEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO. ENTÃO ELES ESTÃO SE DANDO CONTA DE QUE ELES NÃO VÃO TER ACESSO AOS CONTEÚDOS QUE VÃO SER COBRADOS, INCLUSIVE NO VESTIBULAR. ENTÃO A TENDÊNCIA É QUE ESSES ESTUDANTES SEJAM MUITO PREJUDICADOS, PRINCIPALMENTE PORQUE AS ESCOLAS PRIVADAS TÊM ADOTADO OUTRAS FORMAS DE IMPLEMENTAR O NOVO ENSINO MÉDIO. ELAS MANTIVERAM A CARGA HORÁRIA DA FORMAÇÃO GERAL BÁSICA IGUALZINHO ERA ANTES, E NO CONTRATURNO AMPLIARAM A CARGA

HORÁRIA DOS ITINERÁRIOS FORMATIVOS. NA ESCOLA PÚBLICA, NÃO, VOCÊ DEIXA DE TER OUTRAS DISCIPLINAS PARA ENTRAR OS COMPONENTES CURRICULARES.

VÍCTOR: PATRÍCIA,/ DESDE A IMPLEMENTAÇÃO DO NEM,/ TEM SIDO FEITA ALGUMA CONSULTA NAS ESCOLAS PARA SABER O QUE OS ALUNOS ESTÃO ACHANDO DA REFORMA?//

PATRÍCIA: SIM, TANTO QUE O RESULTADO DESSA PESQUISA É ESSA REESTRUTURAÇÃO PARA 2024, NÉ? ENTÃO OS ALUNOS ENTENDEM QUE É MUITO BENÉFICO, PELO MENOS ELES RELATAM PARA A GENTE ENTENDER QUE É MUITO BENÉFICO PENSAR NUM ENSINO MÉDIO VOLTADO A CANALIZAR NAQUILO QUE ELES DESEJAM PARA O PROJETO DE VIDA DELES, ENTRETANTO, TALVEZ A QUANTIDADE EXCESSIVA DOS ITINERÁRIOS PODE SER QUE TENHA CAUSADO UM POUCO DE DESCONFORTO, ENTÃO A IDEIA É A GENTE REDUZIR O NÚMERO PARA A GENTE TENTAR CANALIZAR E USAR UM POUCO MAIS AÍ PARA DE FATO TER QUE FAZER SENTIDO PARA O ALUNO.

ROBERTA: MATHEUS NAVILLE,/ PROFESSOR E PRESIDENTE DO CURSINHO POPULAR PROFESSOR CHICO POÇO,/ DE JUNDIAÍ,/ PERCEBE DIFERENÇAS ENTRE ALUNOS DO NEM E ESTUDANTES QUE JÁ SE FORMARAM NO ENSINO MÉDIO NO MODELO ANTERIOR.//

MATHEUS: O QUE NÓS TEMOS SENTIDO, E ISSO É DECORRENTE TANTO DAS QUESTÕES DO NOVO ENSINO MÉDIO QUANTO DA PRÓPRIA PANDEMIA QUE FOI, NÉ, QUE ATRAVESSAMOS AGORA RECENTEMENTE, QUE AS PESSOAS TÊM PROCURADO MUITO O CURSO POPULAR COM UMA PERSPECTIVA DE CONSEGUIR RESGATAR OU INICIAR, PORQUE MUITAS VEZES NÃO TEVE NEM O INÍCIO, DE ALGUNS CONTEÚDOS BÁSICOS E QUE ESSES ESTUDANTES CONSIDERAM COMO ESSENCIAIS. ELES VÊM MUITO NESSA PERSPECTIVA DE PERCEBER QUE AQUILO QUE ELES ESTÃO TENDO ATUALMENTE NA ESCOLA E AQUILO QUE ELES PASSARAM AO DECORRER DA PANDEMIA NÃO ERA O SUFICIENTE PARA CONSEGUIR PASSAR NO VESTIBULAR E, PORTANTO, VÊM NOS PROCURAR.

JACQUELINNE: CONVERSANDO COM O MEU IRMÃO, COM A MINHA FAMÍLIA, E O MEU IRMÃO SUGERIU DE EU PRESTAR UM CURSINHO PARA COMPLEMENTAR. ELE FALOU “SE VOCÊ VAI ESTAR SEM AULA, LÁ PELO MENOS VOCÊ VAI TER ALGUMA COISA, NEM QUE SEJA SÓ PARA REVER ALGUM CONCEITO QUE VOCÊ JÁ SAIBA, TÁ ÓTIMO”. E LÁ, ASSIM, ESTÁ SENDO MUITO BOM, AS AULAS SÃO MUITO BOAS, NO GERAL MESMO, EU NÃO TENHO DO QUE RECLAMAR NO QUESITO DE AULA.

MATHEUS: EU ACHO QUE, ANTERIORMENTE, ANTES DA PROMULGAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO, OS ESTUDANTES QUE NOS PROCURAVAM, ESTAVAM MOTIVADOS A BUSCAR O ENSINO SUPERIOR, O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DO VESTIBULAR. HOJE EU SINTO QUE TEM UMA INDIGNAÇÃO MUITO MAIOR DO QUE TEM ACONTECIDO ATRAVÉS DE TODA ESSA ESTRUTURA DO NOVO ENSINO MÉDIO. ENTÃO, EU SINTO QUE É UMA MOTIVAÇÃO, ASSIM, MEIO QUE DO SENTIMENTO DE PERCEBER QUE ESTÁ MUITO ERRADO, QUE ESTÁ MUITO PROBLEMÁTICO.

ROBERTA: PARA PATRÍCIA,/ HÁ ESPAÇO SIM NO NOVO ENSINO MÉDIO PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS VOLTADA PARA O VESTIBULAR.//

PATRÍCIA: ESSE ANO A GENTE JÁ TEM O ALUNO DA TERCEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO, ELE TEM ACESSO GRATUITO E ILIMITADO À PLATAFORMA PREPARA, QUE É UMA PLATAFORMA COMO A DESCOMPLICA, QUE FAZ UM PROGRAMA DE UM PLANEJAMENTO DE ESTUDO DO ALUNO. ENTÃO, O ALUNO PODE FAZER SIMULADOS, ELE FAZ UM PLANEJAMENTO DELE DE COMO ESTUDAR. ENTÃO, TUDO ISSO A GENTE TEM PENSADO, SIM, PARA QUE O ALUNO POSSA INGRESSAR NA UNIVERSIDADE.

VÍCTOR: JACQUELINNE,/ COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO AO VESTIBULAR?// VOCÊ SENTE QUE SE PREPAROU O SUFICIENTE?//

JACQUELINNE: BOM, EU NÃO DIRIA QUE EU ESTOU 100% CONFIANTE, MAS TAMBÉM NÃO DIRIA QUE EU ESTOU 100% INSEGURA. EU ESTOU UM POUCO

MAIS TRANQUILA PORQUE EU JÁ COLOQUEI NA MINHA CABEÇA QUE EU VOU FAZER O MEU MELHOR, E SE NÃO DER ESSE ANO É TENTAR DE NOVO ANO QUE VEM, UM CURSINHO DE NOVO.

ROBERTA: FÁBIO,/ EM DOIS MIL E VINTE E QUATRO VOCÊ VAI PARA O TERCEIRO ANO DO NEM.// DIANTE DE TUDO ISSO QUE CONVERSAMOS DURANTE O PODCAST,/ VOCÊ CONSIDERA QUE ESTARÁ PREPARADO PARA O VESTIBULAR?/

FÁBIO: ENTÃO, EU REALMENTE NÃO SEI. NÃO GOSTO NEM DE PENSAR MUITO NISSO. MAS, COMO EU FALEI, ANO QUE VEM EU VOU TENTAR FAZER CURSINHO, PORQUE EU SINTO QUE SÓ FICAR NA ESCOLA, PASSAR NOVE HORAS POR DIA, NÃO VAI SER O SUFICIENTE PARA EU PRESTAR UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA E COMPETIR COM GALERAS DE ESCOLAS PARTICULARES.

VÍCTOR: ANA,/ O QUE A UNIÃO CAMPINEIRA DOS ESTUDANTES MAIS OUVE DOS ALUNOS DO NEM SOBRE OS VESTIBULARES?//

ANA KAROLLINA (UCES): VOCÊ OUVE O RELATO DAS PESSOAS E DOS JOVENS, E ELES ESTÃO DESISTINDO DE PRESTAR O VESTIBULAR, E ISSO É DESESPERADOR, PORQUE A GENTE FALA QUE A GENTE LUTA POR ENSINO PÚBLICO DE QUALIDADE, GRATUITO PRA TODO MUNDO, E AONDE QUE ISSO É INCLUSIVE O SUFICIENTE PROS JOVENS QUE VÊM DA PERIFERIA, QUE VÊM DE UMA ESCOLA PÚBLICA? QUE NÃO TEM ACESSO MINIMAMENTE A UMA INFRAESTRUTURA BOA DENTRO DA ESCOLA, ONDE NÃO TEM PROFESSOR, ONDE TEM AULAS GRAVADAS, QUE NÃO TEM NEM ESTRUTURA QUE CAI A INTERNET O TEMPO TODO. OS JOVENS ELES ESTÃO DESISTINDO DE PRESTAR O VESTIBULAR, ELES ESTÃO DESESPERADOS. E AS PESSOAS ESTÃO DESISTINDO DOS SEUS SONHOS.

(VINHETA)

(TRILHA DE FUNDO)

ROBERTA: ESSE FOI O PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST “A ESCOLA DO NEM”//

VÍCTOR: AGRADECEMOS A TODOS OS CONVIDADOS QUE PARTICIPARAM DESSA CONVERSA E CLARO,/ À VOCÊ,/ QUE ESCUTOU ATÉ AQUI.//

ROBERTA: SIGA “A ESCOLA DO NEM” NAS REDES SOCIAIS// O INSTAGRAM É ARROBA AESCOLADONEM//

VÍCTOR: ROTEIRO E PRODUÇÃO: GIOVANA VIVEIROS,/ ROBERTA MOURÃO E VÍCTOR FREITAS.// ORIENTAÇÃO: PROFESSORA ROSEMARY BARS.// TRABALHOS TÉCNICOS: GUILHERME WILLIAM,/ LABORATÓRIO DE IMAGEM E SOM DA PUC-CAMPINAS.//

VÍCTOR: ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO// TCHAU//

ROBERTA: TCHAU//

ANEXO II. ROTEIRO - EPISÓDIO 2

MATHEUS: SEMPRE TEVE UM AFASTAMENTO MUITO GRANDE ENTRE O ENSINO SUPERIOR DE QUALIDADE E OS ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA E O NOVO ENSINO MÉDIO TÁ AUMENTANDO AINDA MAIS ESSA DISTÂNCIA, TÁ COLOCANDO MAIS BARREIRA, TÁ COLOCANDO PREGO NESSA TRAJETÓRIA, TÁ COLOCANDO CACO DE VIDRO, TÁ FAZENDO TUDO MAIS PARA DIFICULTAR O ACESSO DESSES ESTUDANTES A UM ENSINO SUPERIOR.

FÁBIO: A GENTE SEMPRE VAI ESTAR PARTICIPANDO, VAI ESTAR OCUPANDO AS RUAS, VAI ESTAR QUERENDO DIÁLOGO COM O GOVERNADOR DE SÃO PAULO, COM ESSA GALERA DA EDUCAÇÃO, QUE PARECE QUE TAMPA OS OLHOS PARA ENTENDER A REALIDADE DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL.

ANA KAROLLINA (UCES): O NOVO ENSINO MÉDIO NÃO VAI CONTINUAR, PORQUE COMO EU DISSE, A GENTE NÃO VAI SAIR DAS RUAS ENQUANTO NÃO FOR UM ENSINO DE FATO DEBATIDO COM A GENTE, QUE É ESTUDANTE, COM A GENTE QUE É PROFESSOR. ENTÃO ENQUANTO NÃO FOR DEBATIDO DE FATO, ENQUANTO NÃO FOR CONSTRUÍDO PELAS NOSSAS MÃOS, A GENTE NÃO SAI DAS RUAS, ENTENDEU?

(VINHETA)

VÍCTOR: OLÁ!! SEJA BEM-VINDO AO PODCAST A ESCOLA DO NEM!! EU SOU VÍCTOR FREITAS!!

ROBERTA: E EU SOU ROBERTA MOURÃO,/ E HOJE NÓS VAMOS OUVIR ESTUDANTES,/ PROFESSORES E PESQUISADORES SOBRE AS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO DO NOVO ENSINO MÉDIO NO ESTADO DE SÃO PAULO.//

(TRILHA)

VÍCTOR: EM JULHO DESTE ANO,/ O ESTADO DE SÃO PAULO ANUNCIOU A REFORMULAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO PARA DOIS MIL E VINTE E QUATRO.//

ROBERTA: O NEM PASSARÁ DE DOZE PARA TRÊS ITINERÁRIOS,/ QUE SÃO LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS,/ CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA E O ITINERÁRIO TÉCNICO.// A DIRIGENTE DE ENSINO CAMPINAS OESTE,/ PATRÍCIA ADOLF LUTZ,/ EXPLICA QUE O CURRÍCULO TAMBÉM TERÁ UMA PARTE FIXA PARA TODOS OS ESTUDANTES.//

PATRÍCIA: TEREMOS UMA FORMAÇÃO GERAL BÁSICA, QUE É O PORTUGUÊS, A MATEMÁTICA, E NÓS VAMOS TER UMA FORMAÇÃO QUE TAMBÉM VAI TER PARA TODOS. POR EXEMPLO, PROJETO DE VIDA É UMA DISCIPLINA QUE VAI TER PARA TODOS OS ALUNOS, INDEPENDENTE DO ITINERÁRIO QUE VOCÊ ESCOLHER, PORQUE A GENTE ENTENDE QUE O

PROJETO DE VIDA É ESSE PLANEJAMENTO QUE ESSE ALUNO FAZ. NÓS VAMOS TER EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA TODOS OS ALUNOS AÍ, PORQUE A GENTE TAMBÉM ENTENDE QUE É UMA DISCIPLINA QUE FAZ PARTE PARA QUALQUER CAMPO QUE ESSE MENINO VÁ ATUAR. NÓS VAMOS TER UMA ACELERAÇÃO PARA VESTIBULAR, PARA DE FATO ESTAR APOIANDO ESSE ALUNO, E O ALUNO QUE, POR EXEMPLO, OPTAR PELA ÁREA DA MATEMÁTICA, ALÉM DE TODAS ESSAS QUE ELE VAI TER PARA VOCÊ, ELE VAI TER BIOTECNOLOGIA, ELE VAI TER QUÍMICA APLICADA, ELE VAI TER ROBÓTICA, ELE VAI TER EMPREENDEDORISMO.

VÍCTOR: O ESTUDANTE DO SEGUNDO ANO DO NOVO ENSINO MÉDIO FÁBIO DANIEL MARTINS JÚNIOR,/ QUE CURSA O ITINERÁRIO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS,/ ESTÁ PREOCUPADO COM SEU TERCEIRO ANO DO NEM.//

FÁBIO: ANO QUE VEM VAI SER SÓ HUMANAS E NATUREZA E EXATAS, NÉ? E AÍ COMO QUE EU QUERO PRESTAR VESTIBULAR PARA A UNICAMP, NÉ, HISTÓRIA, A SEGUNDA FASE CAI QUESTÕES DE MATEMÁTICA. E COMO EU VOU RESPONDER ISSO SE ANO QUE VEM EU SÓ VOU TER AULAS DE HUMANAS E LINGUAGENS?

ROBERTA: A PRESIDENTE DA UNIÃO CAMPINEIRA DOS ESTUDANTES,/ ANA KAROLLINA DA SILVA,/ EXPLICA QUE OS ALUNOS DO NEM ESTÃO PREOCUPADOS COM O FUTURO E A APROVAÇÃO NO VESTIBULAR,/ DIANTE DO CENÁRIO QUE VIVENCIAM NA ESCOLA.//

ANA KAROLLINA: OS NOSSOS JOVENS NÃO TÊM PERSPECTIVA DE FUTURO. ENTÃO PARA QUEM VAI PRESTAR O VESTIBULAR É UMA COBRANÇA EM DOBRO, PORQUE A PESSOA ÀS VEZES TRABALHA, ALÉM DOS ESTUDOS, NÉ? ELA ESTUDA, ELA TRABALHA, ELA NÃO TEM TEMPO E O TEMPO QUE ELA TEM PARA TENTAR DESCANSAR ELA TEM QUE FICAR SE MATANDO DE CADA VEZ MAIS ESTUDAR MAIS POR YOUTUBE E TIPO ASSIM, VOCÊ ABRE MÃO DE SER JOVEM PARA TER QUE ENTRAR NUMA UNIVERSIDADE PÚBLICA, PORQUE HOJE O NOSSO ENSINO, PRINCIPALMENTE AQUI EM SÃO

PAULO, É UM ENSINO BURGUEÊS, É UM ENSINO ELITISTA, ONDE A MAIOR PARTE DAS PESSOAS HOJE QUE VÃO INGRESSAR NUMA UNIVERSIDADE SÃO AS PESSOAS QUE VIERAM DE UM CURSINHO PARTICULAR, OU ATÉ MESMO NUMA ESCOLA PARTICULAR. ISSO É DESESPERADOR, PORQUE EU SOU ESSA JOVEM, EU SOU ESSA JOVEM QUE QUER ENTRAR NUMA UNIVERSIDADE PÚBLICA, QUE QUER CURSAR O MEU CURSO, MAS NÃO SÓ ENTRAR NO MEU CURSO E UMA SEMANA DEPOIS TER QUE EVADIR PARA O MERCADO DE TRABALHO, PARA O SUBEMPREGO.

VÍCTOR: FORMADO EM HISTÓRIA,/ O PROFESSOR DO NEM SAMUEL NOGUEIRA EXPLICA QUE FALTA ESTRUTURA NAS ESCOLAS PARA COLOCAR O NOVO ENSINO MÉDIO EM PRÁTICA.//

SAMUEL: QUAL QUE É A IDEIA DO NOVO ENSINO MÉDIO? ELE É PAUTADO PARA ESCOLAS DE ENSINO INTEGRAL. DE FORMA QUE A ESCOLHA DO ITINERÁRIO PELO ALUNO PERMITA QUE, APÓS O ALMOÇO, ELE SAIA DA SALA DE AULA DELE E ELE VÁ PARA A SALA AMBIENTE DO ITINERÁRIO FORMATIVO QUE ELE ESCOLHEU. ENTÃO QUE NÃO O PROFESSOR VÁ AO ALUNO, E SIM O ALUNO VÁ AO PROFESSOR. SÓ QUE A GENTE TEM QUE PENSAR QUE AS ESCOLAS NA MAIORIA DAS VEZES NÃO TÊM ESTRUTURA PARA ISSO. NO PAPEL, ISSO É LINDO. PÔ, SERIA MARAVILHOSO TER UMA SALA AMBIENTE DE HISTÓRIA, MAS ISSO NÃO EXISTE. SOU EU QUE VOU ATÉ O ALUNO. ENTÃO JÁ COMEÇA NESSE PROBLEMA DE ESTRUTURA, AS ESCOLAS NÃO DEMANDAM A ESTRUTURA NECESSÁRIA PARA ESSA IMPLEMENTAÇÃO.

ROBERTA: UMA MÃE DE DOIS ESTUDANTES DO NOVO ENSINO MÉDIO EM CAMPINAS,/ QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR POR MOTIVOS PESSOAIS,/ TAMBÉM CONSIDERA QUE A ESTRUTURA DA ESCOLA PÚBLICA DEVE SER VISTA COM MAIS ATENÇÃO PARA QUE O NEM SEJA REFORMULADO.//

MÃE DE DOIS ESTUDANTES: O ENSINO MÉDIO É UMA IMPOSIÇÃO QUE VEIO DE CIMA NUMA SITUAÇÃO EM QUE ELA NÃO IA SE CUMPRIR, NÃO IA SE CUMPRIR PORQUE O BRASIL TINHA OUTROS PROBLEMAS PARA RESOLVER

PRIMEIRO. E ELA VAI CONTINUAR NÃO SE CUMPRINDO. ATÉ QUE SE OLHE PARA O PROFESSOR E FALE ASSIM “PROFESSOR, QUAL É A SITUAÇÃO DE VIDA QUE VOCÊ TEM DE APRENDER UM OUTRO CONHECIMENTO NESSA ALTURA DO CAMPEONATO PARA DAR PARA OS SEUS ALUNOS?” OU EU VOU CONTRATAR UM PROFESSOR ESPECIALISTA? EU VOU EQUIPAR A ESCOLA COM LIVROS SOBRE AQUILO, OU EU VOU COLOCAR LIVRO DIGITAL? QUAL QUE É A CONDIÇÃO DE ACESSO DOS ALUNOS PARA AQUELE LIVRO DIGITAL? EU VOU COLOCAR O LABORATÓRIO? AH, A ESCOLA TEM CONDIÇÕES DE MANTER ESSE LABORATÓRIO?

ANA KAROLLINA (UCES): SE A GENTE QUER UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE, A ESCOLA NÃO PODE TER UM TETO FURADO PARA PARAR DE CHOVER DENTRO, A ESCOLA PRECISA TER UMA MERENDA LEGAL, A ESCOLA PRECISA TER PROFESSORES, PORQUE O QUE MAIS FALTA NA ESCOLA É PROFESSOR, É ESTRUTURA, A ESCOLA PRECISA TER UMA BIBLIOTECA, UM LABORATÓRIO LEGAL, ENTÃO ANTES DE PENSAR EM UMA REFORMULAÇÃO NO ENSINO, SE PENSA EM UMA ESTRUTURA ADEQUADA.

ROBERTA: SAMUEL TAMBÉM ENXERGA FALHAS NO MATERIAL DIDÁTICO FORNECIDO PELO ESTADO AOS PROFESSORES.//

SAMUEL: ÀS VEZES, MAS É MUITO RARO, MAS ÀS VEZES O MATERIAL DO ESTADO FORNECE ALGUNS ARTIGOS QUE SÃO BEM DIDÁTICOS E SÃO INTERESSANTES PARA AS AULAS, MAS ÀS VEZES NÃO OCORRE, ENTENDEU? TIPO ASSIM, ÀS VEZES ROLA, MAS ÀS VEZES NÃO ROLA. ÀS VEZES ELE VIRA PARA NÓS E FALA ASSIM, PASSE UM VÍDEO DE 30 MINUTOS PARA O ALUNO. SE EU PASSAR UM VÍDEO DE 30 MINUTOS NUMA SALA DE AULA, EU DURMO ASSISTINDO O VÍDEO. ELES NÃO TÊM PACIÊNCIA.

VÍCTOR: O PROFESSOR E PRESIDENTE DO CURSINHO POPULAR PROFESSOR CHICO POÇO,/ DE JUNDIAÍ,/ MATHEUS NAVILLE,/ AFIRMA QUE O NOVO ENSINO MÉDIO ESTÁ SENDO ELABORADO DE MANEIRA ERRADA E QUE OUTROS INTERESSES ESTÃO INVADINDO A ÁREA DA EDUCAÇÃO.//

MATHEUS: EU VEJO QUE A NECESSIDADE DA REVOGAÇÃO É URGENTE. QUEM ESTÁ DECIDINDO A ESTRUTURA CURRICULAR DA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA NÃO SÃO OS PROFESSORES, NÃO SÃO OS ESTUDANTES, NÃO SÃO OS ACADÊMICOS DA EDUCAÇÃO, NÃO SÃO AS PESSOAS QUE ESTUDAM CURRÍCULO, QUE ESTUDAM ESCOLA, QUE VIVENCIAM A ESCOLA, NÃO SÃO ESSAS PESSOAS. É UM GRUPO REDUZIDO COM INTERESSES POLÍTICOS E QUE NÃO TEM ESSE CONTATO SOBRE AS TEMÁTICAS QUE ENVOLVEM A ESCOLA.

ROBERTA: A DOUTORA EM EDUCAÇÃO E PROFESSORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, / ANDREZA BARBOSA, / CONCORDA QUE HÁ INTERESSE DO SETOR PRIVADO NA EDUCAÇÃO. //

ANDREZA: NO CASO DO NOVO ENSINO MÉDIO, QUE ESTÁ MUITO ATRELADO À BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, A GENTE TEVE UMA PARTICIPAÇÃO MUITO FORTE DE SETORES DO EMPRESARIADO, QUE NO GERAL É REPRESENTADO PELO MOVIMENTO TODOS PELA EDUCAÇÃO. A EDUCAÇÃO É VISTA COMO UMA FORMA DE GARANTIA DO PODER DE UMA DETERMINADA CLASSE SOCIAL. ENTÃO, NÃO INTERESSA PARA OS GRUPOS ECONÔMICOS QUE DETÊM O PODER QUE A CLASSE TRABALHADORA TENHA CONDIÇÕES EFETIVAS DE PENSAR CRITICAMENTE, DE SE COLOCAR DE UM OUTRO JEITO NO MUNDO. ENTÃO, DISPUTAR O SENTIDO DESSA FORMAÇÃO É FUNDAMENTAL.

MATHEUS: O ENSINO MÉDIO TRADICIONAL QUE A GENTE CONHECIA NÃO ERA O IDEAL, MAS ESSA REESTRUTURAÇÃO, ESSA REORGANIZAÇÃO, ESSA NOVA PROPOSTA, ELA PRECISA PASSAR POR QUEM VIVENCIA, POR QUEM ESTUDA, POR QUEM ESTÁ NA ESCOLA E NÃO POR UMA IMPOSIÇÃO POLÍTICA DA FORMA QUE ESTÁ SENDO FEITA HOJE.

SAMUEL: É NECESSÁRIO PENSAR EM ESTRUTURA DAS ESCOLAS, É NECESSÁRIO PENSAR EM GRADE E COMO VESTIBULAR TAMBÉM, UMA MUDANÇA NO PRÓPRIO VESTIBULAR, NO PRÓPRIO SISTEMA DE NOTAS PARA ESSA MELHORIA.

VÍCTOR: PATRÍCIA/ O QUE VOCÊ PENSA SOBRE FUTURAS TRANSFORMAÇÕES PARA O ENSINO MÉDIO NO ESTADO DE SÃO PAULO?// EXISTE ABERTURA PARA QUE O NEM SEJA CONSTRUÍDO EM CONJUNTO COM OS ESTUDANTES?//

PATRÍCIA: ENTÃO, EU IMAGINO QUE FIZEMOS UMA LARGADA DO ENSINO MÉDIO, AGORA ESTAMOS REESTRUTURANDO E EU PENSO QUE É OPERACIONALIZAR PARA A GENTE VER O QUE PRECISA SER APRIMORADO E APERFEIÇOADO NO DECORRER DOS ANOS. O QUE EU NÃO TENHO DÚVIDA E PENSO SER ALGO MUITO PERTINENTE É QUE O ENSINO MÉDIO PRECISAVA DE UMA NOVA ESTRUTURA. O ENSINO MÉDIO PRECISAVA TER UM DIRECIONAMENTO DIFERENTE DOS NOSSOS JOVENS. EU PENSO QUE ISSO A GENTE ESTÁ CONQUISTANDO E ALCANÇANDO. CLARO QUE NÓS VAMOS PRECISAR DE MUITA AVALIAÇÃO, OUVIR MUITOS ALUNOS PARA QUE A GENTE CHEGUE EXATAMENTE ONDE ELES PRECISAM, QUE A GENTE DÊ O APOIO DO ENSINO MÉDIO EXATAMENTE ONDE É NECESSÁRIO PARA QUE ESSE ALUNO AÍ CONCRETIZE TODOS SEUS SONHOS.

ROBERTA: MATHEUS,/ ENQUANTO EDUCADOR,/ QUAL A SUA VISÃO SOBRE ESSE NOVO ENSINO MÉDIO PAULISTA ANUNCIADO PARA DOIS MIL E VINTE E QUATRO? O QUE PODEMOS ESPERAR DESSA REFORMULAÇÃO?//

MATHEUS: EU ACHO QUE SE NÃO PASSAR PELA SOCIEDADE, SE NÃO PASSAR PELOS ATORES ENVOLVIDOS NA ESCOLA, EU VEJO QUE VAI SER O NOVO ENSINO MÉDIO COM UMA ROUPAGEM UM POUCO DIFERENTE, MAS COM A ESTRUTURA, COM O CORPO MEIO SIMILAR. POR ISSO QUE ME PREOCUPA MUITO E VEJO COMO FUNDAMENTAL ESSE TIPO DE PLATAFORMA AQUI PARA DEBATERMOS O QUE TEM SIDO FEITO NO NOVO ENSINO MÉDIO.

ANDREZA: DE QUALQUER FORMA, ME PARECE QUE A GENTE VAI TER UM RETROCESSO DE QUALQUER JEITO NÉ. ESSA LÓGICA DO EMPREENDEDORISMO, ESSA LÓGICA DA INDIVIDUALIDADE, ESSA LÓGICA

DE QUE O SUJEITO PODE RESOLVER A PRÓPRIA VIDA, INDEPENDENTE DE QUALQUER COISA POSTA PELA SOCIEDADE, PELO SISTEMA E TAL, ELA ESTÁ PRESENTE MESMO NO PROJETO DE LEI DO GOVERNO. A GENTE VAI REDUZINDO AS POSSIBILIDADES DE CRÍTICA, DE UMA FORMAÇÃO CRÍTICA, MAS TALVEZ MENOS PIOR DO QUE O QUE A GENTE TEM AGORA.

VÍCTOR: PARA A ESTUDANTE DO TERCEIRO ANO DO NEM JACQUELINNE FERREIRA,/ QUE SE FORMA NESSE ANO,/ A UNIÃO ENTRE ALUNOS E PROFESSORES COMO MATHEUS, SAMUEL E ANDREZA É MUITO IMPORTANTE PARA A CONSTRUÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO.//

JACQUELINNE: EU SÓ CONSIGO SAIR, ASSIM, DA ESCOLA COM UM POUCO MAIS DE CONHECIMENTO PORQUE TEM ALGUNS PROFESSORES QUE TAMBÉM NÃO ESTÃO DE ACORDO COM ISSO, QUE AO INVÉS DE SEGUIREM O QUE ELES SÃO MANDADOS A FAZER, ELES ESTÃO PASSANDO O QUE REALMENTE VAI SER IMPORTANTE. É O QUE TRAZ UM POUQUINHO DE ESPERANÇA PORQUE NÃO TÁ FÁCIL PRA MIM COMO ALUNA PARA ELES TAMBÉM NÃO TÁ PORQUE EU SEI QUE ELES TAMBÉM ESTÃO PERDIDOS. EU TENHO PROFESSOR NA FAMÍLIA, EU SEI COMO É DIFÍCIL TODA ESSA REFORMULAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO. ACHO QUE É MUITO IMPORTANTE TAMBÉM ELES SE JUNTAREM AOS ALUNOS NA CAUSA. PORQUE SOZINHO NÃO DÁ PARA GANHAR NENHUMA LUTA NÉ.

SAMUEL: A GENTE COMO PROFESSOR, POR EXEMPLO, NÃO TEM DIREITO A PLANO DE SAÚDE PELO ESTADO, E MUITO MENOS A UM AUXÍLIO PSICOLÓGICO QUE É EXTREMAMENTE NECESSÁRIO. POR ISSO QUE MUITAS DAS VEZES O PROFESSOR SURTA, O ALUNO SURTA, TODO MUNDO SURTA. E A MAIORIA DAS VEZES NÃO É CULPA DE NENHUM DELES, E SIM DO SISTEMA. ENTÃO A GENTE TEM UM DESGASTE TAMBÉM DO PRÓPRIO PROFISSIONAL. SE O ALUNO É DESMOTIVADO, É CULPA DO PROFESSOR. O PROFESSOR QUE FAZ A SALA DE AULA, O PROFESSOR QUE GERE ISSO. E SE O PROFESSOR ESTÁ DESMOTIVADO, É POR UMA CULPA ESTATAL DO PRÓPRIO SISTEMA.

ROBERTA: FÁBIO E ANA SÃO APENAS ALGUNS DOS MILHARES DE JOVENS QUE ACREDITAM NA MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL COMO FORMA DE FACILITAR O ACESSO DOS ESTUDANTES AO ENSINO PÚBLICO DE QUALIDADE E GARANTIR MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES.//

FÁBIO: TODA VEZ QUE TIVER ALGUMA MOBILIZAÇÃO A GENTE SEMPRE FAZ UMA ASSEMBLEIA NA NOSSA ESCOLA PARA A GENTE IR PARA AS RUAS E REVOGAR ISSO, PORQUE NÃO ATENDE ÀS DEMANDAS DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA, NÃO ATENDE ÀS DEMANDAS DOS PROFESSORES TAMBÉM, NÃO É SÓ OS ALUNOS QUE VÊM SOFRENDO COM ISSO, É OS PROFESSORES TAMBÉM.

ANA KAROLLINA (UCES): JÁ EXISTEM DEBATES COM AS ENTIDADES AGORA NACIONAIS, DEPOIS DESSA TROCA DE GOVERNO, QUE ABREM DE FATO AGORA AS PORTAS PARA QUE A GENTE CONSIGA ACESSAR O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, QUE A GENTE CONSIGA IR LÁ E COBRAR. ENTÃO, O NOSSO CENÁRIO É TÃO PROPENSO À REVOGAÇÃO OU À REFORMULAÇÃO DESSE ENSINO, MAS QUE SEJA UM ENSINO QUE NOS REPRESENTE, QUE TENHA ANCESTRALIDADE DENTRO DAS ESCOLAS, UM ENSINO QUE PREPARE A GENTE PARA O VESTIBULAR, QUE HOJE PENSAR QUE O NOVO ENSINO MÉDIO VAI CONTINUAR, NÃO É O NOSSO PLANO.

FÁBIO: ACHO QUE A GENTE TEM QUE CONSCIENTIZAR MAIS ESCOLAS, CONSCIENTIZAR PROFESSORES TAMBÉM, PORQUE É O ÚNICO MODO QUE A GENTE TEM DE FALAR NÃO, SABE? QUE ISSO NÃO ABRANGE A GENTE. É FECHANDO A AVENIDA, É OCUPANDO ESCOLAS. É POR MEIO DISSO QUE EU ACREDITO QUE A GENTE VAI CONSEGUIR DERRUBAR O NEM E BUSCAR MELHORIAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS QUE ABRANGEM ALUNOS NEGROS, POBRES, PERIFÉRICOS, ENTÃO ACREDITO QUE POR MEIO DA LUTA MESMO, POR MEIO DESSA CONVERSAÇÃO, DESSE DIÁLOGO, QUE A GENTE VAI CONSEGUIR PARAR O NEM E VOLTAR, NÉ, TIPO, TALVEZ A SER COMO ANTES, OU CRIAR REFORMAS QUE REALMENTE ATENDEM ÀS NOSSAS NECESSIDADES E AS NOSSAS DEMANDAS.

(VINHETA)

(TRILHA DE FUNDO)

VÍCTOR: ESSE FOI O SEGUNDO E ÚLTIMO EPISÓDIO DO PODCAST “A ESCOLA DO NEM”//

ROBERTA: AGRADECEMOS A TODOS OS CONVIDADOS QUE PARTICIPARAM DESSA CONVERSA E CLARO,/ À VOCÊ,/ QUE ESCUTOU ATÉ AQUI.//

VÍCTOR: SIGA “A ESCOLA DO NEM” NAS REDES SOCIAIS// O INSTAGRAM É ARROBA AESCOLADONEM//

VÍCTOR: ROTEIRO E PRODUÇÃO: GIOVANA VIVEIROS,/ ROBERTA MOURÃO E VÍCTOR FREITAS.// ORIENTAÇÃO: PROFESSORA ROSEMARY BARS.// TRABALHOS TÉCNICOS: GUILHERME WILLIAM,/ LABORATÓRIO DE IMAGEM E SOM DA PUC-CAMPINAS.//

ROBERTA: OBRIGADA PELA COMPANHIA,/ TCHAU//

VÍCTOR: TCHAU//

ANEXO III. ENTREVISTAS

Entrevista com Patrícia Adolf Lutz

1. Como foi o estudo e o diálogo para implementar o Novo Ensino Médio em Campinas?

O Novo Ensino Médio foi implementado desde 2022. A ideia do Novo Ensino Médio é deixar a escola mais atrativa para o jovem do ensino médio, para que ele, de fato, consiga já construir ou começar a construir o seu projeto de vida já mesmo no ensino médio, a questão profissional mesmo. Então ao invés de todos fazerem a mesma coisa, cada um faz a sua escolha de acordo com aquela habilidade, de acordo com o que ele quer para a vida dele e ele opta.

Em 2022 nós tivemos a implementação de 12 itinerários formativos e em 2023 foi feita uma avaliação desses 12 itinerários. A primeira série de ensino médio ela é padrão, não tem a opção. A partir da segunda série de ensino médio é que os jovens começam a optar e começam a seguir o seu projeto de vida de acordo com o seu interesse.

Esse ano fizemos uma avaliação, ouvimos os alunos. A Secretaria, por meio da COPED, a Coordenadoria pedagógica, fez a escuta de alunos, de professores, acerca dessas 12 opções. E aí a Secretaria definiu uma reestruturação para 2024, para que justamente fique mais simples para que o jovem opte, que o jovem escolha algo que tenha a ver mais aí com o seu dia a dia. Não teremos mais as unidades curriculares, mas sim, três itinerários formativos.

2. Quais são essas novidades?

Ano que vem o aluno vai poder escolher, a partir da segunda série de ensino médio: ou matemática, a área de exatas e ciências da natureza, ou ciências humanas, ou ele vai poder fazer a opção do curso técnico. Teremos uma formação geral básica, que é o português, a matemática, e nós vamos ter uma formação que também vai ter para todos.

Por exemplo, projeto de vida é uma disciplina que vai ter para todos os alunos, independente do itinerário que você escolher, porque a gente entende que o

projeto de vida é esse planejamento que esse aluno faz. Nós vamos ter educação financeira para todos os alunos, porque a gente também entende que é uma disciplina que faz parte para qualquer campo que esse menino vá atuar. Nós vamos ter uma aceleração para vestibular, para de fato estar apoiando esse aluno, e o aluno que, por exemplo, optar pela área da matemática, além de todas essas que eu estou dizendo para você, ele vai ter biotecnologia, ele vai ter química aplicada, ele vai ter robótica, ele vai ter empreendedorismo.

E quem optar pela educação profissional não opta pelo itinerário formativo acadêmico, mas sim pela educação profissional. Por exemplo, em Campinas Oeste, nós vamos ter administração, logística, vendas, e cada região vai ter uma especificidade da educação profissional a depender daquilo que a região oferece.

3. Por que o estado de São Paulo saiu na frente na implementação do Novo Ensino Médio?

São Paulo é um estado promissor. É um estado que se preocupa muito com a educação, então já que a gente já sabia que ia reformular, a Secretaria da Educação se preocupou em de fato operacionalizar isso que já ia acontecer. A gente entende que essa reforma do Ensino Médio é um benefício para o aluno, já que ele faz a opção para trilhar o seu caminho. Então, a gente entendeu que, operacionalizando já para os alunos antes de todos, seria um ganho para o nosso estudante.

4. O Novo Ensino Médio atua em benefício do estudante? O que ele agrega em relação ao que era praticado anteriormente, no currículo anterior?

A gente vê uma grande desmotivação dos alunos do Ensino Médio. Eu penso que essa reformulação do Ensino Médio vai trazer aquilo que o aluno quer fazer, para que ele consiga já sair na frente, já começar a trabalhar com isso que ele quer.

Vamos pensar no itinerário de ciências humanas, aquele menino que quer fazer direito, que quer ser advogado... Quando você traz no itinerário informativo um curso de oratória, um curso de liderança, você agrega muito para o projeto de vida desse menino. A matemática é importante, de extrema importância, mas você aprofundar com o aluno aquilo que ele sonha para sua profissão, é algo que motiva o aluno e que faz com que ele queira estar na escola. "Poxa, eu quero sair da escola

porque eu tenho um projeto de vida de ser advogado, e lá na escola eu vou aprender técnicas de liderança, eu vou aprender técnicas de oratória que vão me ajudar para minha futura profissão”. Então, eu vejo com muito bons olhos essa reestruturação do ensino médio, uma forma de motivar e daquilo que o aluno for desenvolver nesse ensino médio ser útil para a vida dele.

5. O Novo Ensino Médio oferece uma formação específica para o preparo do aluno para o vestibular?

Sim, é no itinerário formativo global. Então, o que vai ter nesse itinerário informativo global? Aula de projeto de vida e a aceleração para o vestibular. Vai ter uma disciplina específica para isso para estar apoiando o aluno. Fora isso, esse ano o aluno da terceira série do ensino médio, ele tem acesso gratuito e ilimitado à plataforma Prepara, que é a plataforma como a Descomplica, que faz um programa de um planejamento de estudo do aluno. Então, o aluno pode fazer simulados, ele faz um planejamento dele de como estudar. Então, tudo isso a gente tem pensado, sim, para que o aluno possa ingressar na universidade.

E nós vamos ter o Provão Paulista. O Provão Paulista é a oportunidade de ingresso na universidade, dentro da escola pública. Então, é algo inovador, é algo que os alunos gostaram bastante, que percebem a importância de levar isso até lá. Universidades, assim, tanto a Unicamp, USP, UNESP, Fatec e Univesp. Foram as cinco universidades que aderiram a isso e que disponibilizaram vagas para que alunos exclusivos de escolas públicas pudessem estar dentro da universidade.

Eu entendo, que hoje as universidades estão com um olhar para o aluno de escola pública. Há uma preocupação. É algo muito bonito de se ver, que a gente percebe um esforço muito grande das universidades públicas em oportunizar para alunos de escolas públicas o seu acesso e permanência.

6. Desde que o Novo Ensino Médio foi implementado, foi feita uma consulta com os alunos para saber a opinião deles sobre a reforma?

Sim, tanto que o resultado dessa pesquisa é essa reestruturação para 2024, né? Então os alunos entendem que é muito benéfico, pelo menos eles relatam para a gente, entendem que é muito benéfico pensar num ensino médio voltado a

canalizar naquilo que eles desejam para o projeto de vida deles. Entretanto, talvez a quantidade excessiva dos itinerários pode ser que tenha causado um pouco de desconforto, então a ideia é a gente reduzir o número para a gente tentar canalizar e usar um pouco mais aí para de fato fazer sentido para o aluno.

7. O que você imagina para o futuro do Novo Ensino Médio no Estado de São Paulo para 2024 e para os anos seguintes?

Eu penso que são tentativas. A gente nunca quer errar, né? Então, eu imagino que fizemos uma largada do ensino médio, agora estamos reestruturando e eu penso que é operacionalizar para a gente ver o que precisa ser aprimorado e aperfeiçoado no decorrer dos anos. O que eu não tenho dúvida e penso ser algo muito pertinente é que o ensino médio precisava de uma nova estrutura. O ensino médio precisava ter um direcionamento diferente dos nossos jovens. Eu penso que isso a gente está conquistando e alcançando. Claro que nós vamos precisar de muita avaliação, ouvir muitos alunos para que a gente chegue exatamente onde eles precisam, que a gente dê o apoio do ensino médio exatamente onde é necessário para que esse aluno aí concretize todos seus sonhos.

Entrevista com Andreza Barbosa

1. Enquanto estudiosa da área da educação, o que você pensa sobre o Novo Ensino Médio?

O Novo Ensino Médio é uma reforma da última etapa da educação básica, que é o ensino médio, e que o altera sem precedentes. A gente não teve nenhuma outra política que promovesse uma alteração tão grande no funcionamento, na estrutura curricular de uma etapa da educação básica tanto quanto essa. Então, é uma reforma que muda drasticamente o funcionamento e a estrutura do ensino médio, e que tende a ampliar significativamente as desigualdades educacionais.

O ensino médio é, historicamente, no Brasil, afetado por uma dualidade histórica. É um ensino médio geralmente propedêutico para os filhos das elites e um ensino médio de caráter mais técnico que habilite para o mundo do trabalho, voltado para as classes trabalhadoras. Então, a gente convive com essa dualidade há muito

tempo. E esse Novo Ensino Médio tende a aprofundar essa dualidade e fazer com que a gente tenha ainda mais essa separação entre um ensino para as elites e um ensino para a classe trabalhadora.

2. Como você avalia os itinerários formativos e componentes curriculares implementados no Novo Ensino Médio paulista?

A lei federal prevê que o currículo do Ensino Médio seja flexibilizado de forma que cada estudante, supostamente, poderia escolher o itinerário formativo da área de conhecimento que ele, em tese, mais teria afinidade. Então, são quatro áreas de conhecimento: ciências humanas, ciências da natureza, ciências exatas e linguagens. E mais um quinto, que seria o itinerário técnico. Em tese, essa flexibilização seria feita e os estudantes poderiam escolher um itinerário da área que mais lhe apetecesse. Só que a lei também prevê que cada sistema de ensino, então no caso das redes públicas, cada rede estadual, poderia implementar os seus arranjos para dar conta do Novo Ensino Médio.

Como os estados tinham autonomia para implementar essa flexibilização curricular, o estado de São Paulo criou 12 itinerários, que eram aqueles quatro básicos, mais combinações deles. Então, mesmo no itinerário que é só de ciências humanas, os componentes curriculares não são história, geografia, sociologia e filosofia. Os componentes curriculares são outras coisas. Então você imagina: a área de linguagens vai ter aula de inglês, de artes, de língua portuguesa e educação física? Não, vai ter aula do Laboratório de Produção Jornalística, entendeu? Então o estado de São Paulo criou componentes curriculares novos, outros estados fizeram outros arranjos.

E daí veja, se a crítica ao ensino médio era que tinha muitas disciplinas, o que aconteceu no estado de São Paulo? Se eu tenho 12 itinerários formativos diferentes, com 276 componentes curriculares novos. Agora pensa, como é que uma rede consegue administrar, ao invés das 11 disciplinas que o ensino médio tinha antes, 276 novos componentes curriculares? Como é que as escolas lidam com isso?

Isso tem um impacto muito grande para o trabalho dos professores, para a organização da escola, na própria rede de ensino e para os estudantes, que deixam de ter aula dos conteúdos tradicionais que vão ser cobrados não só no vestibular, mas em muitas outras esferas da vida. É complicado essa ideia de que escolher

aquilo que tem mais a ver com a área que eu pretendo cursar na educação superior, é mais vantajoso... Porque, na verdade, eu vou deixar todas as outras. Então, não é uma escolha do que eu quero me aprofundar, acaba sendo a escolha do que eu estou deixando para trás, e que vai fazer falta, obviamente.

3. No momento de prestar vestibular, essa alteração do Novo Ensino Médio pode ser prejudicial para os alunos de escola pública?

Ela certamente será. O ENEM, apesar de ter sido anunciado que seria alterado, não foi alterado. Pode até ser que seja, mas a gente não sabe que alteração vai ser. Os vestibulares das universidades, como a USP, Unicamp, nenhuma alteração vai se adequar ao Novo Ensino Médio. Agora, o estado de São Paulo criou aquela prova paulista, que é uma forma de ingresso específica para os estudantes das escolas públicas. Mas no vestibular convencional, a tendência é que esses estudantes saiam muito prejudicados.

E por que esse ano teve tanta mobilização dos estudantes? Porque esse ano eles entenderam o que seria esse Novo Ensino Médio, porque no estado de São Paulo esse ano é o ano que a primeira turma conclui. A primeira turma está agora na terceira série do ensino médio. Então eles estão se dando conta de que eles não vão ter acesso aos conteúdos que vão ser cobrados inclusive no vestibular. E daí deu um desespero, né, porque até então acho que não tinha dado para perceber o impacto disso. Então a tendência é que esses estudantes sejam muito prejudicados, principalmente porque as escolas privadas têm adotado outras formas de implementar o Novo Ensino Médio.

No geral, as escolas privadas que atendem mais à elite, o que elas fizeram? Elas mantiveram a carga horária da formação geral básica igualzinho era antes, e no contraturno ampliaram a carga horária dos itinerários formativos. Então, pensa só, o estudante que está em uma dessas escolas privadas, ele não deixou de ter aula de nada. Ele passa a ter aula de itinerário formativo no contraturno, ou por meio de plataformas digitais, ou por meio de aulas a mais. Na escola pública, não, você deixa de ter outras disciplinas para entrar nos componentes. Então, a condição de acesso à educação superior desses dois estudantes vai ser muito diferente.

4. O Novo Ensino Médio é capaz de aprofundar a desigualdade que já existia anteriormente, entre escolas públicas e escolas particulares?

No caso do estado de São Paulo, sem dúvida nenhuma. Os itinerários técnicos, por exemplo, que eles vendem como sendo um curso técnico, não podem ser considerados curso técnico. Pode ser chamado de aperfeiçoamento, mas curso técnico não, porque não tem nem carga horária suficiente.

Por exemplo, tinha um que a gente viu recentemente que era a AutoCAD. Aí você acha que está escolhendo um curso técnico em informática, mas não, você vai fazer algumas aulas de AutoCAD, né? Então você vai deixar de ter aula de física, de química, de biologia para ter umas aulinhas de AutoCAD. O ensino oferecido rebaixa muito a formação dos estudantes das escolas públicas.

5. Você enxerga um interesse de instituições privadas por trás do Novo Ensino Médio, além dos objetivos educacionais?

A educação é alvo de disputa desde sempre. O projeto de educação vai sendo disputado por representantes de diferentes classes sociais. Então, o empresariado vai disputar um determinado projeto de formação diferente do que a classe trabalhadora disputa. No caso do Novo Ensino Médio, que está muito atrelado à Base Nacional Comum Curricular, a gente teve uma participação muito forte de setores do empresariado, que no geral é representado pelo Movimento Todos pela Educação.

Veja, a educação é vista como uma forma de garantia do poder de uma determinada classe social. Então, não interessa para os grupos econômicos que detêm o poder que a classe trabalhadora tenha condições efetivas de pensar criticamente, de se colocar de um outro jeito no mundo. Então, disputar o sentido dessa formação é fundamental.

6. Além dos alunos, os professores também estão sendo afetados negativamente com essa mudança? Como?

Sim, sem dúvida nenhuma. Nos cursos de licenciatura, a gente forma professores para um determinado componente curricular. Então, o curso de história

forma professor de história. O curso de letras, o professor de língua portuguesa, que é uma coisa muito diferente de ser um professor da área de linguagens. Ele não necessariamente vai conseguir conduzir uma disciplina que se chama Laboratório de Produção Jornalística, entendeu?

Isso muda o jeito que o professor se vê e causa uma demanda de trabalho imensa, porque se antes ele era professor de uma área que tinha estudado qual é a melhor estratégia de ensino, como organizar o conteúdo... Agora não, ele tem que aprender a dar aula de um componente que, às vezes, não faz nenhum sentido.

7. Como pesquisadora da área, o que você pensa para o futuro da educação pública com o Novo Ensino Médio?

O governo federal encaminhou um projeto de lei em que a reivindicação era que revogasse o Novo Ensino Médio, que voltasse ao que era antes e que a gente pudesse discutir quais mudanças seriam adequadas, mas isso não foi feito. O que foi feito foi um projeto de lei que restitui a carga horária da formação geral básica. Então, ainda é muito complicado o projeto de lei apresentado, mas ele, no mínimo, vai restituir grande parte da formação geral básica.

O estado de São Paulo já tinha anunciado o modelo para o ano que vem, mesmo antes da aprovação do projeto de lei do governo federal, e daí teve uma mobilização muito grande e eles disseram que não, que o ano que vem continua tudo igual. Mas assim, do jeito que está, dificilmente continua, até porque ficou muito evidente, muito escandaloso a coisa toda.

De qualquer forma, me parece que a gente vai ter um retrocesso de qualquer jeito né. Essa lógica do empreendedorismo, essa lógica da individualidade, essa lógica de que o sujeito pode resolver a própria vida, independente de qualquer coisa posta pela sociedade, pelo sistema e tal, ela está presente mesmo no projeto de lei do governo. A gente vai reduzindo as possibilidades de crítica, de uma formação crítica, mas talvez menos pior do que o que a gente tem agora.

Entrevista com Ana Karollina da Silva

1. Qual é o posicionamento da UCES a respeito do Novo Ensino Médio?

Hoje, a gente observa o Novo Ensino Médio fazendo com que mais jovens evadam a escola, justamente por ter que ficar mais um período na escola. Se pegarmos a nossa taxa de jovens que trabalham e estudam, ela é muito alta, mas se a gente pega a nossa taxa de evasão escolar, ela vem crescendo cada vez mais. Então, a gente observa que o Novo Ensino Médio é um projeto de sucateamento da educação, que não representa os jovens.

Enquanto entidade estudantil, a gente se posiciona muito nesse sentido, porque de fato não dá pra gente voltar ao que era antes, mas a gente precisa de um ensino que nos represente, que nos capacite suficientemente para prestar um vestibular, no mesmo nível de alguém que faz uma escola particular.

O que a gente mais quer nesse momento é que pare de chover dentro da escola, é que a gente tenha uma estrutura legal, que a gente tenha uma biblioteca, um laboratório. E não só isso, que a gente conheça de fato a nossa história. Hoje, tem uma lei em São Paulo que obriga as escolas a ter ensino afro-brasileiro indígena, mas poucas escolas aplicam isso. Então, quando a gente fala de revogar o Novo Ensino Médio, não é para voltar ao que era antes. É para que a gente consiga construir, juntos com os estudantes e com os professores, que também são a linha de frente desse projeto, uma educação transformadora de fato.

2. Você conhece estudantes que estão preocupados com o desempenho no vestibular por conta do Novo Ensino Médio?

Você ouve o relato das pessoas e dos jovens, e eles estão desistindo de prestar o vestibular, e isso é desesperador, porque a gente fala que a gente luta por ensino público de qualidade, gratuito pra todo mundo, e onde que isso é o suficiente pros jovens que vêm da periferia, que vêm de uma escola pública, que não tem acesso minimamente a uma infraestrutura boa dentro da escola, onde não tem professor, onde tem aulas gravadas, que não tem nem estrutura, que cai a internet o tempo todo? Os jovens estão desistindo de prestar o vestibular, eles estão desesperados, e as pessoas estão desistindo dos seus sonhos.

Os nossos jovens estão com medo, os nossos jovens não têm perspectiva de futuro. Então, para quem vai prestar o vestibular é uma cobrança em dobro, porque a pessoa às vezes trabalha, além dos estudos, né? Ela estuda, ela trabalha, ela não tem tempo e o tempo que ela tem para tentar descansar ela tem que ficar se

matando de cada vez mais estudar por YouTube. Você abre mão de ser jovem para ter que entrar numa universidade pública, porque hoje o nosso ensino, principalmente aqui em São Paulo, é um ensino burguês, é um ensino elitista, onde a maior parte das pessoas hoje que vão ingressar numa universidade são as pessoas que vieram de um cursinho particular, ou até mesmo numa escola particular. Isso é desesperador, porque eu sou essa jovem, eu sou essa jovem que quer entrar numa universidade pública, que quer cursar o meu curso, mas não só entrar no meu curso, e uma semana depois ter que evadir para o mercado de trabalho, para o subemprego.

Eu quero ser a primeira pessoa a entrar numa universidade pública na minha família. Isso é o que mais a gente vê nos jovens, e é muito triste isso, porque eu ouço esses relatos, me dá uma onda de tristeza, de raiva, de revolta, porque eu e todas as pessoas que vêm de onde eu venho, da periferia, da escola pública, sofrem e tem que correr dobrado, enquanto outras pessoas têm a oportunidade de só estudar e ainda fazem cursinho particular.

Sabe qual é o sonho dos jovens que desacreditam no estudo? “Eu vou comprar uma moto pra virar Uber”. Não que ser Uber, ser entregador do iFood, é ruim, mas saber que os nossos jovens podiam estar numa universidade e que se tivessem o suporte suficiente, assistência estudantil para que esses jovens consigam de fato sair de lá com diploma da mão, mestres, graduandos, pós-graduandos, é incrível. E quando uma pessoa que sai da onde a gente sai consegue alcançar isso, ela vira um exemplo. Mas com o NEM sucateando a nossa educação, a gente vê jovens com medo, lutando para tentar permanecer na escola, ou que desistiram.

3. Você acredita que o Novo Ensino Médio vai aprofundar ainda mais a desigualdade entre escolas públicas e particulares?

Ele está fazendo isso desde o momento que foi implementado. Se a gente ver a taxa de evasão escolar, cada dia ela cresce mais, mas não só isso. A gente também está falando de jovens que desistiram de sonhar. O Novo Ensino Médio aumenta a desigualdade em um nível absurdo, porque as pessoas evadem, as pessoas desistem. Não é algo para o futuro, é algo que já está acontecendo.

Se hoje a gente vai na porta de uma escola e conversa com jovens, entende a realidade deles, a gente percebe o quanto o NEM não representa a gente, e, por

isso, a gente está estudando, junto com os professores e as pessoas que trabalham na escola e que lutam diariamente, para que exista uma reformulação desse ensino, mas que não exista só uma reformulação, que a gente faça parte desse debate.

4. Durante o processo de desenvolvimento e implementação do Novo Ensino Médio, os estudantes e as entidades estudantis foram ouvidas?

Não existiu acessibilidade suficiente para que os jovens e os professores conseguissem chegar nesses debates. O que está sendo aberto para todo mundo está acontecendo ou na capital paulista, ou lá em Brasília. E o que adianta falar, “Estou aberto aqui, vem você participar”, sendo que não existe o mínimo de suporte possível para que as pessoas consigam chegar nesses lugares e participar desses debates? Como é que a gente fala para um jovem que está lutando todos os dias para permanecer na escola, que trabalha, que está aberto lá em Brasília para ele ir debater o Novo Ensino Médio?

Quem está na escola pública, quem está na periferia, tem vários sonhos. São pessoas sonhadoras, porque não desistiram ainda. Mas o principal sonho nosso é chegar no dia seguinte, é poder levantar, é poder ir para a escola, é poder ter um ensino de qualidade, a gente só sonha com isso: chegar no dia seguinte. Você acha mesmo que alguém que está tentando lutar para estar no dia seguinte vivo, quer saber de ir para Brasília, sendo que vai ter que pagar do próprio bolso, sendo que não vai ter alimentação, não vai ter nem suporte? Essa pessoa não tem nem dinheiro para comer no dia seguinte.

5. Você acredita que essa proposta de reformular o ensino médio foi pensada unicamente pelo fator educacional?

Eu acho que desde quando foi implementado o Novo Ensino Médio, já se percebia que não eram métodos educacionais, até porque se a gente está falando de educação, a gente também fala de estrutura dentro das escolas, porque se a gente quer uma educação de qualidade, a escola não pode ter um teto furado para parar de chover dentro. A escola precisa ter uma merenda legal, a escola precisa ter professores, porque o que mais falta na escola é professor. A escola precisa ter uma

biblioteca, um laboratório legal. Então, antes de pensar em uma reformulação no ensino, deve se pensar em uma estrutura adequada.

No Brasil todo, a gente tem um desafio muito grande, que é lutar pela revogação do Novo Ensino Médio. Mas, em São Paulo, a gente tem um desafio muito maior. Além de lutar pela revogação do NEM, é lutar, de fato, com pessoas que nos representem. Porque hoje, o nosso secretário de educação não é o que os estudantes querem. A gente está deixando isso muito bem claro, e todas as vezes que os estudantes precisarem, estaremos na rua e não sairemos até que a gente tenha um ensino de qualidade. É isso que a gente vai fazer, porque em São Paulo a gente não aceita um processo de sucateamento com o Novo Ensino Médio.

6. O que você e a UCES imaginam para o futuro da educação pública no Brasil com o Novo Ensino Médio?

Hoje a gente observa um cenário muito propenso à revogação do Novo Ensino Médio e uma reformulação. Já existem debates com as entidades agora nacionais, depois dessa troca de governo, que abrem de fato agora as portas para que a gente consiga acessar o Ministério da Educação, que a gente consiga ir lá e cobrar. Então, o cenário é propenso à revogação ou à reformulação desse ensino. Um ensino que nos represente, que tenha ancestralidade dentro das escolas, um ensino que prepare a gente para o vestibular. Hoje, pensar que o Novo Ensino Médio vai continuar, não é o nosso plano.

O Novo Ensino Médio não vai continuar, porque como eu disse, a gente não vai sair das ruas enquanto não for um ensino de fato debatido com a gente, que é estudante, com a gente que é professor. Então, enquanto não for debatido de fato, enquanto não for construído pelas nossas mãos, a gente não sai das ruas, entendeu? Essa perspectiva de continuar o ensino do jeito que está, não é provável, porque os estudantes estão prontos para parar quando for necessário, os professores estão prontos para parar enquanto for necessário.

Entrevista com a mãe de dois estudantes (fonte não quis ser identificada nos episódios do podcast por motivos pessoais)

1. Como o Novo Ensino Médio chegou para você?

O Novo Ensino Médio não era um assunto que tinha começado agora, ele já vinha em discussão há bastante tempo. Com a pandemia, esse assunto começou a ficar meio abafado. Nós tínhamos os trâmites ali rolando, até que quando acabou a pandemia, meus filhos voltaram para a escola, e eles receberam a notícia de que as coisas iriam mudar para essa nova configuração.

Então, havia imposições na escola dos meus filhos que os meus colegas, amigos, pesquisadores de outros estados não estavam recebendo a mesma diretriz, né? Então, foi apreensivo, quanto pesquisadora porque a gente sabia das consequências das coisas, foi apreensivo como mãe porque ensino médio é uma fase de decisão de vida.

2. Como foi a reação dos seus filhos conversando com você? Qual é a opinião deles sobre esse novo ensino?

Eles têm uma realidade com a qual eles têm que lidar, que no início foi extremamente complicado porque nem a escola sabia responder todas as perguntas que a comunidade escolar precisava que fossem respondidas. Eles não tinham muita noção do que esperar. A preocupação do adolescente é o que ele vai fazer ali naquele momento, como ele tira nota, como é ele vive com aquilo. É claro que tem determinadas matérias que eles estavam empolgados para fazer, outras que eles estavam apreensivos. Mas uma coisa era a ideia e outra coisa a execução, né?

3. Eles optaram por quais itinerários?

Não houve o processo de escolha. A escola pode cumprir muito diferente daquilo que está escrito no sistema. Eles não fizeram escolha porque não tinha como escolher. São sete ou oito itinerários diferentes. Numa escola como a deles, não era possível cumprir as oito demandas e não havia estrutura suficiente de preparação de aula e professor para que se cumprissem todas as demandas.

Então, foi uma coisa que está escrito no sistema e outra que aconteceu. Teve muito professor que cansou de esperar a estrutura e fez o que pôde, teve muito professor que pediu transferência, teve muito aluno que começou a estudar por conta, teve aluno que abandonou, teve aluno que aproveitou as matérias que eram

possíveis ser recolocadas, então não teve escolha. Não houve um momento em que “Olha, nós temos essas opções e você vai escolher e vai funcionar dessa forma”.

4. Como mãe, você sente uma decepção dos seus filhos que estão estudando nesse novo ensino?

Não houve esse momento. Houve o momento de início de aulas, de um ideal, do vamos fazer isso e houve uma rotina escolar. A rotina escolar não cumpriu aquele lugar, que o Novo Ensino Médio estava se propondo a fazer. Então vamos colocar um exemplo bem aleatório. Então o professor estava destinado a dar aula A, mas ele passou a vida inteira estudando para B. Ele chegava em sala de aula, começava a dar a aula A. Todas as escolas que a gente estudou foi assim que aconteceu. Não só no estado de São Paulo, mas em outros estados.

A escola pública ela tem uma quantidade de alunos, de professores, de estrutura que não condiz com o NEM. Quem teve aula o dia inteiro conseguiu ter um pouco mais de condição. Agora, os alunos que estudaram em períodos específicos, manhã, tarde, noite, não tinham condições. Se o professor recebia lá uma cartilha de que ele tinha que dar robótica sem um computador, sem internet, sem um laboratório de robótica, então lá no sistema está escrito aula de robótica. Agora, na prática, não foi isso que ele deu. Então, não existe decepção, porque não aconteceu.

5. Como seus filhos estão lidando com a preparação para o vestibular? Já que alguns alunos não têm aulas dos conteúdos cobrados.

É importante dizer que essa preparação para o vestibular ela é uma coisa que não é um problema do ensino médio, ela existe desde que o mundo é mundo. O que acontece é que o ensino médio, impondo determinadas matérias que não vão ser cobradas no processo seletivo, você aumenta a desigualdade que já ia acontecer de qualquer jeito. Então o que acontece? Os alunos que estavam interessados em fazer o vestibular e precisavam estudar filosofia, eles receberam filosofia, porque o professor deu o conteúdo. Dentro das condições que ele tinha para dar, entendeu?

A questão é que se fosse imposto e aquilo realmente acontecesse. Se a desigualdade fosse ainda maior, porque você estaria preparando o aluno para situações técnicas, então ele nunca ia ser um engenheiro, ele ia ser o mestre de

obras; ele nunca ia ser o chefe de cozinha, ele ia ser o cozinheiro, porque ele não tem condições de ter entrada dentro da universidade, não que a longo prazo isso não seja corrigido, mas eu acho que toda questão é essa.

6. Fale um pouco sobre a questão estrutural das escolas, já que nem todas são iguais.

Essa é uma discussão em que não é o ensino médio, isso é tudo, né? Quando você faz um planejamento num nível de país continental com o Brasil, você tem que se dar conta que a realidade de um lugar é diferente da outra, você tem que se preparar para essa cultura. Todo o problema do Novo Ensino Médio é que isso não foi preparado considerando esse tipo de coisa e o período pandêmico.

O estado de São Paulo colocou uma situação de ensino à distância que funcionou, teve problemas, mas rolou. Em outros estados isso não rolou, mas era uma situação emergencial. Então você sai de uma situação emergencial e ao invés de você pegar as experiências que deram certo, aplicar e aquelas que não dão certo, você corrigir para depois implementar o ensino médio, você impõe uma situação continental sem considerar as diferenças de cada estado.

7. O que você pensa sobre a educação hoje no Brasil e o que espera para o futuro?

A educação no Brasil é uma coisa que não é incentivada, mas não em relação à escola, ela não é incentivada quanto à cultura mesmo. Ao longo da minha vida como mãe de dois seres, o que eu observei é que eu tive ajuda de muita gente, porque em um primeiro momento meus filhos demonstravam interesse por algo e havia toda uma intencionalidade de ajuda das mais diversas pessoas possíveis. A situação da educação no Brasil depende da pessoa. Quando você tem uma família que te incentiva a conhecer um autor de literatura brasileira, que te indica um cientista brasileiro que fez um negócio legal, você aprende que estudar é legal.

O Novo Ensino Médio é uma imposição que veio de cima numa situação em que ela não ia se cumprir, não ia se cumprir porque o Brasil tinha outros problemas para resolver primeiro. E ela vai continuar não se cumprindo até que se olhe para o professor e fale assim “Professor, qual é a situação de vida que você tem de

aprender um outro conhecimento nessa altura do campeonato para dar para os seus alunos?” Ou eu vou contratar um professor especialista? Eu vou equipar a escola com livros sobre aquilo ou eu vou colocar livro digital? Aí eu vou colocar no livro digital qualquer condição de acesso dos alunos para aquele livro digital. Eu vou colocar o laboratório? A escola tem condições de manter esse laboratório?

Então é uma coisa muito mais macro do que só “O brasileiro não gosta de estudar”. Isso não é verdade. Se você mostrar para ele que existe um mundo ali do qual ele vai se interessar, que é daquilo que ele gosta, então se o cara gosta de videogames, se o cara gosta de joguinho de celular e ele descobre que ele pode montar o próprio joguinho dele no celular, como que ele não vai se interessar por isso, gente? É óbvio que ele vai.

Entrevista com Samuel Nogueira

1. Você deu aula de História naquele formato tradicional que a gente conhecia antes do Novo Ensino Médio? Se sim, como foi quando você soube que entraria o NEM e isso mudaria a sua rotina como professor?

Quando eu comecei a dar aula, as bases da BNCC já estavam estabelecidas, isso já estava ocorrendo desde a época da faculdade. A molecada de 2020 do primeiro ano já estava escolhendo o que seriam os itinerários formativos deles para o segundo ano do ensino médio, então quando eu entrei já estava nesse modelo. Eu dei aula de história, mas eu não dei aula para o ensino médio antes do NEM.

O Itinerário Formativo simplesmente reduz um professor de história a um professor de humanas. Dá uma certa agonia de você não estar dando uma aula boa, muito porque você não está na sua área do conhecimento em si. Você é obrigado a ter a interdisciplinaridade de todas as áreas do conhecimento e essas interdisciplinaridades não aprofundam o assunto. Você só está trabalhando o raso da questão.

Essa interdisciplinaridade do itinerário formativo obriga que um só professor seja muito raso num assunto que às vezes demandaria um total de 16 aulas pensando na união de todas essas matérias. Um professor de história dá duas, mais um professor de geografia dá duas e assim vai se conversando e dando o mesmo assunto. Ele é muito raso esse conteúdo, de forma que ele não dá uma

desesperança, mas ele te obriga de certa forma a estudar, mas é um estudo que você vê que é um estudo raso, sabe? É algo que o próprio material deixa bem raso pra nós.

Eu várias vezes observo a habilidade da aula mesmo e falo “Bem, isso aí eu sei o que eu tenho que falar” e nem vou atrás de procurar o assunto porque, em tese, a habilidade está ali, eu sei o tema, sei o assunto, eu consigo discorrer durante 45 minutos sem nada. Então ele tem esse engessamento do trabalhador ali e também envolve a questão da molecada, porque querendo ou não a molecada sabe que eles vão sair em desvantagem do conteúdo porque é um conteúdo bem raso, eles mesmos compreendem que é algo muito raso e que a gente não dá conta de lidar com isso em 45 minutos ou duas aulas, daria uma hora e meia.

2. Para quantas turmas você dá aula e quantas disciplinas você leciona? Elas estão muito ou pouco relacionadas com a sua formação em História?

Hoje eu dou aula para o terceiro ano do Ensino Médio, meus protegidos, dou aula para o segundo A do Ensino Médio, para o segundo B e o sexto ano da tarde. Eu tenho o total de 16 aulas na semana, e hoje eu tenho cinco itinerários formativos, só para o terceiro ano A. Eu vejo eles dez vezes na semana. Até brinquei que se eles não gostassem de mim, seria um problema muito grande pelo resto do ano. Hoje eu dou pra eles as matérias de “Sociabilidade, liberdade e igualdade”, “Modo de vida, trabalho e alguma coisa, desculpa, fugiu o resto da matéria” e “trabalho e economia”. Essas matérias são relacionadas às ciências humanas, só que como eu sou historiador em todas as matérias eu acabo puxando sardinha para o meu lado, porque é área de conhecimento que eu domino.

Então eu sempre puxo o lado pra história, embora seja aquilo, é carente. Um terceiro ano, por exemplo, hoje estaria tendo aula de Brasil contemporâneo, provavelmente, ou de Europa contemporânea, Europa moderna, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, o Brasil na República, coisas que eles mesmo sentem falta.

4. Como você faz para preparar suas aulas?

Eu utilizo o meu próprio material e tento utilizar o material fornecido para o estado como norteador. Lógico que tento atender ao mesmo tempo as demandas de

vestibular, tiro várias dúvidas. Mas basicamente isso, né? Às vezes, mas é muito raro, mas às vezes o material do estado fornece alguns artigos que são bem didáticos e são interessantes para as aulas, mas às vezes não ocorre, entendeu? Tipo assim, às vezes rola, mas às vezes não rola. Às vezes ele vira para nós e fala assim, passa um vídeo de 30 minutos para o aluno. Se eu passar um vídeo de 30 minutos numa sala de aula, eu durmo assistindo o vídeo. Eles não têm paciência.

5. Qual a sua opinião sobre a implementação do NEM no estado de São Paulo?

O que a gente tem que pensar é que, em nenhum momento, educadores, professores, pedagogos e os próprios alunos foram consultados perante essa reforma do ensino. Não que o sistema de ensino anterior não tivesse falhas, tinha várias inclusive, só que ele conseguia ser menos pior do que o modelo atual.

Pensando nisso, na estrutura da escola, qual é a ideia do Novo Ensino Médio? Ele é pautado para escolas de ensino integral. De forma que a escolha do itinerário pelo aluno permita que, após o almoço, ele saia da sala de aula dele e ele vá para a sala ambiente do itinerário formativo que ele escolheu. Então que não o professor vá ao aluno, e sim o aluno vá ao professor. Essa é a ideia do itinerário formativo. Só que a gente tem que pensar que as escolas na maioria das vezes não têm estrutura para isso. No papel, isso é lindo. Pô, seria maravilhoso ter uma sala ambiente de história, mas isso não existe. Sou eu que vou até o aluno. Já começa nesse problema de estrutura, as escolas não demandam a estrutura necessária para essa implementação

É necessário pensar em estrutura das escolas, é necessário pensar em grade e como vestibular também, uma mudança no próprio vestibular no próprio sistema de notas para essa melhoria. Assim como é uma questão toda estrutural, é desmotivação dos alunos, como desmotivação do próprio profissional, né? Do professor com salário baixo, condições para dar aula, sala de aula, a falta de um auxílio psicológico, né?

A gente como professor, por exemplo, não tem direito a plano de saúde pelo Estado, e muito menos a um auxílio psicológico que é extremamente necessário. Por isso que muitas das vezes o professor surta, o aluno surta, todo mundo surta. A maioria das vezes não é culpa de nenhum deles, e sim do sistema. Então a gente tem um desgaste também do próprio profissional. Se o aluno é desmotivado, é culpa

do professor. O professor que faz a sala de aula, o professor que gere isso. E se o professor está desmotivado, é por uma culpa estatal do próprio sistema.

Entrevista com Matheus Naville

1. Quantos alunos cursando o NEM o cursinho está recebendo?

Se a gente pegar mais ou menos a média de 100, 110 pessoas que nós atendemos esse ano, eu posso falar que mais ou menos entre 40 e 50 ainda estão no ensino médio e conseqüentemente passando pelo Novo Ensino Médio.

2. E vocês, professores, percebem algumas diferenças entre esses alunos do NEM e os alunos que já se formaram no modelo anterior?

O que nós temos sentido, e isso é decorrente tanto das questões do Novo Ensino Médio quanto da própria pandemia que foi, né, que atravessamos agora recentemente, que as pessoas têm procurado muito o curso popular com uma perspectiva de conseguir resgatar ou iniciar, porque muitas vezes não teve nem o início, de alguns conteúdos básicos e que esses estudantes consideram como essenciais. Então muito estudante que a gente tá, que passou pelo nosso processo seletivo, que estão até hoje estudando conosco, eles veem muito nessa perspectiva de perceber que aquilo que eles estão tendo atualmente na escola e aquilo que eles passaram ao decorrer da pandemia não era o suficiente para conseguir passar no vestibular e, portanto, vem nos procurar.

Então, não é só uma procura da questão que a gente tinha pré-pandemia, vamos dizer assim, pré-Novo Ensino Médio, em que as pessoas tinham interesse de acessar o ensino superior e nos procuravam. A gente sente que vem muito dessa demanda dessa defasagem gigantesca de conteúdos básicos que o novo ensino médio está criando com esses estudantes.

3. E como é a preocupação desses alunos do NEM com o vestibular?

Eu acho que antes da promulgação do Novo Ensino Médio, os estudantes que nos procuravam, estavam motivados a buscar o ensino superior, o acesso ao

ensino superior através do vestibular. Hoje eu sinto que tem uma indignação muito maior do que tem acontecido através de toda essa estrutura do Novo Ensino Médio. Então, eu sinto que é uma motivação, assim, meio que do sentimento de perceber que está muito errado, que está muito problemático.

Os vestibulares já estão lá, já estão soltando notas que não vão se adaptar. A última nota que o vestibular da Unicamp, por exemplo, soltou é que eles vão cobrar cada vez mais interdisciplinaridade, que eles vão cobrar ainda mais filosofia, sociologia, história da arte. Disciplinas que estão muito negligenciadas dentro da estrutura do Novo Ensino Médio. Então, um estudante que está lá na escola pública, vai olhar o vestibular e vai ver como uma tarefa impossível.

A gente hoje já tem esse resultado de um afastamento ainda maior. Sempre teve um afastamento muito grande entre o Ensino Superior de qualidade e os estudantes da escola pública e o Novo Ensino Médio tá aumentando ainda mais essa distância, tá colocando mais barreira, tá colocando prego nessa trajetória, tá fazendo tudo mais para dificultar o acesso desses estudantes a um ensino superior.

4. Como professor, como você se sente vendo os alunos nessa situação?

A revolta em relação às estruturas que existem dentro das escolas públicas brasileiras, estaduais e municipais sempre existiu. Eu sinto que agora ela está cada vez mais tirando as perspectivas mínimas, porque anteriormente ainda existia um mínimo de possibilidade de construção crítica, de dialogicidade dentro das escolas, porque a disciplina não tinha uma rigidez tão grande quanto hoje.

Eu só vou trazer uma perspectiva histórica que acho que é interessante da gente repensar. Então, quando a gente teve a promulgação da Constituição do Brasil em 88, já começou a se pensar em elaborar uma possibilidade de organizar um currículo ou, minimamente, diretrizes que fossem perspectivas curriculares para a educação brasileira, isso em 88. Os primeiros documentos que começaram a surgir, os parâmetros curriculares nacionais, são promulgados em 98. Então, eles demoram 10 anos para conseguir se organizar. Por quê? Porque teve participação de professores, teve participação de sociedade, teve discussão, debate, e nos últimos anos, principalmente desde 2016, todas essas documentações, todas essas políticas públicas educacionais, elas deixaram de ter a participação da sociedade civil.

É muito bom que vocês tenham tido a proposta de fazer um podcast sobre essa temática porque é importantíssimo para que a gente tenha um mínimo de conscientização e possibilidade de criticar o que está sendo feito com a nossa educação aqui no Brasil.

5. O que você pensa sobre o NEM?

Eu vejo que a necessidade da revogação é urgente. Quem está decidindo a estrutura curricular da escola pública brasileira não são os professores, não são os estudantes, não são os acadêmicos da educação, não são as pessoas que estudam currículo, que estudam escola, que vivenciam a escola, não são essas pessoas. É um grupo reduzido com interesses políticos e que não tem esse contato sobre as temáticas que envolvem a escola.

O ensino médio tradicional que a gente conhecia não era o ideal, mas essa reestruturação, essa reorganização, essa nova proposta, ela precisa passar por quem vivencia, por quem estuda, por quem está na escola e não por uma imposição política da forma que está sendo feita hoje.

6. O que você imagina para o futuro do Novo Ensino Médio?

Eu acho que se não passar pela sociedade, se não passar pelos atores envolvidos na escola, eu vejo que vai ser o Novo Ensino Médio uma roupagem um pouco diferente, mas com a estrutura, com o corpo meio similar. Por isso que me preocupa muito e vejo como fundamental esse tipo de plataforma aqui para debatermos o que tem sido feito no Novo Ensino Médio.

Acho que todo mundo tem pelo menos algum parente, alguém que tem um conhecido, um adolescente na família que tá passando pelo Ensino Médio. O jeito é conversar, ver o que esses adolescentes estão passando, porque eu tô dando aqui o meu relato como professor, mas numa característica muito específica. Acho que vale muito botar isso em debate nas melhores maneiras possíveis.

Entrevista com Jacqueline Ferreira

1. Como é a sua rotina? Como é o dia a dia dividido entre escola e cursinho?

Eu começo acordando às 6h, pego o ônibus às 6h30, chego na escola e fico lá das 7h30 às 16h30. Saio da escola, vou pra casa, tomo banho, como alguma coisinha, vou para o cursinho e fico lá das 19h às 22h ou 22h30.

2. Qual área do NEM você escolheu? Como é a sua grade?

A área que eu escolhi no meu segundo ano do ensino médio foi “Linguagens e Humanas”, que foi uma das opções que ofereceram na minha escola, que era a que mais se encaixava com o que eu quero para o meu futuro. Nesse itinerário na escola, que se chama “Cultura em Movimento”, eu tenho dez aulas da área de humanas e dez da área de linguagens. Das matérias gerais fixas, eu tenho quatro aulas de língua portuguesa, quatro de matemática, duas de inglês, duas de educação física e duas de artes. Eu não tenho mais aula de física, química e biologia, e também não tenho história, geografia, filosofia e sociologia.

3. Quais matérias você tem hoje?

Do itinerário da parte de linguagens, tem uma matéria chamada “Corpo como Expressão”. Também tem uma outra chamada “Grupo de Pesquisa no Pluralismo Cultural”, uma outra “Mundo Contemporâneo e suas Vulnerabilidades”, e “Núcleo de Estudos: Estigmas e Representação”. Na parte de humanas, tem “Diálogos acerca dos Direitos Humanos”, “O corpo e o padrão social”, “Direitos que transformam: diferenças e semelhanças nas formas de estar no mundo”, e “Práticas corporais e culturas juvenis”.

4. O que você está aprendendo nessas aulas?

Então, algumas matérias como o “Núcleo de estudos” e “Mundo contemporâneo”, estão com um professor específico e ao invés de ele estar focando no que deveria ser um itinerário, ele está passando bastante língua portuguesa para a gente complementar. Então, ele vai falando sobre literatura, escolas literárias, assim como alguns outros de humanas. Tem outro professor que dá geografia para as outras séries e ele passa questões de geografia para a gente que cai no ENEM.

Itinerários como “Corpo como Expressão” e “Práticas Corporais e Culturas Juvenis”, são aulas que eu entro na sala, o professor faz chamada e não passa nada.

5. E como você se sente com isso?

É bem chato, porque é aquele negócio, por mais que esteja interessante a ideia dos itinerários no geral, eu não queria ter tido. Não queria ter tido de escolher um itinerário. Eu preferia estar tendo as aulas de química e de história. Porque, por mais que seja uma coisa divertida algumas aulas, o prejuízo está sendo muito maior.

6. O que você enxerga de pontos positivos e negativos no NEM?

Olha, é uma coisa que veio só para prejudicar os estudantes. Eu só consigo sair da escola com um pouco mais de conhecimento porque tem alguns professores que também não estão de acordo com isso, que ao invés de seguirem o que eles são mandados a fazer, estão passando o que realmente vai ser importante. É o que traz um pouquinho de esperança, porque não está fácil para mim como aluna, e para eles também não, porque eu sei que eles também estão perdidos. Eu tenho professor na família, eu sei como é difícil toda essa reformulação do Novo Ensino Médio. Acho que é muito importante também eles se juntarem aos alunos na causa. Porque sozinho não dá para ganhar nenhuma luta.

7. Por que você decidiu fazer cursinho?

Conversando com o meu irmão e com a minha família, o meu irmão sugeriu de eu prestar um cursinho para complementar. Ele falou: “se você vai estar sem aula, lá pelo menos você vai ter alguma coisa, nem que seja só para rever algum conceito que você já saiba”. E lá está sendo muito bom, as aulas são muito boas, no geral mesmo, eu não tenho do que reclamar no quesito de aula.

8. Fale sobre as diferenças do que você vê de dia na escola e o que você vê à noite no cursinho. O que está faltando na sua escola que você está encontrando no cursinho?

Não só todas as aulas das matérias que eu não tenho mais, tanto de ciências da natureza, quanto ciências humanas, mas algumas coisas mais específicas. De física eu não tenho nada, que é muito a Lei de Newton, ou de química, de distribuição eletrônica. Não tenho nada disso na escola. Teve muitas coisas que eu sei que eu deveria estar aprendendo esse ano na escola, que eu tô chegando para ver esse ano só no cursinho.

9. Para qual curso e faculdade você vai se inscrever?

Quero fazer jornalismo, assim como vocês. O foco é a USP, mas eu também vou prestar o vestibular da UNESP e da Unicamp para letras, e fazer o Enem.

10. Você se sente preparada para os vestibulares?

Bom, eu não diria que eu estou 100% confiante, mas também não diria que eu estou 100% insegura. Eu estou um pouco mais tranquila, porque eu já coloquei na minha cabeça que eu vou fazer o meu melhor, e se não der esse ano, é tentar de novo ano que vem, fazendo um cursinho de novo.

Entrevista com Fábio Daniel Martins Júnior

1. Qual área do conhecimento do NEM você escolheu?

A minha área de conhecimento é Humanas e Linguagens, e o nome do meu aprofundamento é “Cultura em Movimento”. Eu tenho cinco aulas de itinerário. De segunda-feira, tenho uma aula de itinerário, e na quinta, tenho outra. Sexta-feira eu tenho três aulas de itinerário, tanto é que é o dia que a galera mais falta.

3. Você sentiu uma defasagem com a redução no número de aulas de português e matemática?

Sim. Eu senti uma defasagem muito grande, ainda mais em matemática, porque eu tenho muita dificuldade mesmo. É muito complicado para gente que tá no itinerário de humanas, porque se a gente tá no itinerário de humanas e linguagens, é

porque obviamente a gente não tem tanta facilidade com essas disciplinas de exatas e naturezas. Prejudicou demais a gente perder essas cinco aulas e ter diminuído, sabe? Foi péssimo.

4. Qual a sua opinião sobre o NEM?

Para mim, o Novo Ensino Médio foi uma coisa horrível. Ano passado eu estava bem assustado mesmo, porque eu ouvia a galera mais velha falando como era estar vivendo naquilo, e eu ficava com medo mesmo, porque a escola, além de preparar a gente para vida, prepara a gente para o vestibular, prepara a gente pra entrar nas universidades. E como eu vou entrar numa universidade pública? Como que eu vou fazer o vestibular da Unicamp, por exemplo? Sem saber o que é exigido no vestibular, sabe? Como que eu vou usar o meu conhecimento de itinerário no Enem, por exemplo.

Não gosto do NEM, por isso que toda vez que tiver alguma mobilização, a gente sempre faz uma assembleia na nossa escola para a gente ir para as ruas e revogar isso, porque não atende às demandas de alunos de escola pública, não atende às demandas dos professores também, não é só os alunos que vêm sofrendo com isso, é os professores também. Não bate com a nossa realidade, não bate com o vestibular. O NEM tá aí pra só ceifar nossos sonhos mesmo. É muito triste ver, porque a educação é a única forma que a gente tem de mudar de vida, e está sendo sucateada para caramba.

5. Você tem acompanhado o debate acerca do NEM?

Sim, como que eu sou coordenador-geral do grêmio, a gente sempre tá por dentro das mobilizações, incentivando a galera a ir. Porque a gente não tem outra coisa a fazer. Por isso a gente está indo tanto contra, porque só cria desigualdade. Os professores não gostam, eles são obrigados a dar aulas sobre o que eles nem têm acesso, sabe? Então, por exemplo, eu tenho o itinerário, que é sobre cinema, e quem passa esse itinerário é a minha professora de Geografia, como a minha professora de Geografia vai dar aula sobre cinema para a gente, sabe?

Toda vez que tem alguma coisa, a gente sempre vai estar participando, vai estar ocupando as ruas, vai estar querendo diálogo com o governador de São Paulo,

com essa galera da educação, que parece que tampa os olhos para entender a realidade das escolas públicas do Brasil.

6. Qual curso e universidade você pretende prestar?

Eu quero prestar Unicamp, eu vou prestar como treineiro esse ano, mas o curso que eu quero é história, ou ciências sociais como segunda opção. Cada vez eu fico mais deprimido. Ano que vem vai ser só humanas e naturezas e exatas. E aí, como eu quero prestar vestibular para a Unicamp, história, a segunda fase cai questões de matemática. E como eu vou responder isso se ano que vem eu só vou ter aulas de humanas e linguagens?

7. O ano que vem pode ser pior do que esse ano?

Sim, sem dúvidas, porque apesar de eu ainda ter acesso a essas disciplinas, pouco, mas ano que vem eu não vou ter. Ano que vem com certeza vai ser pior, tanto é que a maioria dos meus amigos terão a necessidade de fazer cursinhos.

8. Você considera que está preparado para um vestibular?

Eu realmente não sei. Não gosto nem de pensar muito nisso. Mas, como eu falei, ano que vem eu vou tentar fazer cursinho, porque eu sinto que só ficar na escola, passar nove horas por dia, não vai ser o suficiente para eu prestar uma universidade pública e competir com galeras de escolas particulares. Apesar de eu ter cota, que é muito importante pra gente, eu não sei se eu vou estar no mesmo nível de conhecimento e de acesso à oportunidade.

9. Você é um aluno negro, vem de uma região de periferia. Fale sobre o que é estar nesse papel e ainda se sentir prejudicado pelo NEM.

É muito complicado, a gente vai ter que recorrer a outras coisas para ter oportunidade de entrar na universidade pública, no ensino superior, e sendo negro, sendo LGBT, sendo pobre, complica mais ainda. A gente já era privado há muito tempo de ocupar a universidade pública, e agora a gente tá vendo isso voltar. Eles

dizem que o Novo Ensino Médio é uma coisa boa para a gente, que vai auxiliar a gente, que vai ajudar no nosso projeto de vida, mas não tá ajudando, não só está atrapalhando, só está ceifando os nossos sonhos.

10. Você vê com esperança a possibilidade de alterações no Novo Ensino Médio?

Eu acredito sim, tenho muita esperança, acho que a gente tem consciência que esse é o único modo que a gente tem de falar não, sabe. É fechando a avenida, é ocupando escolas, é por meio disso que eu acredito que a gente vai conseguir derrubar o NEM e buscar melhorias nas escolas públicas que abrangem alunos negros, pobres, periféricos, então acredito que por meio da luta mesmo, por meio dessa conversação, desse diálogo, que a gente vai conseguir parar o NEM e voltar, né, tipo, talvez ser como antes, ou criar reformas que realmente atendem as nossas necessidades e os nossos demandas.

ANEXO IV. AUTORIZAÇÕES DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, RENATA AP. MOURA,
(nome)

BRASILEIRA, RG 26.539.792-3
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à R. GRANDES SAMAS, 507
(rua ou avenida e número)

30 DE JUNHO, JUNDIAÍ, SÃO PAULO, 13.203-650
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por JACQUELINE FERREIRA,
(nome)

BRASILEIRA, nascido(a) em JUNDIAÍ, RG 62.716.168-6
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 22 de Setembro de 2023

RENATA AP. MOURA
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Samuel Nogueira.....

(nome)

BRASILEIRO....., SOLTEIRO....., RG 38.581.486-0.....

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à RUA CONGO, 313.....

(rua ou avenida e número)

JD BONFIGLIE..... JUNDIAÍ..... SP..... 13207-340.....

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 25 de SETEMBRO..... de 2023.....

Samuel Nogueira.....

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, PATRICIA ADOLF LUTZ,
(nome)

BRASILEIRA, RG 27365898-0
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à RUA DR. ANTONIO A. LOBO, 404
(rua ou avenida e número)

Bela Vista, SP, 13020-110
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 23 de Outubro de 2023



.....
PATRICIA ADOLF LUTZ
Diretora Regional de Ensino
RG: 27.365.898-0

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Andreza Barbosa, brasileira, casada, RG. 30.448.440-4, residente e domiciliada à Rua Clóvis Teixeira, n. 100, Mansões Santo Antônio, Campinas-SP, CEP. 13.097-506

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 7 de novembro de 2023



ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Matheus Naville Gutierrez,

(nome)

..... Brasileiro Casado, RG 37.756.844-2

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à Avenida Nove de Julho, 3315

(rua ou avenida e número)

Anhangabaú Jundiaí SP 13208-056

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 10 de Novembro de 20.23

Matheus Naville Gutierrez

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Ana Karollina da Silva

(nome)

brasileira, solteira, RG 539926942

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à Barreto leme

(rua ou avenida e número)

centro, Campinas, São Paulo, 13010201

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 22 de novembro de 2023



(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, **Fábio Daniel Martins Júnior**

(nome)

Brasileiro

(Nacionalidade)

Solteiro

(Estado Civil)

RG **52.420.984-4**

residente e domiciliado à **Av. Hebert de Souza, 194**

(rua ou avenida e número)

Jd. Santa Cruz, Campinas- SP

(Bairro)

(Cidade)

13051-204

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, **22** de **Novembro** de 20**23**.



(assinatura)

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

GIOVANA BERTOLDO VIVEIROS

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

CAMPINAS

2023

GIOVANA BERTOLDO VIVEIROS

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA
EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA E PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO (TCC) da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto Roldão

PUC-CAMPINAS

2023

Introdução

O termo educação midiática está interligado a diversos conceitos presentes em pesquisas sobre educação e comunicação, como mídia-educação, educomunicação e mídias na educação (Freitas; Ferrari Júnior, 2013). Não há consenso exato sobre a definição desses e outros termos da área, considerando que os livros, revistas e artigos científicos relacionados ao tema têm pontos de vista diferentes conforme a linha de raciocínio dos respectivos autores. Ainda assim, esse relatório individual de pesquisa parte do princípio da educação midiática como a educação para o uso da mídia, que possibilita o desenvolvimento do senso crítico e o consumo e a produção consciente de informação.

De acordo com o Guia da Educação Midiática (2020), cerca de 90% dos brasileiros de 9 a 17 anos navegam na internet¹. Para Buckingham (2022), a educação midiática tem como principal preocupação o desenvolvimento do entendimento crítico e é indispensável no currículo escolar dos jovens. Diante da grande quantidade de conteúdo informacional disponível nas redes e na televisão, este relatório de pesquisa se dedica a compreender, por meio de revisão bibliográfica, a importância e como colocar em prática a educação midiática nas escolas brasileiras, para que os jovens aprendam a consumir e produzir conteúdos midiáticos de maneira crítica, ética e responsável.

Segundo Stumpf (2011), a pesquisa bibliográfica é o ato de selecionar documentos relacionados ao tema estudado e fazer o fichamento do conteúdo pesquisado para utilizá-lo como material de referência na redação de um trabalho acadêmico. Considerando a disponibilidade cada vez maior de artigos científicos e diversos trabalhos publicados em plataformas on-line e outros canais, a autora considera que “talvez um dos maiores [problemas] seja selecionar a literatura pertinente entre milhares de publicações existentes” (Stumpf, 2011).

Com objetivo de entender como a educação midiática é importante no combate à desinformação e na formação crítica e cidadã dos jovens brasileiros, este relatório de pesquisa foi construído por meio da técnica de revisão bibliográfica. Os artigos científicos consultados foram encontrados nas plataformas Google Acadêmico e SciELO, além da Biblioteca Virtual Pearson. Também foi de grande importância a leitura do livro “Manifesto pela educação midiática”, do jornalista e

¹ Disponível em <<https://educamidia.org.br/guia>>. Acesso em 28 abr. de 2023.

professor universitário David Buckingham, referência no campo de estudos de comunicação e educação.

Revisão bibliográfica

O que é educação midiática

A palavra Mídia vem do Latim *media*, que significa 'meios'. Seu uso passou a ser mais frequente no Brasil a partir de 1980. A partir de 1990, com a ampliação dos estudos sobre Comunicação, o termo sofreu variações (Freitas; Ferrari Júnior, 2013).

Pensando que os diferentes 'meios' de comunicação (rádio, televisão, jornal etc.), os geradores de informação (máquina fotográfica, celulares, filmadora etc.), as formas de disseminação da mídia (mídia impressa, mídia eletrônica, mídia etc.) e, ainda, os aparatos físicos ou tecnológicos empregado no registro de informações (fitas de videocassete, CD-ROM, DVDs), são extensões interligadas ao conceito de Mídia (que significa Meios), parece-nos que o uso do Neologismo Mídias é bem coerente (Freitas; Ferrari Júnior, 2013, p. 52)

Segundo Freitas e Ferrari Júnior (2013), as mídias podem ser divididas em duas categorias: antigas e novas. São consideradas antigas as mídias de massa da imprensa, como jornais, livros e revistas; já as novas são as mídias digitais, como a internet, computadores e celulares. Considera-se que as novas mídias revolucionaram a maneira de se comunicar, no sentido da produção coletiva de informações e na rapidez do processo comunicativo (Freitas; Ferrari Júnior, 2013).

De acordo com Aguaded (2016), graças ao excesso de informação ao alcance da sociedade por meio da mídia, muitas vezes há o consumo de informações de má qualidade. Ainda segundo o professor, "na sociedade civil têm se mobilizado múltiplas associações, grupos de pesquisa e universidades com propostas de estudo e especialmente de intervenção para fomentar uma educação midiática para a sociedade", (Aguaded, 2016, p. 99).

Segundo Belloni (2022), apesar de a mídia-educação - educação midiática, ou ainda educação para as mídias - ser um conceito amplo com diferentes linhas de raciocínio, na visão de educadores e comunicadores há urgência em discuti-la. De acordo com Buckingham (2022), o exercício da educação midiática não significa fazer uso da mídia como ferramenta ou auxílio educacional. O autor ainda

afirma que a educação para o uso da mídia,

Não consiste em alertar os jovens contra as várias formas de "mau comportamento" que a mídia parece incentivar. Tampouco consiste simplesmente em desenvolver habilidades técnicas ou proporcionar aos jovens oportunidades de se expressarem através da mídia. Na verdade, [...] ela se preocupa sobretudo em desenvolver o entendimento crítico (Buckingham, 2022, p. 30).

De acordo com o Guia da Educação Midiática (2020), obra do EducaMídia, programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta que conta com apoio do Google.org, a educação midiática consiste em um conjunto de competências que ajudam no desenvolvimento do olhar crítico para acessar, analisar e participar da produção de conteúdos informacionais de diferentes formatos.

Saber acessar o ambiente informacional significa buscar, filtrar e fazer curadoria das informações e ferramentas adequadas a cada necessidade. Ter capacidade de analisar implica compreender as mensagens e usar o pensamento crítico para investigar qualidade, veracidade, credibilidade e pontos de vista embutidos nas mensagens, considerando seus possíveis efeitos ou consequências. Criar, por sua vez, significa compor ou gerar conteúdo usando criatividade e confiança na autoexpressão, com consciência de propósito, público e técnicas de composição. Participar se traduz em trabalhar de forma individual e colaborativa para compartilhar conhecimento e atuar em relação a questões reais do entorno e da comunidade (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 50).

Além do termo educação midiática, outros conceitos estão interligados ao uso das mídias na educação, como mídia-educação, educomunicação, educação para as mídias, estudos dos meios, mídias na educação e outros (Freitas; Ferrari Júnior, 2013).

Segundo Soares (2014), não existe uma única forma de promover a educação midiática. Do ponto de vista histórico, são três protocolos básicos os que reúnem conceitos e normas para a garantia da educação midiática: protocolo moral, cultural e mediático (ou educocomunicativo).

O protocolo moral apoia-se na ideia de que a infância e a juventude têm direito à produção midiática responsável e de qualidade e que a liberdade de expressão não pode extingui-lo (Soares, 2014). Já o protocolo cultural é o que mais se aproxima do conceito de educação midiática definido pelo EducaMídia, programa do Instituto Palavra Aberta.

Protocolo Cultural parte do princípio de que a comunicação e os meios de informação fazem parte da cultura contemporânea, pelo que merecem ser conhecidos e estudados. Admitem que uma

criança ou jovem que tenha acesso a informações sobre a mídia ficará imune a seus excessos, especialmente os que exercem efeitos psicológicos sob sua formação (Soares, 2014, p. 18).

Por fim, o protocolo mediático está relacionado ao processo comunicativo. Segundo o autor, “a Educação para a Comunicação, aqui denominada como Educomunicação, preocupa-se fundamentalmente com o fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens” (Soares, 2014, p. 18). O projeto Educom.rádio é um exemplo de educomunicação, criado em 2001 e desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP com a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo. O projeto surgiu com o objetivo de combater a violência em escolas e incentivar a boa convivência entre os estudantes (Ferrari; Machado; Ochs, 2020).

Para Aguaded (2016), educação midiática e educomunicação caminham lado a lado.

Educomunicação e educação midiática são duas faces de uma mesma moeda e precisam uma da outra, até quase fundir-se nessa necessária formação que a população precisa para que seja possível compreender, de forma global, as interações das pessoas com as novas mídias que sempre surgem, com sua faceta multimidiática e interativa. Em suma, para poder “conviver”, de modo integral e plural, nesta sociedade midiática na qual nos foi dado viver (Aguaded, 2016, p. 98).

Segundo o Guia da Educação Midiática (2020), o que ocorre entre a educação midiática e a educomunicação é uma relação simbiótica em que uma ampara-se na outra, principalmente quando a primeira incentiva a autoexpressão de crianças e jovens e a segunda educa para o consumo consciente das mídias.

Não há consenso exato sobre a delimitação das fronteiras entre os termos educação midiática, educomunicação e demais conceitos relacionados aos estudos das áreas de comunicação e educação. Ainda assim, este artigo aborda o ponto de vista da educação midiática como a educação para o uso da mídia, que tem como objetivo formar o receptor crítico, capaz de analisar de maneira inteligente a mensagem midiática (Belloni, 2022).

Importância da educação midiática

As *fake news* são apenas um dos elementos que compõem a desinformação. “Há outros fatores, intencionais ou não, como o próprio excesso de fragmentos informacionais, ou a falta de habilidades digitais” (Sayad, 2019, p. 9).

Ainda segundo o autor, não há como deter a desinformação, mas é possível reunir iniciativas para formar e melhor preparar os cidadãos para lidar com o mundo informacional (Sayad, 2019).

Buckingham (2022) complementa que não é possível combater as *fake news* com listas simplistas para identificar a diferença entre o verdadeiro e o falso e que isso é enfrentar o problema de maneira isolada, sem pensá-lo como um todo. Para o autor, é necessário estabelecer uma estratégia educacional coerente para combater a desinformação de maneira eficaz, e isso é trabalho da educação midiática. “[...] precisamos de um entendimento muito mais sofisticado e profundo de como a mídia (incluindo as notícias, em todas as suas formas) representa o mundo, e de como ela é produzida e usada” (Buckingham, 2022, p. 59).

Segundo o Guia da Educação Midiática (2020):

No Brasil, a era digital é a realidade dos 74% dos brasileiros que acessam a rede. Dentre eles, mais de 24 milhões têm de 9 a 17 anos. Isso significa que, dessa faixa etária, quase 90% já está na internet, e dela 95% usa o celular para navegar e 92% o faz em casa. (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 42).

Para que a sociedade saiba se comportar e consumir informações no ambiente digital sem se deixar manipular por conteúdos tendenciosos ou falsos, é necessário investimento em programas de educação midiática para os jovens. Além de incentivar uma comunicação mais responsável e crítica, a educação midiática também pode ser considerada uma ferramenta de transformação, já que o desenvolvimento do senso crítico é capaz de interferir na vontade do agente de mudar o mundo (Buckingham, 2019 apud Spinelli; Santos, 2019).

Chaves e Melo concordam quando dizem que:

[...] o que pesquisadores do tema têm apontado é que como boa parte da informação disseminada no ambiente digital chega a nós por meio de variadas tecnologias (mídias impressas, audiovisuais, digitais e móveis), a habilidade de leitura crítica dos diferentes tipos de mídias se tornou essencial. (Chaves; Melo, 2019, p. 71)

Buckingham (2022) afirma que programas sistemáticos de educação midiática são necessários para a formação de cidadãos midiaticamente alfabetizados. Ainda segundo o autor, apenas apontar riscos e benefícios do uso das mídias é uma atitude reducionista e não contribui para a formação contínua do senso crítico do indivíduo, sendo apenas uma solução improvisada e superficial.

De acordo com Spinelli e Santos (2019), para que os jovens desenvolvam

esse senso crítico e olhar atento aos conteúdos informacionais, são necessárias políticas públicas de reconhecimento e fomento à educação midiática por parte do governo, veículos de mídia e instituições de ensino básico e superior. Para o EducaMídia, a educação midiática se desenvolve a partir de três eixos: ler, escrever e participar (Ferrari; Machado; Ochs, 2020).

O eixo “Ler” está relacionado à leitura crítica de notícias, imagens, vídeos, publicidades e outros conteúdos veiculados pela mídia. (Ferrari; Machado; Ochs, 2020). “Além disso, ensina a entender as intenções por trás de cada texto de mídia, separar notícia de opinião, fatos de propaganda; e a reconhecer sátira, clickbait, mensagens falsas, inexatas ou tendenciosas” (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 53).

O eixo “Escrever” está relacionado às habilidades de autoexpressão e fluência digital, para que os jovens sejam capazes de produzir diversos tipos de mídia para diferentes ferramentas digitais, por meio de uma escrita técnica ou criativa. O objetivo é que esses jovens sejam capazes de dialogar com a sociedade por meio das mídias (Ferrari; Machado; Ochs, 2020).

Por fim, o eixo “Participar” está focado nas habilidades de cidadania digital e participação cívica, tendo como objetivo ensinar “as crianças e os jovens a dialogar, discordar e reagir nas redes sociais de maneira equilibrada e não violenta, combatendo a discriminação e o discurso de ódio” (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 54).

A educação midiática faz parte do pensamento crítico e essas habilidades auxiliam no exercício da cidadania diante da desinformação (Sayad, 2019). Segundo Spinelli (2021):

[...] os processos de alfabetização midiática expandem a capacidade de interação com o outro e estabelecem relações dialógicas, fortalecedoras das experiências de alteridade e cidadania. Um apontamento possível para os cidadãos estarem habilitados para agirem criticamente na sociedade é terem competência para se relacionarem e se colocarem no lugar da ocorrência dos processos midiáticos de forma consciente e competente, o que pode ser assegurado pela alfabetização midiática (Spinelli, 2021, p. 131).

O Guia da Educação Midiática (2020) cita Paolo Celot, fundador e secretário-geral da Associação Europeia para os Interesses dos Telespectadores (*EAVI, em inglês*), grupo responsável pela construção de políticas relacionadas à

educação midiática na Comissão Europeia:

Celot vai mais longe e defende que educação midiática é necessidade básica de crianças e jovens, para que entendam o mundo e dele participem ativamente, um pré-requisito para a vida pública em todas as suas esferas. Sua ausência implica nova forma de exclusão. Para o pesquisador, não basta assegurar o direito de acesso à internet: no século 21, a educação midiática passou a ser também direito humano essencial. (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 27).

Portanto, a educação para o uso das mídias é importante não só para a produção e consumo consciente de diferentes conteúdos midiáticos, como também para a formação do cidadão contemporâneo (Spinelli, 2021).

Educação midiática nas escolas brasileiras

Como citado anteriormente por Buckingham (2022), são necessários programas de educação midiática para atingir um nível satisfatório de alfabetização midiática na sociedade. Ainda segundo o autor, a alfabetização midiática é uma habilidade fundamental para a vida humana e “Uma democracia saudável precisa de usuários de mídia bem informados e com discernimento; de cidadãos ativos, que participam da sociedade civil; e de trabalhadores competentes e criativos” (Buckingham, 2022, p. 45).

Assim como Buckingham, pesquisadores e organizações no mundo todo consideram a educação midiática como um componente fundamental da escola e da vida. No Brasil, o interesse pelo assunto cresceu consideravelmente após o Ministério da Educação (MEC) aprovar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017 (Ferrari; Machado; Ochs, 2020).

Spinelli e Santos (2019) explicam que a BNCC é um documento que estabelece o conjunto de aprendizagens a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo das etapas da Educação Básica no Brasil. Os autores ainda afirmam que o Campo Jornalístico/Midiático, dentro da área de conhecimento de Língua Portuguesa, é o que mais se assemelha aos parâmetros de educação midiática (Spinelli; Santos, 2019).

De acordo com o Guia da Educação Midiática (2020), “O chamado Campo jornalístico-midiático possibilita a leitura crítica e a produção de textos de mídia, além do entendimento do papel do jornalismo e da publicidade” (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 34).

Segundo Soares (2018, p. 15), o texto da BNCC aprovado pelo MEC determina que o jovem deve ser capaz de analisar a mídia de forma crítica e deve desenvolver habilidades para produzir conteúdos midiáticos democráticos e participativos. Após análise das Competências Gerais da BNCC, o autor aponta que a área de Linguagens explicitada no documento:

[...] deve garantir aos alunos o desenvolvimento de habilidades para que se expressem e partilhem informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzam sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação. (Soares, 2018, p. 17).

Spinelli e Santos (2019) apontam que, mesmo que o Brasil reconheça a necessidade da abordagem da educação midiática, campo exigido pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (*Programme for International Student Assessment, em inglês*), deve haver dificuldade em colocar a educação midiática em prática, já que o país sempre enfrentou dificuldades para estabelecer uma política pública coerente e eficaz para a educação.

Como explica o Guia da Educação Midiática (2020), a melhor maneira de colocar em prática a educação midiática nas escolas é inserindo em sala de aula posturas pedagógicas que permitam que o próprio aluno construa a trilha do conhecimento.

Aprendizagem baseada em projetos e investigação, curadoria e seleção de fontes confiáveis, pesquisa e documentação histórica ou científica, além da criação de mídias como forma de demonstrar conhecimento, são alguns exemplos de abordagem pedagógica e estratégias de construção de conhecimento que se fortalecem por meio da educação midiática. (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 33)

Buckingham (2022) afirma que o pensamento crítico envolve a análise, síntese e avaliação da informação. O autor ainda dá exemplos de como é possível lidar com as *fake news* por meio de uma abordagem crítica da educação midiática:

Pode ser útil ensinar primeiro sobre as controvérsias em si - inclusive porque a acusação de "*fake news*" pode ser feita por pessoas que podem muito bem ser vistas como as principais culpadas. Para começar, como - e por quem - as "*fake news*" são identificadas como um problema social? Que tipos de alegações as pessoas fazem sobre elas, por que o fazem, e qual a validade de suas provas? Em seguida, os estudantes podem passar a analisar a linguagem e o design visual das histórias de *fake news* e compará-las com fontes oficiais; podem acompanhar a disseminação de determinadas histórias e como outras mídias as replicam; e podem investigar *hiperlinks* nesses *sites* e entre eles, e os tipos de publicidade que veiculam. (Buckingham, 2022, p. 104)

Buckingham (2022) ainda aponta que é possível fazer uso da educação midiática para abordar criticamente assuntos como propagandas on-line; *cyberbullying* e discurso de ódio; e autorrepresentação on-line. Para o autor, a educação midiática deveria ocupar uma parte significativa do currículo escolar dos jovens.

O Guia da Educação Midiática (2020) explica que a abordagem crítica apontada por Buckingham (2022), que sugere que o aluno faça um percurso de aprendizado com base em questionamentos e investigação, permite que os jovens desenvolvam habilidades relacionadas ao pensamento crítico, trabalho em equipe e curadoria de informações. A ideia é que em sua trajetória, os alunos aprendam a “acessar, pesquisar, filtrar e produzir no ambiente informacional e midiático” (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 38).

Considerações finais

A educação midiática, entendida neste relatório de pesquisa como a educação para o uso consciente e responsável da mídia, tem como principal preocupação o desenvolvimento do senso crítico do indivíduo. A necessidade de uma abordagem educativa ainda na adolescência surge diante, principalmente, dos avanços tecnológicos que contribuem para a agilidade dos processos comunicativos e do aumento na produção e disseminação de conteúdos informacionais, verdadeiros e falsos.

Por meio de revisão bibliográfica e estudo de trabalhos de diferentes autores, este relatório buscou compreender a importância da inserção da educação midiática nas escolas brasileiras e como essa implementação pode ser colocada em prática. Entende-se, portanto, que a educação midiática consiste no desenvolvimento de habilidades para acessar, analisar e participar do ambiente midiático de maneira consciente, mas que não se pode reduzi-la ao tecnicismo, já que o principal objetivo dessa capacidade é desenvolver o entendimento crítico.

Para que a educação midiática contribua de fato para a formação do senso crítico dos jovens, é necessário desenvolver posturas pedagógicas que incentivem o pensar autônomo e a investigação, permitindo que o estudante construa a própria trilha do conhecimento e que o professor seja o facilitador. Deste modo, o jovem deve aprender a pesquisar e selecionar fontes confiáveis, ler criticamente o

conteúdo informacional, identificar diferentes formatos de conteúdos midiáticos e participar desse universo de maneira crítica, responsável e ética.

Conclui-se, portanto, que a implementação da educação midiática nas escolas brasileiras, prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quando desenvolvida de maneira adequada, possibilita que o jovem aprimore a capacidade de se relacionar com o outro e, conseqüentemente, exerça seu papel cidadão na sociedade. Pode considerar-se que usuários de mídia bem informados são essenciais para a preservação da democracia e que isso contribui para uma boa convivência com outros indivíduos.

Esse relatório de pesquisa não aprofundou a definição dos termos educomunicação, estudos dos meios, mídias na educação e outros relacionados à temática da comunicação e educação, tendo focado apenas na linha de pesquisa que define a educação midiática como a educação para o uso da mídia e a formação do entendimento crítico. Outros futuros trabalhos podem abordar as semelhanças e diferenças entre as diversas linhas de pensamento relacionadas ao tema.

É relevante destacar que o presente relatório de pesquisa, após novos estudos e aprofundamento, pode vir a se transformar em um artigo para ajudar a compor o escopo de trabalhos acadêmicos sobre educação midiática, tema que tem recebido bastante atenção nos últimos anos em todo o mundo, diante das transformações digitais e sociais. É de extrema relevância ampliar e contribuir com a discussão sobre a importância da educação midiática e como ela pode ser colocada em prática no dia a dia.

Referências bibliográficas

AGUADED, I. Precisamos de uma revolução educacional para transformar o mundo. **Comunicação & Educação**, v.21, n.2, 97-101, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/122602>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação [livro eletrônico]**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2022.

BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática**. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

CHAVES, M.; MELO, L. Educação midiática para notícias: histórico e mapeamento de iniciativas para combater a desinformação por meio da educação. **Revista Mídia E Cotidiano**, v.13, n.3, 62-82, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38091>>. Acesso em: 2 mai. 2023.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1. ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <<https://educamidia.org.br/guia>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

FREITAS, J. P.; FERRARI JÚNIOR, J. C. Importância da sistematização dos conceitos educomunicação, TIC'S e mídias na organização curricular escolar. In: SOARES, I. O; VIANA, C; XAVIER, J. B. (Orgs.). **Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo, ABPEducom, 2016.

SAYAD, A. L. V. Educação midiática e pensamento crítico: antídotos contra a “desinformação”. In: COSTA, M. C. C; BLANCO, P. **Liberdade de expressão: questões da atualidade**. 21. ed. São Paulo: ECA-USP, 2019.

SOARES, I. O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, v.19 n.2, 15-26, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

SOARES, I. O. Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil. **Comunicação & Educação**, v.23 n.1, 7-24, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/144832>>. Acesso em: 22 out. 2023.

SPINELLI, E. M. Comunicação, Consumo e Educação: alfabetização midiática para cidadania. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação-RBCC**, v.44, n.3, 127-143, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/interc/a/BvSNphQnBQcFsJrGjw9f5Hz/?lang=pt>>. Acesso em: 19 set. 2023.

SPINELLI, E. M.; SANTOS, J. A. Saberes necessários da educação midiática na era da desinformação. **Revista Mídia E Cotidiano**, v.13 n.3, 45-61, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38112>>. Acesso em: 3 set. 2023.

STUMPF, I. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

ROBERTA SALLES MOURÃO

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA
ASCENSÃO DO PODCAST JORNALÍSTICO NA ERA
DIGITAL**

CAMPINAS

2023

ROBERTA SALLES MOURÃO

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**ASCENSÃO DO PODCAST JORNALÍSTICO NA
ERA DIGITAL**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina **METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO JORNALISMO** da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto Roldão

PUC-CAMPINAS

2023

Introdução

O podcast é definido como uma mídia sonora por meio do qual a difusão ocorre pela internet e através das plataformas digitais. Vicente (2018) afirma que a palavra podcast surgiu da junção de outras duas palavras: “Pod”, de Personal on Demand, também chamada de iPod, e cast de broadcast, ou também denominada de transmissão.

Em uma pesquisa realizada pela empresa norte-americana Edison Research, em 2017, mostrou que 24% dos entrevistados tinham ouvido pelo menos um podcast no último mês, já 15% disseram que tinham ouvido na última semana, equivalente a 64 e 42 milhões, respectivamente. Em um levantamento mais recente, realizado em 2020, pela PODPESQUISA, mostrou que somente no Brasil, essa mídia tinha cerca de 34,6 milhões de ouvintes.

A pesquisa PodPesquisa Produtor¹ desenvolvida também no ano de 2020, mostrou que 70,3% dos produtores de podcast no Brasil iniciaram seus podcasts a partir de 2018, o que já havia sido apontado pela Pesquisa de Ouvintes 2019/2020. O estudo ainda aponta que há produtores na ativa desde 2004, quando os primeiros podcasts foram criados.

Observando - se a ascensão da produção de podcasts e aumento no número de ouvintes, esta pesquisa busca compreender o surgimento da mídia sonora de maneira que seja possível entender os cenários que propiciaram o seu desenvolvimento e ascensão, a influência com as mídias tradicionais, como o rádio, e o estudos das classificações do podcast. O objetivo central do trabalho é definir de maneira clara e objetiva os principais conceitos relacionados ao podcast desde o surgimento até o crescimento de produções e ouvintes.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica, através da busca por artigos científicos, trabalhos de Conclusão de Curso e pós - graduação, e pesquisas no Google Acadêmico e Biblioteca Virtual disponibilizada pela PUC - Campinas. Strumpf (2010) define como um conjunto de procedimento que ajuda a identificar as informações bibliográficas, selecionar os documentos sobre o tema estudado e realizar um fichamento

¹ Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>> Acesso em: 20 de out de 2023

das informações para que sejam utilizados na redação do trabalho acadêmico.

Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso tem o objetivo geral de promover uma análise do desenvolvimento do podcast como uma nova mídia sonora, trazendo o histórico, principais elementos para o crescimento, tanto de produtores quanto número de ouvintes, a convergência com as mídias tradicionais, como o rádio, e as classificações possíveis para essa nova mídia. O trabalho segue uma ordem cronológica, no qual aborda primeiro o surgimento dessa nova mídia, a convergência e as classificações.

Através dessa pesquisa bibliográfica nos sites citados acima foi possível realizar um fichamento do material considerado relevante e adequado para o desenvolvimento do trabalho, assim, escrever sobre o tema proposto.

Tópicos da revisão bibliográfica

O surgimento e ascensão do podcast

Para Falcão (2019), o podcast é uma mídia sonora cuja difusão é por meio da internet, através das plataformas digitais. Entre as características estão o fato de dividir-se em episódios temáticos, a linguagem mais simples, liberdade de temas e formas de abordagem e baixo custo de produção.

A palavra podcast surge da junção de “Pod”, de iPod6, que significa “Personal on Demand”, ou “pessoal sob demanda” e cast, de broadcast, ou “transmissão”. Embora fosse comum ouvir e baixar arquivos de áudio na internet, em 2004, quando surgiu o podcast, ainda era preciso acessar blogs e endereços específicos para ter acesso a esse tipo de conteúdo (Vicente, 2018).

Procurando facilitar o acesso do ouvinte ao material, Adam Curry, ex-VJ da MTV norte-americana, criou a primeira produção de podcast do mundo, o Daily Source Code. Produção que utilizou a tecnologia RSS (Really Simple Syndication), um software que estava sendo desenvolvido por DavaWiner em colaboração com Curry, que permitia a busca automática de arquivos que eram de interesse do usuário criando uma espécie de personalização de conteúdos.

Essa tecnologia tornou mais simples a distribuição dos episódios, já que permitia que os usuários fizessem uma assinatura do Daily Source Code pelo iTunes. (Vicente, 2018).

Por meio dessa assinatura, o usuário não precisava mais acessar o site em que o programa era disponibilizado para ouvir ou baixar os novos episódios, já que estes eram automaticamente listados pelo iTunes quando o usuário estivesse online, podendo ser então baixados para audição no computador ou, como se tornava cada vez mais comum naquele momento, em players de áudio digital como o iPod. (Vicente, 2018, p 2).

Dessa forma, o podcasting - mistura da iPod com broadcast funcionava basicamente através de um sistema geralmente gratuito de assinaturas, no qual um software de rastreamento e atualização automática garantia que o usuário estivesse sempre em dia com os novos lançamentos sem precisar acessar diversos sites. Essa possibilidade de assinar conteúdo de mídia por meio do software RSS recebeu a denominação de podcasting (Nucci, 2005).

A partir desse contexto, o podcasting surge como um novo processo midiático na Internet, e oferecem formas particulares de interação.

A pesquisa Podcast Consumer 2017, da empresa norte - americana Edison Research, entre 2006 e 2017, mostrou que 24% dos entrevistados afirmaram ter ouvido pelo menos um podcast no último mês, 15% tinham ouvido na última semana, equivalente a 64 e 42 milhões, respectivamente. Outro dado levantado na pesquisa evidenciou que o percentual de indivíduos daquele país que tinha familiaridade com o termo podcasting subiu de 22% para 60%.²

Já em uma pesquisa mais recente, feita pela PODPESQUISA (2020), que fez análises de audiência na Pandemia de Covid-19, com base em diversos estudos lançados nesse período, mostrou que estima - se que só no Brasil, em 2020, teriam cerca 34,6 milhões de ouvintes.³

Uma das explicações para essa ascensão e adesão do público com essa nova mídia, foi as mudanças dos usuários em relação a tecnologia. Com a popularização dos smartphones e de outros recursos de acesso à internet,

² Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>> Acesso em: 29 de mai de 2023

³ Disponível em: <<https://www.edisonresearch.com/the-podcast-consumer-2017/>> Acesso em 29 de mai de 2023

associada principalmente ao aumento da velocidade, levaram os usuários a uma mudança da preferência por download para a do streaming. (Vicente, 2018).

Com isso, de um modo geral, a prática do download dos arquivos de mídia e posterior reprodução foi substituída pela audição online do episódio de um determinado podcast, seja com a utilização de um computador ou smartphone – diretamente do site de seus realizadores –, ou de um dos muitos agregadores de podcasts hoje existentes (Vicente, 2018, p 3).

Outro elemento também destacado por Vicente (2018) é a periodicidade da produção e transmissão de episódios de um único programa. No podcast, o ouvinte estabelece-se na periodicidade de produção de novos episódios, podendo ser diária, semanal, mensal etc, ou seja, o ouvinte acompanha determinado podcast baseado na periodicidade que aquele produto é disponibilizado nas plataformas de áudio. Ainda, tendo a possibilidade de ouvir aquele produto na periodicidade que encaixe na rotina de cada um, assim tendo liberdade de escolher o tempo ideal para escutar sem comprometer qualquer informação ou cronologia do programa.

Nesses termos, a prática do podcasting tem proximidade com um serviço de streaming, como o Netflix, que fornece séries, documentários e filmes – originais ou não – para exibição sob demanda e desvinculados da grade de programação de uma emissora.(Vicente, 2018, p.3).

A periodicidade que mais encaixa na rotina dos brasileiros é a semanal. De acordo com a pesquisa do POD, em 2020, 43% das produções de podcast no Brasil tem a periodicidade semanal, em seguida da quinzenal com 23%.

Além da periodicidade da produção e transmissão, os podcasts podem ser acessados na Web de maneira simples a qualquer hora, em qualquer do mundo e dispositivo seja smartphones, computadores ou tablets. Essa possibilidade de acesso cria uma interação do ouvinte com o áudio disponibilizado. Na Web, o usuário que quiser ouvir um podcast não precisa seguir nenhum tipo de roteiro e nem ficar preso a regras temporais entre o emissor e o receptor.

Com o podcast, o usuário escolhe um programa e pode ouvir na hora que quiser, tendo a possibilidade repetir trechos, voltar ao início, ir para o final, enfim, controlar a emissão da mensagem sem perder a informação. Dando

assim, a possibilidade do usuário exercer uma autonomia em relação aquela mídia, já que o controle de tempo e conteúdo fica à sua escolha.

No podcast, diferente da radiodifusão convencional, a recepção da mensagem enviada para o público é assíncrona, ou seja, cada indivíduo decide quando e onde vai ouvir o conteúdo disponibilizado nas plataformas digitais.

Vanassi (2007), explica que no rádio a emissão é centralizada, os emissores e canais de distribuição são limitados e conseqüentemente o conteúdo é distribuído para o máximo de pessoas, diferente do podcast que é o conteúdo é escolhida e segmentado por cada ouvinte de forma individualizada

A convergência do rádio ao podcast

Ferrareto (2014) define o rádio como um meio dinâmico que está presente onde a notícias acontece, transmitindo - a em tempo real para o ouvinte.

Neste século XXI de tantas tecnologias e, por vezes, de poucas humanidades, constitui - se por natureza, e cada vez mais, em um instrumento de diálogo, atento às demandas do público e ocioso por dizer o que as pessoas necessitam e desejam ouvir em seu dia a dia (Ferrareto, 2014, p.8.).

Novas tecnologias e demandas surgidas na primeira década do século XXI fizeram com que o rádio se modificasse em alguns aspectos, principalmente com o avanço das tecnologias e meios digitais, mas sempre mantendo as características básicas, dentre elas: o texto radiofônico, a clareza, objetividade e a alta descrição.

Um dos aspectos que observa - se a modificação é a interação do locutor com o ouvinte.

É comum as rádios terem páginas em redes sociais, divulgando material, programas e chamando o público, trabalho de marketing. As transmissões online também estão tomando conta das páginas das rádios, onde o ouvinte passa a ser telespectador, possibilitando talvez uma melhor experiência (Gualberto, 2019, p. 4).

Bianco (2010) analisa que essa interação do público com o ouvinte é justamente impulsionada pelas novas possibilidades de transmissão da mensagem que se estendeu com as plataformas digitais, com a Internet, celulares, o rádio digital e o satélite.

Dentre estas novas possibilidades destaca-se o rádio digital. A

transição do rádio analógico para o digital foi fortalecida pelo surgimento e desenvolvimento da webrádio e do podcast, que permitiu que o público conseguisse interagir com os programas veiculados de qualquer lugar e hora (Silva, 2018).

A nova modalidade de rádio sob demanda parece distante da lógica do broadcasting do rádio analógico, mas pode ter parentesco tanto com as micromídias quanto com as mídias de nicho. Ou mesmo constituir uma espécie de “mídia comercial”, ao ensinar “o usuário a consumir conteúdo distribuído de forma legalmente sancionada pela indústria cultural” como no caso da loja virtual da Apple, a iTunes Music Store (Herschmann, 2008, p.3).

Herschmann (2008) analisa que diversos sistemas de rádio digital encontram - se em fase de implantação, mudando a forma de recepção radiofônica, com desdobramentos profundos na indústria da cultura e entretenimento.

Mesmo que seja um processo em andamento, há uma série de características na evolução dos meios que permite considerar a convergência uma realidade. Plataformas digitais e produtos, como telefones celulares com acesso à Internet, câmeras de vídeo, player de áudio e outras facilidades já fazem parte do dia-a-dia e do mercado (Bianco, 2010).

O processo de convergência não é apenas consequência da evolução da tecnologia nos últimos anos, a mudança na produção e venda e a distribuição de serviços de comunicação, e marketing também impulsionaram esse processo (Bianco,2010).

A autora ainda analisa que essa convergência significa a transmissão de uma mesma informação em diferentes plataformas e de variadas maneiras, seja som, vídeo, texto ou som.

O que decorre também em alterar a lógica como operam as indústrias midiáticas, ou seja, na forma como processam a informação e o entretenimento para o público desses meios. Mudanças que estão em sintonia com um tipo de consumo cotidiano de mídia cada vez mais convergente (Bianco, 2010, p.3).

Já Pereira (2020) afirma que o crescimento de um novo modelo de distribuição tem impactado o rádio, seja no formato tradicional ou digital, principalmente pelo fato dos ouvintes desta geração já terem experimentado o crescimento de produção de podcasts, que apresenta tanto uma diversidade de

programação quanto o número de ouvintes.

Estudo sobre a classificação do podcast

Logo no início, os podcasts foram desenvolvidos com uma derivação do rádio, buscando fugir das barreiras geradas por uma programação marcada pela linearidade de escuta, ou seja, marcada por uma ordem imposta pelo autor do produto do ouvinte, e livre de qualquer restrição industrial (Júnior, 2020).

Assim como já discutido neste trabalho, o rádio foi expandindo suas características tradicionais e sendo ampliado para a internet. Além desse avanço, outro elemento que impulsionou essa expansão foi a popularização dos equipamentos, programas e transmissão de áudio que transformaram várias pessoas em produtores de conteúdo, principalmente em formato de podcast (Júnior, 2020).

A pesquisa PodPesquisa Produtor⁴ desenvolvida no ano de 2020, mostrou que 70,3% dos produtores de podcast no Brasil iniciaram seus podcasts a partir de 2018, o que já havia sido apontado pela Pesquisa de Ouvintes 2019/2020. O estudo ainda aponta que há produtores na ativa desde 2004, quando os primeiros podcasts foram criados.

Outro ponto interessante levantado por essa pesquisa foi a relação de hobby e profissão. A porcentagem de produtores que fazem de forma única e exclusiva a produção de podcast por hobby foi de 65,70%, já que os que possuem receitas que pagam os seus custos foi de 14,60%. Mesmo com o percentual abaixo do número de produtores de podcasts que fazem por hobby, o levantamento aponta que deverá haver um crescimento de pessoas que utilizarão essa mídia como trabalho.

Alguns elementos podem explicar essa troca de hobby por trabalho. Vanassi (2007) explica que uma das características que contribui é a produção, já que para se produzir esse tipo de mídia não são necessários conhecimentos técnicos avançados ou investimentos caros.

Bianco (2010) também analisa que essa produção de conteúdo impulsionada pelas novas maneiras de transmissão que se estendeu com as plataformas digitais, como a internet e celulares

⁴ Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>> Acesso em: 20 de out de 2023

Dentro de todo esse cenário de ascensão da produção de conteúdo, consequentemente do crescimento de produtores, foram sendo desenvolvidos podcasts com diversos formatos, tipos, durações e finalidades. Por isso, foi necessário um estudo sobre para compreender as classificações dos podcasts e utilização em cada produção.

A partir de análise de podcasts educacionais, Carvalho (2009) propôs seis aspectos distintos de classificação dessa mídia sonora: tipo, formato, duração, autor, estilo e finalidade.

O primeiro aspecto analisado pela autora é o tipo de podcast, que pode ser dividido em: Expositivo/Informativo, Feedback/Comentários, Instruções/Orientações e Materiais Autênticos.

O Expositivo/Informativo tem o principal objetivo de fazer uma apresentação, síntese ou resumo de determinado conteúdo escolhido pelo emissor, como resumos de livros, análise ou explicações de conceitos. Já o Feedback/Comentários são comentários críticos sobre determinado trabalho, sempre com o principal objetivo de ser construtivo, assim abordando aspectos positivos e de melhoramento. As Instruções/Orientações seriam indicações para o desenvolvimento de trabalhos e estudos. Por último, os materiais autênticos são os produtos criados para o público, como as entrevistas de rádio.

Quanto ao formato, Carvalho (2009) classifica como: áudio, vídeo e combinação de imagem com locução e a captação do ecrã com locução, o screencast. Ela denomina o podcast em vídeo como vodcast, utilizado para demonstração de determinado conteúdo. O screencast permite fazer tutoriais. Já o áudio, facilita a execução daquele conteúdo podendo parar, avançar e etc.

Já a duração nos podcasts educacionais, analisados por Carvalho para o desenvolvimento para o desenvolvimento dessa classificação pode ser dividida em: curto, que varia entre 1 minuto até 5 minutos; o moderado, que pode oscilar entre 6 minutos a 5 minutos, e o longo que dura mais de 15 minutos.

A duração do podcast é um dos aspectos que mais impulsionaram essa mídia, visto que pode ser ouvida em qualquer hora, lugar podendo ainda repetir trechos, voltar ao início, ir para o final, enfim, controlar a emissão da mensagem sem perder a informação. Dando assim, a possibilidade do usuário exercer uma autonomia em relação aquela mídia, já que o controle de tempo e conteúdo fica à sua escolha.

No levantamento do PODPESQUISA⁵, em 2020, 23,6% do público entrevistado indicou que prefere ouvir podcasts que tenham duração de 10 a 30 minutos.

Quanto ao autor, a pesquisa de Carvalho classificou em três: professor, alunos e outras entidades. Muitos dos podcasts feitos pelos professores para os alunos são uma forma de esclarecer conteúdos que não ficaram claros ou fazer um resumo da matéria trabalhada. Já quando o emissor é o aluno, a principal finalidade é propiciar uma alternativa aos trabalhos escritos. Os podcasts ainda podem ser realizados por outras entidades, como cientistas, escritores, políticos e etc, para serem explorados em aula

Em relação ao estilo pode variar em formal ou informal. Carvalho explica que o estilo do podcast depende da relação do emissor e receptor. A finalidade, último aspecto proposto pela autora, também pode ser variado. Pode ter tanto a finalidade de informar um conteúdo, quanto de divulgar e motivar.

Portanto, os aspectos levantados por—Carvalho utilizados nesta pesquisa para a discussão sobre a classificação do podcast, foram necessários para compreender o atual cenário dos podcasts no país, visto que se trata de um assunto com poucos estudos e que está diretamente relacionado a uma expansão e popularização de uma mídia sonora relativamente nova e que apresenta diversos formatos, tipos, emissores, receptores e tempo.

⁵ Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>> Acesso em: 20 de out de 2023

Considerações finais

A partir da pesquisa bibliográfica e a contextualização do termo podcast, tido como uma mídia sonora por meio do qual a difusão ocorre pela internet e através das plataformas digitais, foi possível desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso abordando o surgimento do termo, a popularização, convergência com o rádio e, por fim, a classificação dessa mídia sonora.

Considerada uma nova mídia sonora, o primeiro podcast surgiu em 2004 justamente com a proposta de permitir que o público buscasse de maneira automática os arquivos que eram de interesse, possibilitando uma personalização de conteúdo, o que antes não era possível.

Durante a análise de fatores que levaram a popularização dos podcasts no mundo foi necessário ressaltar o papel fundamental da periodicidade flexível de produção e escuta dessa mídia. No podcast, o produtor estabelece a periodicidade de produção e divulgação de novos episódios, e o ouvinte acompanha determinado podcast baseado na periodicidade que aquele produto é disponibilizado. Mas ainda existe a possibilidade do usuário determinar a periodicidade que encaixe em sua rotina, assim tendo liberdade de escolher o tempo ideal para escutar os episódios sem comprometer qualquer informação ou cronologia do programa.

Importante ressaltar que outros fatores também tiveram influência na ascensão dessa mídia sonora. Neste trabalho foi pontuado os elementos mais expressivos de forma que a compreensão sobre esse conceito fosse passada de forma objetiva e clara.

Com o surgimento e ascensão do podcast gerou dúvidas sobre quais são os conceitos que diferenciam o rádio e o podcast e se existiu uma convergência das duas mídias.

Novas tecnologias fizeram com que o rádio se modificasse em alguns aspectos, mas mantendo as características básicas, que são: o texto radiofônico, a clareza, objetividade e a alta descrição. Um dos aspectos que foi observado durante o desenvolvimento deste trabalho foi a modificação da interação entre o locutor e o ouvinte. Os rádios passaram a ter páginas nas redes sociais e

transmissões online que permitiram que o ouvinte tivesse mais interação e melhor experiência.

Por último, o trabalho trouxe uma exemplificação dos tipos de classificação que os podcasts podem receber. Com a popularização e o crescimento no número de produções foram surgindo diversos formatos, durações, autores e estilos. A partir da análise de podcasts educacionais a autora Carvalho propôs seis aspectos distintos de classificação dessa mídia sonora: tipo, formato, duração, autor, estilo e finalidade, dos quais foram utilizadas neste trabalho para entender a classificação dessa mídia.

Importante ressaltar que a classificação da autora não é única, já que apenas analisou os podcasts educacionais. Essa classificação foi escolhida para o desenvolvimento da pesquisa, pois explica de forma clara os conceitos considerados importantes para a produção do podcast, como formato, finalidade e duração.

Além disso, existem poucas pesquisas que explicam e trazem uma taxonomia do podcast, de forma que daqui um tempo novas pesquisas sejam realizadas, e assim, utilizadas para complemento deste trabalho.

Referências bibliográficas:

BIANCO, N. R. D. O Futuro do rádio no cenário da convergência frente às incertezas quanto aos modelos de transmissão digital. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 12, n. 1, 2010. Acesso em: 18 ago. 2023.

CARVALHO, Ana Amélia, Aguiar, Cristina & Maciel, Romana. Taxonomia de Podcasts: da criação à utilização em contexto educativo. In A. A. A. Carvalho (org.), **Actas do Encontro sobre Podcasts. Braga**: 2009, p. 95-105.

FALCÃO, B. M.; TEMER, A. C. R.P. O podcast como gênero jornalístico orientado a objetos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém - Pará. **Anais [...]** Belém. 2019. p. 1- 14.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2014.

GUALBERTO, P.P, ASSIS, C. M. A EVOLUÇÃO DO ÁUDIO – Convergência do rádio ao podcast. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Bélem - Pará. **Anais** [...] Belém. 2019. p. 1- 15.

HERSCHMANN, M., KISCHINHEVSY, M. A "geração podcasting" e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, 15(37), p 101–106, 2009.

JÚNIOR, B, F. **Proposta de classificação de podcasts jornalísticos na internet brasileira, orientado a objetos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020. p. 1- 15.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 1991.

NUCCI, J. P. A ruidosa revolução do podcasting. In: São Paulo, **Revista Meio & Mensagem**, edição 4 de julho, 2005

PEREIRA, A. A. S., MONTEIRO, J. C. da S.. A convergência do rádio: o podcast como proposta para o jornalismo em aplicativos de streaming. **Revista Comunicação, Cultura E Sociedade**, 7(1), p 117–129, 2020.

SILVA, A.O., OTA, D.C. Conteúdos sonoros em convergência midiática. Estudo de caso do Café Brasil, um programa de rádio que reúne webrádio e podcast. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO**, 41., 2018, Joinville - Santa Catarina. Intercom. Joinville. p. 1 - 13.

SOUSA, S; OLIVEIRA, S. G; ALVES, L. H. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**. v.20, n.43, p.64-83, 2021.Acesso em: 29 de mai de 2023.

STUMPF, C, R, I. Pesquisa Bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. (p. 51-61) 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/448625988/Pesquisa-Bibliografica-Ida-Regina-C-Stumpf>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

VANASSI, Gustavo C. **Podcasting como processo midiático interativo**. Monografia. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.Disponível em:<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vanassi-gustavo-podcasting-processo-midiatico-interativo.pdf>.<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141724/000784999.pdf?sequence=1isAllowed=y>. Acesso em: 28 de mai de 2023.

VICENTE, E. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **Emergências periféricas em práticas midiáticas**. Tradução. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em:
<<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002906541.pdf>> Acesso em 28 de mai de 2023.